UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

GUSTAVO MASSAMI NOMURA

**Análise da pronúncia de aprendizes japoneses no Brasil:
produção das estruturas silábicas CVC e CCV**
(versão corrigida)

São Paulo
2013

GUSTAVO MASSAMI NOMURA

**Análise da pronúncia de aprendizes japoneses no Brasil:
produção das estruturas silábicas CVC e CCV**

(versão corrigida)

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras, Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Sá Amado

São Paulo
2013

NOMURA, G. M. Análise da pronúncia de aprendizes japoneses no Brasil: produção das estruturas silábicas CVC e CCV. Dissertação apresentada ao Departamento de Letras, Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em 02 de julho de 2013.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rosane de Sá Amado (presidente)

Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira (titular)

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Flaviane Romani Fernandes Svartman (titular)

Universidade de São Paulo

Aos meus alunos, principais motivadores
deste trabalho e, em especial, àqueles que
se dispuseram a ser informantes da
pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao Prof. Dr. Shiguelo Watanabe (IF/USP), por ter apostado em mim lá atrás mesmo sem me conhecer direito e sem cuja ajuda não teria chegado tão longe.

À Profa. Dra. Rosane de Sá Amado, pela confiança, pela paciência e por toda a orientação, não somente para este trabalho, mas para a vida.

Aos Profs. Drs. Waldemar Ferreira Netto e Raquel Santana Santos, pelas inestimáveis contribuições durante o exame de qualificação.

Às Profas. Dras. Maria Helena da Nóbrega, Madalena Teixeira e Safa Jubran, pelas valiosas aulas, que contribuíram não apenas com este trabalho, mas também com a minha profissão.

Às Profas. Dras. Betty Salum e Beatriz Gil, principais orientadoras no início do meu trabalho com português para estrangeiros no Centro de Línguas.

Aos colegas da Allegra Idiomas, em especial Erica Higuchi, Grace Ihy e Luiza Takakura, por terem compreendido a importância deste trabalho para o meu desenvolvimento profissional e investido em mim.

Ao grande amigo Paulo Pinheiro, por ser meu lado racional nos momentos de desespero.

Aos queridos Fabiana Ferlin, Júlio Domingas, Rodrigo Limeira, Sônia Tomita, Suzana Hara e Tatyana Assami, pela torcida, apoio e companheirismo. Em especial, Rô, Sô e Su, pela criteriosa revisão feita do trabalho.

À Mariana Batagin, por estar sempre presente mesmo estando distante.

Aos amigos do Grupo de Estudos de Português para Falantes de Outras Línguas e companheiros de congressos. Em especial, Flávia, Juliana, Luhema, Miley, Neide, Pamela, Samira e Talita.

Aos meus familiares, por serem minha base e exemplo de vida e, principalmente, aos meus pais, por todo o apoio.

Ao Dr. Eliotério Monteiro, pelos conselhos e pelos calmantes.

Enquanto eu tiver perguntas e não houver
resposta continuarei a escrever.

Clarice Lispector

RESUMO

NOMURA, G. M. **Análise da pronúncia de aprendizes japoneses no Brasil: produção das estruturas silábicas CVC e CCV**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Apesar de o Brasil ser o país com a maior comunidade japonesa fora do Japão, ainda há poucos estudos sobre a aquisição e aprendizagem do português por falantes japoneses. Partindo da descrição do sistema silábico da língua portuguesa (CÂMARA JR., 1970; FERREIRA NETTO, 2001; CRISTÓFARO SILVA, 2009; CAGLIARI, 2007; CAVALIERE, 2005) e da língua japonesa (SHIBATANI, 1987; ITÔ, 1986; McCAWLEY, 1968; HINDS, 1986), pretende-se observar por meio da Análise de Erros (CORDER, 1967) quais as estratégias utilizadas por falantes japoneses em processo de aprendizagem da língua portuguesa para pronunciar duas estruturas silábicas que não existem em sua língua materna: sílabas CVC terminadas em /r/ ou /s/, e sílabas com mais de uma consoante pré-vocálica do tipo CCV, com /r/ ou /l/ ocupando a segunda posição de ataque. A partir dessa observação, busca-se determinar quais dessas estruturas representam maior dificuldade para o aprendiz japonês. Para a composição do *corpus*, foram criados dezenove nomes fictícios com as estruturas silábicas em questão e sete informantes foram gravados. Ainda que não tenha sido uma pesquisa quantitativa, por meio da comparação dos resultados foi possível verificar a maior facilidade de produzir sílabas CVC em relação às CCV e, para a maioria, o número de acertos foi maior com a consoante /s/ em posição de coda e /r/ na segunda posição de ataque complexo. Quanto à estratégia utilizada, o uso de inserção vocálica foi maior que o de apagamento, exceto quando /r/ ocupa a posição de coda. A pesquisa mostrou que a dificuldade maior ou menor do aprendiz pode ser entendida a partir de processos fonológicos que acontecem na L1, no caso a língua japonesa.

Palavras-chave: aquisição/aprendizagem de segunda língua (L2); português como segunda língua (PL2); língua japonesa; análise de erros; fonologia.

ABSTRACT

NOMURA, G. M. **Analysis of the pronunciation of Japanese learners in Brazil: production of syllable structures CVC and CCV.** 2013. 140 pp. Master's Dissertation – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Although Brazil is the country with the largest Japanese community outside Japan, there are few studies about Portuguese acquisition and learning by Japanese speakers. Based on the description of the syllabic system of the Portuguese language (CÂMARA JR., 1970; FERREIRA NETTO, 2001; CRISTÓFARO SILVA, 2009; CAGLIARI, 2007; CAVALIERE, 2005) and of the Japanese language (SHIBATANI, 1987; ITÔ, 1986; McCAWLEY, 1968; HINDS, 1986), we intend to observe through Error Analysis (CORDER, 1967) the strategies used by Japanese learners of Portuguese to pronounce two syllable structures that do not exist in their native language: CVC syllables closed by /r/ or /s/ and CCV syllables with /r/ or /l/ in the second onset position. From this observation, we seek to determine which of these structures represents more difficulty for Japanese learners. To compose the corpus, nineteen fictitious names with the syllabic structure in question were created and seven informants were recorded. Although it has not been a quantitative research, by comparing the results we could verify that it was easier to produce CVC syllables than CCV ones. In addition, for most of the informants, the number of correct production was higher with the consonant /s/ in coda position and /r/ in the second onset position. For the strategy used, the use of vowel insertion was higher than deletion, except when /r/ occupies the coda position. Research has shown that the greater or lesser difficulty of the learner can be understood from phonological processes that occur in L1, in this case the Japanese language.

Keywords: second language acquisition (SLA); Portuguese as a Second Language (PSL); Japanese language; Error Analysis; phonology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 2.1 – Representação silábica da palavra <i>professor</i>	23
Figura 2.2 – Representação silábica da palavra <i>professor</i> com o nível CV	24
Figura 2.3 – Representação silábica da palavra <i>professor</i> com Ataque e Rima.....	25
Figura 2.4 – Representação das moras em uma sílaba com vogal longa.....	26
Figura 2.5 – Representação das moras em uma sílaba com consoante final	27
Figura 2.6 – Representação da mora em uma sílaba CV	27
Figura 2.7 – Representação da mora em uma sílaba CCV	27

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1 – Autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros de 2009 a 2011.....	15
Gráfico 1.2 – Comparativo das autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros em 2011 e 2012	16
Gráfico 1.3 – Autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração.....	17
Gráfico 1.4 – Comparativo das autorizações concedidas em 2011 e 2012	18
Gráfico 5.1 – Estratégias utilizadas pela informante 1 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV	56
Gráfico 5.2 – Estratégias utilizadas pela informante 2 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV	60
Gráfico 5.3 – Estratégias utilizadas pela informante 3 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV	63
Gráfico 5.4 – Estratégias utilizadas pela informante 4 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV	67
Gráfico 5.5 – Estratégias utilizadas pela informante 5 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV	71
Gráfico 5.6 – Estratégias utilizadas pela informante 6 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV	75
Gráfico 5.7 – Estratégias utilizadas pela informante 7 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV	78
Gráfico 5.8 – Estratégias utilizadas para a pronúncia da sílaba /kas/	79
Gráfico 5.9 – Estratégias utilizadas para a pronúncia da sílaba /kar/	80
Gráfico 5.10 – Estratégias utilizadas para a pronúncia da sílaba /kra/	81
Gráfico 5.11 – Estratégias utilizadas para a pronúncia da sílaba /kla/	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 – Consoantes da língua portuguesa	31
Quadro 3.2 – Vogais da língua portuguesa.....	31
Quadro 3.3 – Estruturas silábicas da língua portuguesa.....	33
Quadro 3.4 – Consoantes da língua japonesa	35
Quadro 3.5 – Vogais da língua japonesa	36
Quadro 3.6 – Estruturas silábicas da língua japonesa	37
Quadro 3.7 – Silabário da língua japonesa	44
Quadro 3.8 – Silabário da língua japonesa – parte 2	44
Quadro 4.1 – Dados dos informantes	47
Quadro 4.2 – Nomes criados com estrutura silábica CVC	49
Quadro 4.3 – Nomes criados com estrutura silábica CCV	49
Quadro 5.1 – Informante 1 – Realizações da sílaba /kas/	52
Quadro 5.2 – Informante 1 – Realizações da sílaba /kar/	53
Quadro 5.3 – Informante 1 – Realizações da sílaba /kra/	54
Quadro 5.4 – Informante 1 – Realizações da sílaba /kla/	55
Quadro 5.5 – Informante 2 – Realizações da sílaba /kas/	57
Quadro 5.6 – Informante 2 – Realizações da sílaba /kar/	57
Quadro 5.7 – Informante 2 – Realizações da sílaba /kra/	58
Quadro 5.8 – Informante 2 – Realizações da sílaba /kla/	59
Quadro 5.9 – Informante 3 – Realizações da sílaba /kas/	61
Quadro 5.10 – Informante 3 – Realizações da sílaba /kar/	61
Quadro 5.11 – Informante 3 – Realizações da sílaba /kra/	61
Quadro 5.12 – Informante 3 – Realizações da sílaba /kla/	62
Quadro 5.13 – Informante 4 – Realizações da sílaba /kas/	64
Quadro 5.14 – Informante 4 – Realizações da sílaba /kar/	65
Quadro 5.15 – Informante 4 – Realizações da sílaba /kra/	66
Quadro 5.16 – Informante 4 – Realizações da sílaba /kla/	66
Quadro 5.17 – Informante 5 – Realizações da sílaba /kas/	68
Quadro 5.18 – Informante 5 – Realizações da sílaba /kar/	69
Quadro 5.19 – Informante 5 – Realizações da sílaba /kra/	69
Quadro 5.20 – Informante 5 – Realizações da sílaba /kla/	70
Quadro 5.21 – Informante 6 – Realizações da sílaba /kas/	71

Quadro 5.22 – Informante 6 – Realizações da sílaba /kar/	72
Quadro 5.23 – Informante 6 – Realizações da sílaba /kra/	73
Quadro 5.24 – Informante 6 – Realizações da sílaba /kla/	74
Quadro 5.25 – Informante 7 – Realizações da sílaba /kas/	75
Quadro 5.26 – Informante 7 – Realizações da sílaba /kar/	76
Quadro 5.27 – Informante 7 – Realizações da sílaba /kra/	77
Quadro 5.28 – Informante 7 – Realizações da sílaba /kla/	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1 SÍLABA E MORA	23
2.1.1 Representação da sílaba na fonologia não-linear	23
2.1.2 Moras	26
2.2 ANÁLISE DE ERROS: UM MODELO DE AQUISIÇÃO DE L2.....	28
3 REVISÃO TEÓRICA	31
3.1 O SISTEMA FONOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	31
3.1.1 Consoantes e vogais	31
3.1.2 O sistema silábico da língua portuguesa	32
3.2 O SISTEMA FONOLÓGICO DA LÍNGUA JAPONESA	34
3.2.1 Consoantes e vogais	35
3.2.2 O sistema silábico da língua japonesa	37
3.2.3 A noção de mora na fonologia japonesa	41
3.2.4 O sistema de escrita da língua japonesa e a pronúncia de palavras estrangeiras ...	43
4 METODOLOGIA.....	47
5 ANÁLISE DOS DADOS	51
5.1 OCORRÊNCIAS POR INFORMANTES.....	52
5.1.1 Informante 1.....	52
5.1.2 Informante 2.....	57
5.1.3 Informante 3.....	61
5.1.4 Informante 4.....	64
5.1.5 Informante 5.....	68
5.1.6 Informante 6.....	71

5.1.7 Informante 7.....	75
5.2 COMPARAÇÃO DOS DADOS	79
 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 84
 REFERÊNCIAS	 86
 ANEXOS	 92
ANEXO A – Figuras utilizadas para a coleta de dados.....	93
ANEXO B – Informante 1: Transcrição fonética.....	99
ANEXO C – Informante 1: Transcrição ortográfica	101
ANEXO D – Informante 2: Transcrição fonética.....	106
ANEXO E – Informante 2: Transcrição ortográfica	108
ANEXO F – Informante 3: Transcrição fonética	112
ANEXO G – Informante 3: Transcrição ortográfica	114
ANEXO H – Informante 4 – Transcrição fonética.....	117
ANEXO I – Informante 4 – Transcrição ortográfica.....	119
ANEXO J – Informante 5: Transcrição fonética	123
ANEXO K – Informante 5: Transcrição ortográfica	125
ANEXO L – Informante 6: Transcrição fonética	129
ANEXO M – Informante 6: Transcrição ortográfica	131
ANEXO N – Informante 7: Transcrição fonética.....	136
ANEXO O – Informante 7: Transcrição ortográfica	138

1 INTRODUÇÃO

O Censo Demográfico do ano 2000, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontava 510.068 estrangeiros vivendo no Brasil. Em primeiro lugar apareciam os portugueses, seguidos por japoneses, italianos e espanhóis. Esse número vinha diminuindo a cada Censo na segunda metade do século XX, mostrando que o grande fluxo migratório ocorreu até a década de 1950. Além da menor quantidade de imigrantes chegando ao país, o declínio nesses números pode estar relacionado também à mortalidade dos estrangeiros com idade avançada que chegaram ao país durante as grandes ondas migratórias do início do século XX (IBGE, 2011).

Contudo, durante a primeira década do século XXI, o Brasil passou por um grande crescimento econômico e ganhou maior projeção no exterior. Esse fato somado à crise econômica de 2008 nos Estados Unidos, ao consequente agravamento da crise financeira na Europa e às restrições para a entrada de imigrantes nesses países tornaram o Brasil um grande atrativo para estrangeiros que desejam não apenas visitar, mas trabalhar e fixar residência no país (FELLET, 2012; FREIRE, 2012; OLAVO, 2010). Influenciado por esses fatores, houve um aumento de 84% no número de estrangeiros vivendo no Brasil – chegando a 942 mil –, o que indica uma nova onda migratória para o país.

Nos últimos anos, como pode ser observado nos gráficos 1.1 e 1.2, o Ministério do Trabalho e Emprego registrou um número crescente na emissão de autorizações de trabalho para estrangeiros no Brasil.

Gráfico 1.1 – Autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros de 2009 a 2011¹

¹ BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (Coordenadoria Geral de Imigração). **Relação das autorizações de trabalhos concedidas até 2012**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/geral/estatisticas.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

Gráfico 1.2 – Comparativo das autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros em 2011 e 2012²

Além disso, é crescente o número de estrangeiros que fixam residência no Brasil e obtêm visto permanente por união estável com cidadão brasileiro, abrigo político ou situações especiais envolvendo investidores estrangeiros, como pode ser visto no gráfico 1.3. Essa quantidade de autorizações triplicou em 2012, como mostra o gráfico 1.4.

Gráfico 1.3 – Autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração³

² BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (Coordenadoria Geral de Imigração). **Relação das autorizações de trabalhos concedidas até 2012**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/geral/estatisticas.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

³ BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (Coordenadoria Geral de Imigração). **Resumo das autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/geral/estatisticas.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

Gráfico 1.4 – Comparativo das autorizações concedidas em 2011 e 2012⁴

Dos estrangeiros no país, os japoneses têm representatividade expressiva. De acordo com dados divulgados em 2009 pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o Brasil abrigava 128.090 estrangeiros de nacionalidade japonesa, número suficiente para classificá-lo como o país com a maior comunidade de origem japonesa fora do Japão⁵.

Estatística divulgada pela Coordenação Geral de Imigração (CGI)⁶ mostra que até setembro de 2011 foram emitidas 1648 autorizações de trabalho a japoneses, número 33% maior se comparado aos doze meses de 2009. Dessa forma, o Japão aparece como o nono país que mais enviou estrangeiros ao Brasil, à frente de países europeus como França, Espanha, Portugal e países latino-americanos como México, Colômbia, Peru e Argentina.

Apesar desses números expressivos, há poucos estudos sobre o ensino de português para japoneses. Trabalhos nessa área seriam extremamente relevantes para auxiliar os professores interessados em lecionar português a esse público.

Cabe destacar que a área comumente chamada de Português Língua Estrangeira (PLE) vem ganhando crescente destaque tanto no âmbito do mercado de trabalho quanto no da pesquisa. Devido também à importância do ensino e da pesquisa em relação ao português falado por comunidades indígenas, passou-se a utilizar os termos Português Língua Adicional (PLA)

⁴ BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (Coordenadoria Geral de Imigração). **Resumo das autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/geral/estatisticas.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

⁵ ASSESSORIA DE IMPRENSA DO MTE. **Hoje é Dia Nacional da Imigração Japonesa**. Brasília, 18 jun. 2009. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/imprensa/hoje-e-dia-nacional-da-imigracao-japonesa.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

⁶ BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (Coordenadoria Geral de Imigração). **Autorizações concedidas a estrangeiros por país de origem**. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/trab_estrang/est_origem.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2012.

e Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL), expressão que será empregado neste trabalho para se referir a essa área.

Almeida Filho (2007) divide as pesquisas feitas na área de PFOL em seis núcleos ordenados de acordo com o número de pesquisas encontrados:

1. Processos de aquisição (ensino/ aprendizagem)
2. Formação de professores
3. Material didático
4. Português x Espanhol
5. Português L2 em contextos africanos
6. Aquisição de categorias gramaticais

É notório, como destaca o autor, a “pouca eleição de tópicos mais classicamente linguístico-gramaticais como os de aquisição de elementos formais do sistema da língua-alvo” (2007, p. 50).

A classificação feita por Almeida Filho não levou em conta as pesquisas defendidas na Universidade de São Paulo. Na relação abaixo, obtida por meio de pesquisa no banco de dados do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP (SIBi)⁷, constam 13 dissertações e 3 teses defendidas em PFOL.

- 2002 - *A interlíngua na fala de adultos e jovens, aprendizes da língua portuguesa* (mestrado), Maria do Rosário Montes Gallego
- 2004 - *Marcadores discursivos no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil* (mestrado), Sérgio Duarte Julião da Silva
- 2005 - *A identidade brasileira nos livros de português para estrangeiros publicados nos Estados Unidos* (mestrado), Ana Paula Faria
- 2005 - *A identidade cultural no processo de aprendizagem do português língua estrangeira (PLE) no Brasil* (mestrado), Giselda Fernanda Pereira
- 2007 - *A conjugação de 'Ser' e de 'Ter' em alguns livros didáticos de português língua estrangeira sob a ótica do pensamento complexo* (mestrado), Linei Matzenbacher Zampietro
- 2008 - *A interlíngua na interação dos aprendizes do PLE* (mestrado), Maria Sylvia Antonioli
- 2008 - *Decodificação do português (L2) falado por estrangeiros ingleses e americanos* (doutorado), Maria do Rosário Montes Gallego
- 2008 - *Textos literários no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil* (mestrado), Neide Tomiko Takahashi

⁷ Disponível em: <<http://www.usp.br/sibi/>>.

- 2009 - *Traços fonético-fonológicos do Português para falantes do espanhol e do inglês: segmentos dificultadores para a aquisição do Português Brasileiro* (mestrado), Valéria Sena de Camargo.
- 2010 - *Análise e exploração de marcadores discursivos no ensino de português-língua estrangeira (PLE)* (doutorado), Sérgio Duarte Julião da Silva
- 2010 - *Ensino e aprendizagem de português língua estrangeira: os imigrantes bolivianos em São Paulo - uma aproximação sociocultural* (doutorado), Maria Eta Vieira
- 2011 - *Aquisição dos tempos verbais do Português por falantes de línguas Timbira* (mestrado), Juliana Chaves de Souza
- 2011 - *Aquisição de sons do Português por hispano-falantes* (mestrado), Flávia Isabel da Silva Guimarães
- 2012 - *Aquisição dos sons do Português por falantes anglófonos* (mestrado), Miley Antonia Almeida Guimarães
- 2013 - *O léxico da cultura brasileira no livro didático Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros* (mestrado), Luhema Santos Ueti
- 2013 - *Produção textual no ensino de Português Língua Estrangeira: paralelo entre o livro didático e o exame oficial de proficiência Celpe-Bras* (mestrado), Rosana Salvini Conrado

Como pode ser observado, há pesquisas em relação aos processos de aquisição, materiais didáticos e o contraste do português x espanhol, mas também destacam-se as pesquisas feitas em relação à aquisição de categorias gramaticais, tópico que seria o menos estudado de acordo com a classificação de Almeida Filho. O número de pesquisas feitas na área de PFOL na USP está em pleno processo de expansão, consolidado com a criação do Grupo de Estudos de Português para Falantes de Outras Línguas (GE-PFOL), em 2009. Contudo, ainda não há na lista nenhum trabalho feito sobre a aquisição de português por falantes japoneses.

Almeida Filho (2009) faz um inventário de dissertações e teses na área de Português Língua Estrangeira de 1986 a 2009. Nessa pesquisa, consta apenas uma dissertação relacionada ao ensino de português para os japoneses, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):

- *Ensino do artigo em cursos de português para japoneses*, Denise Barros Weiss (1994)

Este trabalho teve como objetivo elaborar uma estratégia didática de ensino do uso dos artigos para falantes nativos de japonês. Partiu-se do princípio de que as diferenças de marcação morfossintática da definitude em japonês e em português dificultam a aprendizagem do uso dos artigos pelos alunos japoneses. Verificando-se como se dá o uso dos artigos em português e comparando esse uso com o das posposições GA e WA em japonês, chegou-

se a um dimensionamento das dificuldades dos alunos. A partir desses dados, foi montada uma apresentação didática específica para esse grupo de alunos.

Uma busca nos bancos de dados das principais universidades brasileiras aponta para mais três trabalhos que não aparecem na lista de Almeida Filho. No banco de dados da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi possível encontrar duas dissertações de mestrado relacionadas à aquisição do português por falantes de japonês:

- *A interferência fonológica no português falado pelos japoneses na região de Campinas (S.P.)*, Elza Taeko Doi (1983)

Este trabalho visa a registrar as variáveis fonológicas, decorrentes da interferência do Japonês no Português falado pelos japoneses, observando a influência dos fatores extralingüísticos (idade quando da chegada ao Brasil, permanência no Brasil, profissão, residência urbana/rural) que, por hipótese, atuam nessa interferência. Em termos segmentais, a interferência ocorre e persiste nos segmentos presentes apenas na língua secundária e nos segmentos que, embora presentes em ambos os sistemas, tem diferenças no ponto de articulação. Em termos suprasegmentais, o ritmo silábico da língua primária influi na realização do Português, na duração maior e mais uniforme das sílabas e na ausência de isocronia acentual. Com relação à influência dos fatores extralingüísticos, verificou-se que apenas a idade e a profissão atuam no Português dos japoneses que apresentam pequeno grau de interferência. A intensidade do contacto com a sociedade brasileira suscitaria neles uma atitude de maior valorização na pronúncia do Português.

- *Aquisição do português como segunda língua: o caso das crianças yuba*. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (1997)

O propósito deste trabalho é fazer um estudo dos estágios iniciais de aquisição do Português como segunda língua, por seis crianças de uma comunidade de nipo-brasileiros do Brasil. Até a idade escolar, fase em que começa a aquisição do Português (L2), estas crianças falam unicamente o Japonês (L1) como língua materna. Foi tomado como objeto de estudo um fenômeno sintático que diferencia o Japonês do Português: o parâmetro da linearidade (isto é, a ordem das palavras). O estudo realizado ampara-se no modelo de princípios e parâmetros da teoria da gramática gerativa (Chomsky, 1965, 1981 e 1986), correlacionado aos estudos sobre "language transfer" (Odlin, 1989). É mostrado que, nesta fase da aquisição de L2, as crianças transferem o parâmetro "head last" de sua LI para a L2, uma língua de parâmetro "head first", fato que contraria alguns estudos que negam a existência de "transfer" (Dulay e Burt, 1974; Dulay et al., 1982), principalmente no nível sintático (Felix, 1975; Paradis e Genesee, 1996).

Na Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi possível encontrar uma dissertação relacionada ao tema:

- *Interferências fonológicas nos falantes bilíngües do português e do japonês: fatores socio e psicolinguísticos*, Cristina Yukie Miyaki Fuchs (1996)

O presente trabalho é um estudo a respeito das interferências fonêmicas da língua japonesa sobre a portuguesa, na fala de informantes nipo-brasileiros de algumas regiões do Paraná (região norte e nordeste) e de japoneses da cidade de Tóquio, estudantes da língua portuguesa como segunda língua. Decidimos realizar este estudo porque o freqüente contato com japoneses e seus descendentes, que eram amigos, parentes, conhecidos do trabalho e das associações culturais japonesas, despertou um sentimento de curiosidade com relação à fala do português realizada por estas pessoas. A metodologia adotada foi a de observação direta e de gravações da fala dos informantes, optando-se pela análise de dados quantitativa. Os informantes, todos bilíngües, adquiriram o japonês como primeira língua e o português como segunda (L2). A fim de estender os resultados das análises labovianas, pelas quais a idade, o sexo e a escolaridade eram relevantes para explicar a interferência, realizamos uma análise destes três fatores ou variáveis, acrescentando outros que consideramos importantes. Nossa análise adicionou a estes fatores sociolinguísticos de LABOV (1972) os seguintes fatores lingüísticos e extralingüísticos: a necessidade e a motivação do aprendiz, a geração, a idade em que ocorreu o primeiro contato com a língua portuguesa, o contexto lingüístico anterior e o posterior à sílaba da palavra e a ocorrência do fonema /l/ ou /r/ em outras sílabas da mesma palavra. A pesquisa demonstrou que os informantes estão ligados por interesses étnicos e culturais. Apesar de não pertencerem à mesma rede social, ou seja, ainda que muitos informantes não se conheçam, os costumes e os hábitos típicos da colônia japonesa representam um forte aspecto de vínculo. Os níveis de interferência variaram muito conforme a motivação apresentada pelo falante. Os informantes que sentiram maior necessidade de aprenderem a língua portuguesa, por variados motivos que tenham existido, automaticamente apresentaram uma grande motivação e bons resultados na aquisição da segunda língua. Na fala destes informantes, notamos um menor nível de interferência e maior desembaraço ao comunicarem-se em português. Os fatores lingüísticos também demonstraram que alguns contextos específicos facilitam a ocorrência de trocas entre os fonemas l| e lrl mais do que outros. Estes casos serão vistos em detalhe posteriormente. Este é um trabalho interdisciplinar que apresenta aspectos sócio-culturais e antropológicos, na medida que relata a imigração do povo japonês e as fases de adaptação deste povo oriental com costumes tão distintos dos do povo brasileiro; além dos aspectos socio e psicolinguísticos, representados pelos fatores que influenciam a maior ou menor manutenção da interferência fonética da fala dos nipo-brasileiros entrevistados.

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), consta uma dissertação de mestrado na área:

- *A monotongação do ditongo nasal átono na fala dos nisseis de Porto Alegre*, Adriano Takamuri Moraes Arakawa (2005)

O tema dessa dissertação é a monotongação do ditongo nasal na fala de informantes – com descendência japonesa. Na base de entrevistas gravadas organizaram-se os dados para análise na linha variacionista de William Labov. Os resultados mostraram que a monotongação do ditongo nasal é um fenômeno recorrente que não tem motivação social. Tudo indica que se trata de uma variação inerente do sistema que os informantes desta amostra incorporam naturalmente à sua fala.

Dos trabalhos citados, apenas Weiss (1994) fez a pesquisa com japoneses em processo de aprendizagem da língua portuguesa no Brasil. Miyaki Fuchs (1996) trabalhou com estudantes universitários de língua portuguesa na Universidade de Sophia, em Tóquio, e imigrantes japoneses que chegaram na primeira metade do século XX e seus descendentes que, apesar de terem nascido aqui, tiveram o japonês como L1. Doi (1983) entrevistou dez japoneses que fixaram residência tanto na área urbana quanto rural na região de Campinas, mas que não passaram por estudo formal da língua portuguesa. Gonçalves (1997) analisou os estágios iniciais de aquisição do português como segunda língua por seis crianças Yuba, comunidade agrícola nipo-brasileira na região de Mirandópolis (SP), a cerca de 600 quilômetros da capital. São crianças que, apesar de nascidas no Brasil, falam somente o japonês como língua materna e têm contato com o português apenas em idade escolar. Arakawa (2005) analisou a fala dos filhos dos imigrantes japoneses em Porto Alegre. Isso nos mostra que, mesmo entre os trabalhos citados, praticamente não há pesquisa feita no âmbito do ensino/aprendizagem da língua portuguesa para falantes japoneses.

Em relação às áreas de pesquisa, Weiss (1994) faz um trabalho no âmbito morfossintático e Gonçalves (1997) faz uma análise de um fenômeno sintático diferente no japonês e no português: o parâmetro de linearidade, ou seja, a ordem das palavras na frase. Doi (1983), Miyaki Fuchs (1996) e Arakawa (2005) trabalharam na área de fonologia, mas buscaram os fatores extralinguísticos que poderiam interferir na pronúncia do português por esses falantes.

Optou-se, nesta dissertação, por trabalhar com japoneses que estão morando no Brasil por motivo de trabalho – próprio ou do cônjuge – e estão estudando a língua portuguesa. Por meio da Análise de Erros (CORDER, 1967), será observada como se dá a aquisição de duas estruturas silábicas da língua portuguesa inexistentes na língua japonesa: CVC e CCV. A primeira estrutura representa sílabas que possuem consoante em posição final, como se observa nas sílabas destacadas em negrito das palavras *carta* e *horas*; a segunda diz respeito a sílabas que possuem duas consoantes em posição silábica inicial, como em *prato* e *livro*. São estruturas

que trazem dificuldade ao falante japonês e pretende-se observar qual das estruturas oferece maior dificuldade e quais as estratégias utilizadas para pronunciá-las.

A escolha de trabalhar com um aspecto fonético-fonológico se deve à importância da pronúncia para a comunicação adequada em uma língua estrangeira. Segundo Brazil (1994), uma comunicação efetiva envolve outras áreas além da pronúncia, como vocabulário e gramática. No entanto, é a pronúncia que tende a estigmatizar mais o falante estrangeiro e causa insegurança no aprendiz. Morley (1994) destaca que o ensino da pronúncia esteve ausente nas aulas de segunda língua/ língua estrangeira por um longo tempo devido a crenças de que a pronúncia não é importante, pode ser assimilada de forma intuitiva pelos aprendizes e é difícil de ensinar. A autora relaciona essas crenças à falta de formação e conhecimento dos professores nas áreas de fonética e fonologia.

Espera-se que a análise aqui apresentada possa auxiliar outros pesquisadores na compreensão de fenômenos da aquisição do português por falantes estrangeiros e aos professores em relação ao ensino de português para japoneses.

A dissertação estrutura-se em seis partes: após a introdução, fala-se sobre os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa: os conceitos de sílaba e mora e a teoria de Análise de Erros; em seguida, é feita uma revisão teórica sobre os sistemas fonológicos das línguas portuguesa e japonesa; depois, são apresentados os informantes e explica-se a metodologia aplicada para o trabalho; após, listam-se os dados e se faz uma análise deles; por fim, chega-se às considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas seções seguintes, serão apresentados os fundamentos teóricos que norteiam este trabalho. Primeiramente, serão esclarecidos os conceitos de sílaba e mora utilizados nesta pesquisa. Depois, falaremos sobre o modelo de Análise de Erros, que será utilizado para a análise dos dados.

2.1 SÍLABA E MORA

2.1.1 Representação da sílaba na fonologia não-linear

A sílaba é uma das construções mais antigas nos estudos de linguagem e a maioria das teorias em fonologia tem um lugar para a sílaba. Goldsmith (2011) destaca, por exemplo, a importância do conceito de sílaba na reconstrução dos sons da língua protoindo-europeia no século XIX. Apesar de ser um conceito antigo, Nespor e Vogel (1986) ressaltam que, na fonologia gerativa, apenas em meados da década de 1970, a sílaba foi aceita como unidade fonológica.

Kahn (1976) propõe que os segmentos ligam-se diretamente à sílaba (representada pela letra grega σ). Como exemplo, temos a representação da palavra *professor* na Figura 2.1:

Figura 2.1 – Representação silábica da palavra *professor*

Clements e Keyser (1983) propõem um nível CV – sendo C consoante e V vogal – entre o nível segmental e o nível da sílaba. É essa proposta que nos permite falar em sílabas do tipo CV, CCV e CVC, entre outras. A representação da palavra *professor* passa a ser, segundo esses autores, a seguinte:

Figura 2.2 – Representação silábica da palavra *professor* com o nível CV

Nespor e Vogel (1986) argumentam que não há necessidade de outras subcategorias silábicas, pois é possível explicar fenômenos fonológicos no nível silábico a partir da postulação de regras em relação ao limite inicial ou final da sílaba. As autoras usam como exemplo o caso da glotalização de /t/ em inglês quando esta consoante ocupa posição final da palavra, como pode se observar nos exemplos abaixo:

- (1) wait → [wai[tʰ]]σ
 report → [re]σ [por[tʰ]]σ

Quando o /t/ final é seguido por uma vogal da palavra adjacente, a glotalização não ocorre, como nos exemplos em (2). Neste caso, /t/ é realizado como [r] em vez de [tʰ].

- (2) night owl → *nigh[tʰ] owl
 heart ache → *hear[tʰ] ache

Kiparsky (1979 apud NESPOR e VOGEL, 1986) afirma que isso acontece porque ocorre ressilabificação e /t/ sai da posição de coda e passa a ocupar a posição de ataque da sílaba

seguinte. Nespor e Vogel argumentam que a regra do tepe [r] é aplicada antes da glotal [tʔ], ou seja, se /t/ encontra-se em um ambiente favorável à ocorrência de [r], não estará sujeito à regra posterior de realização de [tʔ]. Sendo assim, as autoras mantêm a posição de que os conceitos de coda e ataque não são necessários para explicar fenômenos fonológicos, sendo suficiente que se fale em posição inicial, medial ou final da sílaba.

Na fonologia autosegmental, propõe-se que há uma organização hierárquica da sílaba com as categorias Ataque (A) e Rima (R), que pode se dividir em Núcleo (N) e Coda (Co) (SELKIRK, 1982). O Núcleo é a única categoria obrigatoriamente preenchida e, como destaca Cristófarro Silva (2009), no português brasileiro associa-se obrigatoriamente às vogais. O Ataque, por sua vez, é sempre preenchido por uma consoante. Seguindo a estrutura proposta pela teoria, temos a representação para a palavra *professor* na Figura 2.3.

Nessa figura, vemos o exemplo de três das estruturas silábicas possíveis na língua portuguesa: a primeira sílaba possui duas consoantes ocupando a posição de ataque, a qual chama-se ataque complexo; a segunda possui a estrutura básica CV, e a terceira possui uma consoante na posição de coda. Como veremos adiante, a língua japonesa não permite as estruturas CCV e CVC em final de palavra na sua fonologia.

Figura 2.3 - Representação silábica da palavra *professor* com Ataque e Rima

Clements e Keyser (1983, p. 19) advertem sobre a dificuldade de se encontrar evidências para a existência da rima na estrutura silábica. Para os autores, ataque, núcleo e coda deveriam

estar no mesmo nível, pois a ocorrência de restrições entre o núcleo e os elementos precedentes da sílaba seriam tão comuns quanto a ocorrência de restrições entre o núcleo e os elementos seguintes. Desta forma, não se justificaria a classificação do núcleo como uma ramificação da rima em um nível diferente do ataque silábico. Harris (1983), no entanto, cita restrições que ocorrem na rima para o espanhol e não encontra correspondência com as restrições entre o ataque e o núcleo. Como exemplo, o autor diz que, em espanhol, o fonema /n/ é realizado como a velar [ŋ] quando ocupa posição de rima. Por isso, a palavra *cantan* é realizada como ca[ŋ]ta[ŋ]. Nespor e Vogel (1986) argumentam que essa regra pode ser feita em relação à fronteira silábica, ou seja, /n/ é realizado como velar [ŋ] quando ocupa a posição final da sílaba. Fudge (1987), assim como Harris (1983), defende a existência da rima dividida em núcleo e coda.

2.1.2 Moras

Apenas a noção de sílaba não é capaz de explicar fenômenos fonológicos que ocorrem em algumas línguas, como o latim ou o japonês. Trubetzkoy (1969) diz que uma sílaba longa pode ser dividida em duas partes, que correspondem a unidades chamadas *moras*. McCawley (1968a) define que a primeira mora consiste na consoante inicial e a primeira metade da vogal longa; a outra mora seria o restante da sílaba considerada pesada, ou seja, a segunda mora pode ser a segunda parte da vogal longa, como pode ser visualizado na Figura 2.4, ou a consoante final, como na Figura 2.5, sendo μ a representação da mora e σ da sílaba. Nota-se que a noção de sílaba não é descartada em função da mora.

Figura 2.4 – Representação das moras em uma sílaba com vogal longa

Figura 2.5 – Representação das moras em uma sílaba com consoante final

Uma sílaba pode ser considerada leve ou breve quando consiste de uma mora e pesada ou longa quando possui duas moras. De forma mais simples, pode-se dizer que a sílaba é leve quando termina em vogal breve, e pesada quando termina em vogal longa ou consoante. A consoante inicial, portanto, não constitui uma mora independente, pois, como observa Bisol (1999), não contribui para o peso silábico, por isso a representação da Figura 2.6. Mesmo que a palavra possua duas ou mais consoantes antes da vogal, continua sendo uma sílaba leve com apenas uma mora, como na Figura 2.7.

Figura 2.6 – Representação da mora em uma sílaba CV

Figura 2.7 – Representação da mora em uma sílaba CCV

A regra para a acentuação em latim (MCCAWLEY, 1968a; TRUBETZKOY, 1969), pode ser formulada da seguinte forma: o acento nas palavras com três ou mais sílabas recai naquela que contém a penúltima mora antes da última sílaba. Ou seja, se a penúltima sílaba tiver duas moras, ela será acentuada; caso tenha apenas uma, o acento recairá sobre a sílaba anterior, caracterizando o que hoje chamamos de proparoxítonas. Isso pode ser melhor observado nos exemplos de Quednau (2004):

(3) a) com a penúltima longa:

fidēlis, fortitūdo, religiōsus, magīstra, turbulēta

b) com a penúltima breve:

facilis, femina, amicitia, viola, imperium

Yoshida (1990) diz que há línguas que são melhor analisadas em termo de sílabas e aquelas em que a análise deve ser feita em termo de moras, como é o caso da língua japonesa. O português, por exemplo, é uma língua em que a análise pode ser feita apenas a partir da noção de sílaba, sem a necessidade de se recorrer às moras. Mesmo no Japão, McCawley (1968a) cita o dialeto japonês de Kagoshima como um exemplo de língua não moraica.

2.2 ANÁLISE DE ERROS: UM MODELO DE AQUISIÇÃO DE L2

A língua materna e a língua alvo de um aprendiz podem apresentar semelhanças, mas certamente há diferenças entre elas. Justamente devido a essa observação, historicamente, atribuíram-se os erros e dificuldades dos aprendizes de L2 aos elementos distintos de L1 e L2 (CHUN, 1980).

Para tentar compreender os elementos que dificultam a aprendizagem de um aluno de língua estrangeira, Charles Fries propôs, em 1945, o modelo de Análise Contrastiva (AC), que mais tarde foi consolidado e difundido por Lado (1957). De acordo com esse modelo, traços diferentes entre L1 e L2 são difíceis de serem aprendidos e traços semelhantes são fáceis. O contraste entre as duas línguas serve, dessa forma, para predizer quais estruturas de L2 seriam

mais fáceis ou mais difíceis de se aprender. Segundo Spolsky (1979), um dos objetivos da AC é que os professores possam preparar materiais didáticos mais eficientes já sabendo quais serão as dificuldades dos alunos. Entretanto, logo percebeu-se que muitos erros previstos não ocorriam, enquanto muitas dificuldades que efetivamente surgiam não eram identificadas, ou seja, nem todos os erros poderiam ser atribuídos a diferenças entre as duas línguas (CHOMSKY, 1965; CHUN, 1980). Corder (1982) destaca ainda que para os professores não bastava identificar as dificuldades, mas saber como lidar com elas.

Neste contexto, Corder (1967) propôs o modelo que ficou conhecido como Análise de Erros (AE), baseado na teoria sociocognitivista de Vygotsky, na teoria mentalista de Chomsky e na competência comunicativa de Hymes (DURÃO, 2004).

Spolsky (1979) destaca que, diferentemente da AC, na AE, não há preocupação imediata em se melhorar o ensino de L2 com materiais mais eficientes. O objetivo da AE, como explica Chun (1980), é identificar as estratégias de aprendizado por meio de análise dos erros que aparecem na fala ou na escrita de um aprendiz de L2. A AE, portanto, somente analisa os erros que realmente aparecem na produção dos estudantes e não faz previsões como fazia a AC. Os erros evidenciam um sistema linguístico de um determinado estágio de desenvolvimento que não é ainda o da segunda língua.

Para Corder (1982), é importante destacar que mesmo um adulto falando sua própria língua materna está sujeito a cometer erros por fatores como lapsos de memória, cansaço, nervosismo. De forma alguma, esses erros refletem uma falta de conhecimento da língua. No caso de um aprendiz de L2, seria insensato esperar que tais erros não fossem cometidos. Esses erros de performance são classificados por Corder como não-sistemáticos. Neste caso, o aprendiz poderia corrigir os próprios erros caso os percebesse, não representando dificuldades reais na aprendizagem de L2.

Assim como há erros não-sistemáticos, há também os sistemáticos. Neste caso, refletem um problema de competência, ou seja, há um conhecimento deficiente de L2. Uma análise dos erros sistemáticos, portanto, é fundamental para se conhecer o estado da língua dos aprendizes. A partir disso, um professor pode saber até onde o aluno já aprendeu e, conseqüentemente, o que ainda precisa aprender; um pesquisador pode encontrar evidências de como a língua é aprendida ou adquirida, quais as estratégias e procedimentos utilizados pelo aprendiz na descoberta da linguagem.

Corder (1982) destaca ainda que cometer erros é uma estratégia utilizada tanto na aquisição de língua materna quanto na de segunda língua. No entanto, há uma diferença: enquanto a criança tem inúmeras hipóteses para testar sobre a língua que está conhecendo, os aprendizes de L2 só tem uma hipótese quanto às semelhanças e diferenças da nova língua com a língua que já conheciam. Como observa Durão (2004), os erros evidenciam que quem produz não está apenas imitando o que ouviu, mas testando estratégias para conseguir se comunicar satisfatoriamente com os enunciados produzidos.

O primeiro passo para uma análise de erros, segundo Corder (1982), é reconhecer a produção idiossincrática. De acordo com o autor, toda frase deve ser considerada idiossincrática até que se prove o contrário. Mesmo que se consiga compreender a produção de um falante em língua estrangeira e esta não esteja necessariamente errada, deve-se comparar com a forma com que um falante nativo da língua-alvo produziria essa frase em uma situação normal. O segundo passo é investigar o dialeto idiossincrático do aprendiz, o que inclui a comparação entre a língua materna e a língua alvo. O autor enfatiza que nem sempre o motivo de uma certa produção na língua alvo tem relação com a língua materna. Pode ser também influência da maneira como se aprendeu a língua. O terceiro passo é a explicação. É bem provável que haja interferência da língua materna no processo, mas é preciso esclarecer o que e como um estudante aprende quando estuda uma segunda língua. Descrever os erros de um aprendiz na língua alvo evidencia suas dificuldades e permite ao professor não apenas dizer que está errado, mas tendo o conhecimento necessário, orientá-lo a formar uma regra que funcione melhor na língua alvo.

3 REVISÃO TEÓRICA

Nesta seção, será feito um breve panorama sobre o sistema fonológico da língua portuguesa e, de forma um pouco mais detalhada, o da língua japonesa, pois entende-se que o público a que se destina esta dissertação esteja mais familiarizado com a primeira do que com a segunda.

3.1 O SISTEMA FONOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

3.1.1 Consoantes e vogais

Conforme proposto por Camara Jr. (2007 [1970]), Ferreira Netto (2001), Jubran (2004) e Cristófaros Silva (2009), pode-se chegar ao seguinte quadro fonológico das consoantes que compõem a língua portuguesa:

Quadro 3.1 – Consoantes da língua portuguesa

	bilabial	labiodental	dental	alveolar	palatal	velar
oclusiva	p b	t d				k g
nasal	m		n		ɲ	
fricativa		f v		s z	ʃ ʒ	
vibrante múltipla	r					
vibrante simples	ɾ					
lateral				l	ʎ	

Da mesma forma, chega-se a sete vogais do português:

Quadro 3.2 – Vogais da língua portuguesa

	anterior	central	posterior
fechada	i		u
semifechada	e		o
semiaberta	ɛ		ɔ
aberta		a	

Entre os casos relevantes de alofonia, podemos destacar a realização de /d/ como a africada [dʒ] diante de /i/ e como [d] nos demais ambientes. Por exemplo, ['de.du] e ['dʒi.ke]⁸. A contraparte surda /t/ também é realizada como a africada [tʃ] diante de /i/ e realiza-se [t] nos demais ambientes, como ['ʃi.ru] e ['tɛ.tu].

Em relação às vogais, há sete apenas em posição tônica. Camara Jr. (2007 [1970]) observa que as vogais semiabertas /ɛ/ e /ɔ/ somente são fonológicas nessa posição, como nos casos de s[e]ko e s[ɛ]ko, f[o]rma e f[ɔ]rma.

Em posição pretônica, o quadro é reduzido para cinco vogais, sendo as que constam no Quadro 3.2 com exceção das duas semiabertas ou, como classifica o autor, médias de 1º grau. Isso ocorre pela neutralização, ou seja, perda do traço distintivo entre /e/ e /ɛ/, /o/ e /ɔ/. Por exemplo, a palavra caf[ɛ] tem a vogal semiaberta em posição tônica. Na palavra derivada caf[e]teira, a vogal [ɛ] passa a ser [e]. Da palavra f[ɔ]rma, deriva-se o adjetivo f[o]rmoso com a possibilidade da pronúncia f[ɔ]rmoso em variação livre, mas fonologicamente tratada como /o/.

No caso das vogais em posição átona final, o quadro se reduz a apenas três vogais: /a/, /i/ e /u/. Nesse caso, há neutralização entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/. Por exemplo, a palavra *tato* pode ser pronunciada como /'tatu/ apenas com a posição da sílaba tônica distinguindo de *tatu* /ta'tu/. A palavra *nave* é pronunciada como /'navi/. Como consequência da neutralização entre /e/ e /i/ nas átonas finais, há a palatalização de /t/ e /d/ que, como foi apontado, ocorre apenas diante de /i/, por isso a palavra *gente* é pronunciada gen[tʃi], e *verde* é pronunciada ver[dʒi], por exemplo.

3.1.2 O sistema silábico da língua portuguesa

A língua portuguesa possui uma ampla variedade de possibilidades silábicas. No Quadro 3.3, são listadas as sílabas possíveis na língua portuguesa de acordo com proposta de Ferreira

⁸ [ʊ] é o símbolo fonético que representa a vogal /u/ em uma posição mais baixa e ocorre em finais átonos de palavras. Não chega a ser fonológico na língua portuguesa por não ser distinto de [u] quanto ao significado. O mesmo pode ser dito de [ɐ], pronunciada de forma um pouco mais alta que [a], mas sem gerar distinção fonológica na língua portuguesa.

Netto (2001), sendo V a representação de vogal, C de consoante e G de *glide* – também conhecido como semivogal.

Quadro 3.3. Estruturas silábicas da língua portuguesa

tipos de sílaba	exemplos
V	/a.ba.ka.'ʃi/
CV	/'kɔ.la/
CVC	/ser.'te.za/
CCV	/'pra.to/
VC	/es.'kɔ.la/
CVCC	/pers.pi.'kaz/
CCVC	/ʃa.'dres/
CCVCC	/trɛ̃Ns.'por.te/
VG	/'oj.to/
VGC	/'ejs/
CVG	/'bej.ʒo/
CCVG	/'trow.ʃa/
CVGC	/'majs/
CCVGC	/vi.'trajs/

No caso das sílabas com uma consoante pré-vocálica, Cristófaró Silva (2009) observa que /p, ʔ, r/ somente podem ocorrer em posição intervocálica, ou seja, essas consoantes não podem ocorrer em início de palavra e a sílaba anterior deve terminar com uma vogal oral. Há duas exceções: 'nhoque' e 'lhama'. Trata-se, no entanto, de empréstimos e há possibilidade de pronunciá-las como '[i]nhoque' e '[i]lhama'.

Em relação às sílabas com duas consoantes pré-vocálicas, a autora observa que a primeira consoante deve ser uma obstruinte (/p, b, f, v, t, d, k, g/) e a segunda uma líquida (/l, r/). O encontro consonantal /dl/ não ocorre em português e /vl/ só ocorre em nomes próprios (Vladimir, Vlamir). O encontro /vr/ e /tl/ não pode acontecer no início da palavra, mas é encontrado em algumas palavras, como li/vro/ e a/tlas/.

A posição pós-vocálica da sílaba pode ser ocupada pelas consoantes /S, R, l, N/. Quando há duas consoantes pós-vocálicas, a segunda posição deve ser obrigatoriamente preenchida por /S/.

Cagliari (2007) não distingue os casos de *glide* e considera que as estruturas silábicas do português são preenchidas apenas por consoantes C e V. Para o autor, V pode ocorrer como monotongo, ditongo ou tritongo. Por exemplo, *pé* [pe], *teu* [teu] e *qual* [kvaʊ] possuem o

mesmo padrão silábico – CV. A diferença está no fato de que V na primeira é um monotongo, na segunda, um ditongo e, na terceira, um tritongo. No caso do plural dessas palavras – [pes], [teus] e [koais] –, a estrutura é CVC, com as mesmas distinções de V ditas anteriormente.

Cristófaró Silva (2009) opta por tratar os *glides* como vogais e utiliza o padrão silábico CVV, proposto por Camara Jr. (2007 [1970]) para o caso de uma palavra como [teu]. Dessa forma, as semivogais são interpretadas como vogais altas /i, u/ opcionais que podem preceder ou seguir outra vogal e nunca ocupam a posição de núcleo silábico.

Cavaliere (2005) mais uma vez utilizando a distinção entre *vou* ['vow] e *voo* [voo], *viu* ['viw] e *vi-o* ['viu] afirma que não é possível admitir que ambas tenham a mesma estrutura CVV. Sendo assim, o autor julga ser mais adequado classificar as sílabas com *glide* como CVC.

3.2 O SISTEMA FONOLÓGICO DA LÍNGUA JAPONESA

A variante padrão da língua japonesa atualmente corresponde ao dialeto utilizado na capital Tóquio. É a língua ensinada na escola e utilizada em comunicações oficiais. No início do século XVI, durante a passagem dos jesuítas portugueses pelo Japão, há registros de que o dialeto considerado padrão era o usado na capital da época Kyoto. Como descrito por Shibatani (2005 [1990]), mesmo quando a sede do governo foi transferida para Edo em 1603, o *status* do dialeto de Kyoto não foi ameaçado, pois Kyoto e Osaka se mantiveram como centro econômico e cultural do país na época. Em 1868, com a oficialização de Edo como capital e a mudança de nome para Tóquio ('capital do leste'), o governo estabeleceu o dialeto da nova capital como variante padrão devido, principalmente, à necessidade de preparação de materiais didáticos para o ensino da língua japonesa como parte do esforço de se iniciar uma educação compulsória. Após a II Guerra Mundial, um novo conceito conhecido como *kyotsugo* – algo como 'língua franca' – passou a ser difundido. Trata-se da língua utilizada para comunicação entre falantes de diferentes dialetos. Apesar de ter como base a variante padrão, mantém traços dialetais, apresentando, portanto, variações regionais. Hoje em dia, os materiais didáticos são preparados levando-se em consideração o dialeto de Tóquio, mas enfatizando as diferenças dialetais.

3.2.1 Consoantes e vogais

De acordo com Shibatani (1987), Vance (1987) e Yamaguchi (2007), o quadro das consoantes da língua japonesa levando-se em consideração o dialeto padrão é o seguinte:

Quadro 3.4. Consoantes da língua japonesa

	bilabial	dental	alveolar	palatal	velar	uvular	glotal
oclusiva	p b	t d			k g	Q	
nasal	m					N	
fricativa			s z				h
vibrante múltipla			r				
<i>glide</i>				j	ɰ		

/N/ e /Q/ são consoantes que Yamaguchi (2007) chama de "especiais", pois podem ocorrer de forma independente sem que haja uma vogal em seguida. Ambos, como veremos adiante, podem ser tratados como unidades moraicais. /N/ pode sofrer assimilação quando ocorre no interior de uma palavra, como na palavra /siN.buN/ 'jornal', pronunciada como [ʃim.buN]. /N/ é realizado como [n] antes de vogais, das consoantes [t, d, n] e em final de palavra; como [m] antes de [p, b, m] e [ŋ] antes de [k, g].

/Q/ representa o primeiro som de uma consoante geminada. Por exemplo, /iQpai/, pronunciada como [ip:ai]. Otaka (2009) considera que /Q/ pode se manifestar como [p], [k], [t], [s], [ʃ], [ʈ], [ʧ], [d], [ɖ], [ɟ] ou [g], dependendo do som seguinte devido à assimilação regressiva. Para Hinds (1986), /Q/ também indica uma parada glotal [ʔ], que ocorre no final de algumas palavras, como /gataQ/, que representa o som da madeira batendo em algo duro.

As consoantes /t/, /d/, /s/, /h/ e /z/ possuem realizações alofônicas. Os fonemas /t/ e /d/ diante da vogal /i/, assim como em português, sofrem palatalização e são pronunciados respectivamente como [tʃ] e [dʒ]. Antes de [u], se realizam como [ʈ] e [ɖ]. Nos demais ambientes, mantêm a pronúncia [t] e [d]. Por exemplo, [ta.ku] 'cozinhar', [ʃi.ga.u] 'estar errado' e [tsu.ku] 'pegar' e a contraparte vozeada [da.su] 'tirar', [ɖʒi.do.ri] 'galinha' e [bin.dzu.me] 'conserva em lata'.

O fonema /s/ antes da vogal /i/ é realizado como o alofone palatal [ʃ]. Nos demais ambientes, permanece como [s]. Na palavra [sa.ʃi.mi] ‘peixe cru’, podemos observar a pronúncia [s] diante de [a] e [ʃ] diante de [i].

Yamaguchi (2007) diz que o fonema /z/ é pronunciado como [dʒ] em posição inicial de palavra, como na palavra [dʒak:a] ‘gêneros diversos’ e [z] em posição intervocálica, como em [ka.ze] ‘vento’. Shibatani (1987), por outro lado, diz que /z/ é pronunciado como [dʒ] apenas antes de [u], por exemplo [dʒut:o] ‘direto’; como [dʒ] antes de [i], o que faz com que /di/ e /zi/ tenham a mesma pronúncia [dʒi]; e como [z] nos demais ambientes. Por exemplo, /zi.'kan/ é pronunciado como [dʒi.kan] ‘horário’ e /ze.'hi/ ‘sem falta’ é pronunciado como [dʒe.hi], pela análise de Yamaguchi, e [ze.hi] pela proposta de Shibatani. Apesar do que foi exposto pelos dois autores, é possível encontrar em Tóquio a pronúncia [zuu] em vez de [dzuu] em palavras como [kazuu] ‘número’ e [zuukizuuki] ‘dor intensa’.

O fonema /h/ diante de /u/ sofrerá anteriorização e se realizará como a fricativa bilabial [ɸ], como em [ɸu.ne] ‘navio’; diante de /i/, é pronunciado como a fricativa palatal [ç], como [çima] ‘tempo livre’; nos demais ambientes, mantém a pronúncia da fricativa glotal [h], como em [ha.na.bi] ‘fogos de artifício’, [he.ja] ‘sala’, [hi] ‘sol’, [hon] ‘livro’.

Trubetzkoy (1969) ressalta que, em japonês, [r] e [l] são intercambiáveis, ou seja, são incapazes de formar uma oposição distintiva. Segundo o autor, [r] pode ser substituído por [l] em qualquer palavra e vice-versa, sem mudar o significado.

Em relação às vogais, há cinco na língua japonesa:

Quadro 3.5. Vogais da língua japonesa

	anterior	central	posterior
fechada	i		u
semifechada	e		o
aberta		a	

Shibatani (1987) observa que existem variações dialetais. Yonaguni, por exemplo, possui apenas três (/i/, /u/, /a/); enquanto Okinawa possui oito vogais fonológicas, pois além das cinco encontradas no dialeto padrão, possui as centrais /ü/. /ö/ e /æ/. Apesar dessas variações, a maioria dos dialetos apresenta apenas as cinco vogais do quadro.

Conforme descrito por Shibatani (2005 [1990]), a vogal posterior fechada /u/ é pronunciada de forma não-arredondada [u] no dialeto de Tóquio, considerado padrão. Essa mesma vogal é pronunciada de forma levemente arredondada nos dialetos do oeste do Japão e, em Okinawa, é claramente uma arredondada [u]. Quando /u/ vem após /s/, /t/ ou /z/, possui pronúncia mais central [ü]. Além disso, essa vogal pode sofrer desvozeamento entre duas consoantes desvozeadas, como na palavra [kʰʊtsʰu], fenômeno que normalmente ocorre em uma fala acelerada.

3.2.2 O sistema silábico da língua japonesa

De acordo com Hinds (1986), antes de qualquer discussão acerca da estrutura fonológica da língua japonesa, é necessário compreender que a percepção das unidades fonológicas da língua está relacionada ao sistema de escrita que, por sua vez, é baseado num silabário e não no sistema fonético. Para compreender melhor, ao se pedir para um falante de português pronunciar uma palavra de trás para frente, ele inverterá as letras, mesmo que resulte em uma sequência de sons agramaticais que ele tentará pronunciar. Por exemplo, espada > adapse. Um falante japonês fará isso com base nas sílabas e não nos sons individuais, como katana > nataka. Essa noção auxiliará no entendimento da importância das unidades moraicas detalhadas posteriormente.

A língua japonesa é composta basicamente por sílabas de estrutura CV (SHIBATANI, 1987; ITÔ, 1986). Itô (1986) propõe seis possibilidades de realizações silábicas na língua japonesa conforme pode ser observado no Quadro 3.6.

Quadro 3.6 – Estruturas silábicas da língua japonesa

tipos de sílaba	exemplos
V	/i.ke.'ba.na/
CV	/ka.mi.'ka.ze/
CVC	/gak.'ko/ /kam.'pa.i/
CVV	/kai.'soo/
CVVC	/toot.'te/

Nos casos em que há sílabas fechadas CVC ou CVVC, observa-se que todas essas sílabas são fechadas por consoantes geminadas, ou seja, a palavra /gak.ko/ é possível, mas não uma palavra como */gak/, */ko.gak/ ou */gak.po/. A partir disso, é possível afirmar que uma consoante pode ocupar a posição de coda silábica apenas em caso de consoantes geminadas. Como pode ser observado no quadro, a outra possibilidade de a sílaba ser fechada é no caso de uma consoante nasal ocupar a posição de coda silábica. Como ela vai ser realizada de acordo com o ponto da articulação da consoante seguinte, podemos também considerar um caso de geminação, sendo pronunciada como [n] antes de [t, d, n], [m] antes de [p, b, m] e [ŋ] antes de [k, g]. A representação silábica proposta por Itô (1986) para uma palavra com consoante geminada pode ser vista na Figura 2.8.

Figura 3.1 – Representação silábica da palavra ‘kappa’

McCawley (1968b) propõe que há uma regra de síncope vocálica nos casos de sílabas CVC fechadas com obstruintes. Por exemplo, a palavra *gaku*, que significa ‘estudos’, pode se juntar a outras palavras como se observa nos exemplos em (1):

- (1)
- a. *gakusee* ‘aluno’
 - b. *gakubu* ‘faculdade’
 - c. *daigaku* ‘universidade’
 - d. *kagaku* ‘química’

Quando se junta *gaku* com uma palavra iniciada pela obstruinte velar desvozeada /k/, observa-se o seguinte fenômeno:

- (2)
- a. *gakkoo* ‘escola’

- b. *gakukoo
- c. *gakgai* ‘conferência acadêmica’
- d. *gakukai

Assim, uma palavra que tivesse a combinação kVk passaria por uma síncope vocálica que gera a combinação kk:

Figura 3.2 – Representação silábica da palavra *gakkai*

Itô (1986) faz uma proposta oposta: a de que na verdade ocorre epêntese vocálica nos casos apontados em (2a) e (2b). O seguinte fenômeno aconteceria, por exemplo, com a palavra *gakusei*:

Figura 3.3 – Representação silábica da palavra *gakusei*

Essa inserção vocálica também poderia acontecer em posição final de palavra, como *daigaku* e quando o segundo morfema é iniciado por vogal, como *gakuin*. Neste caso, Itô (1986) considera que a silabação não pode acontecer entre morfemas diferentes, ou seja, *gak+in* não

poderia formar a palavra *gakin*. Outra possibilidade é que haja uma parada glotal no início de sílabas VC, que bloquearia a silabação entre a consoante final e a vogal seguinte (gak-ʔin).

Além das discussões apresentadas sobre a realização de coda silábica na língua japonesa, Hinds (1986) fala sobre a possibilidade de ocorrerem ataques silábicos numa fala mais apressada do dia a dia. Algumas vogais podem ser apagadas entre duas consoantes não vozeadas, por isso é possível encontrar a pronúncia de alguns ataques complexos:

- (3) a. [ksuri] < /kusuuri/
 b. [tskaw] < /tsukau/
 c. [ʧkatets] < /ʧikatetsu/

O exemplo em (3c) também mostra a realização de um ataque em final de palavra. Ainda segundo Hinds (1986), os únicos ataques silábicos permitidos em final de palavra são aqueles resultantes da queda de uma vogal alta medial entre duas consoantes não vozeadas combinadas com a queda da vogal alta final após uma consoante não vozeada, como se observa em (4):

- (4) a. [omoitsʧ] < /omoitsutsu/
 b. [ikits] < /ikutsu/

No caso desse processo de queda de vogais altas entre consoantes não vozeadas no meio da palavra, pode-se observar a realização da consoante /s/ em coda:

- (5) a. [daiski] < /daisuki/
 b. [ookestora] < /ookesutora/

Ainda sobre a realização da consoante /s/ em coda, Trubetzkoy (1969) observa que a vogal /u/ é frequentemente suprimida após o /s/ em final de palavra. Por exemplo, /desu/ é pronunciado [des].

3.2.3 A noção de mora na fonologia japonesa

Fenômenos fonológicos da língua japonesa normalmente são explicados a partir da noção de *onsetsu*, que corresponde ao que foi denominado *mora*, pois logo percebeu-se que apenas a noção de sílaba não era suficiente. Por exemplo, a palavra ‘bunpō’ é dividida em duas sílabas (bun-pō) e quatro moras (bu-n-po-o). Hinds (1986, p. 405) diz que, em japonês, a mora pode ser composta por uma consoante e uma vogal (CV), uma vogal sozinha (V), uma mora nasal (N) ou a primeira obstruinte de uma consoante geminada, enquanto uma sílaba consiste de uma consoante e vogal (CV), uma vogal sozinha (V), uma vogal longa ((C)V:), uma vogal com uma mora nasal ((C)VN) ou uma vogal mais a primeira obstruinte de uma consoante geminada ((C)VC). Dessa forma, uma sílaba pode ter uma vogal simples ou geminada como núcleo: kyo-o-ka (3 moras e 2 sílabas)

Oostendorp (2005) utiliza o exemplo da poesia tradicional japonesa – haikai – para mostrar que os versos são baseados numa contagem moraica e não silábica. Um haikai é formado geralmente por três versos com cinco, sete e cinco moras, totalizando 17. Como exemplo, vamos utilizar três haicais tradicionais escritos por Bashō Matsuo (1644 - 1694) e disponíveis em Higginson (1985):

- (6) toshi kurenu
kasa kite waraji
hakinagara

Podemos dividir esse haikai da seguinte forma:

- (7) to-shi ku-re-nu
ka-sa ki-te wa-ra-ji
ha-ki-na-ga-ra

Como se observa, os versos contém, respectivamente, cinco, sete e cinco moras. Observando a divisão acima, é possível argumentar que se trata também de uma divisão silábica. No entanto, observemos outro haikai, também do mesmo autor:

- (8) ganjitsu ya
 omoeba sabishi
 aki no kure

A divisão em moras se dá da seguinte forma:

- (9) ga-n-ji-tsu ya
 o-mo-e-ba sa-bi-shi
 a-ki no ku-re

Novamente, os versos apresentam, respectivamente, cinco, sete e cinco moras. O primeiro verso é um claro exemplo de que a regularidade não se manteria caso fosse feita uma divisão silábica, pois seriam apenas quatro sílabas: gan-ji-tsu ya.

Outro exemplo, um haikai de 1680, mostra a contagem das vogais longas:

- (10) inazuma ya
 kinō wa higashi
 kyō wa nishi

- (11) i-na-zu-ma ya
 ki-no-o wa hi-ga-shi
 kyo-o wa ni-shi

Caso as sílabas com vogais longas não fossem divididas em duas moras, a contagem não seria a clássica 5+7+5, ou seja, a regularidade nos versos é encontrada a partir de uma contagem moraica e não silábica.

O próprio sistema de escrita do japonês – *katakana* e *hiragana* – é considerado moraico, como veremos adiante.

3.2.4 O sistema de escrita da língua japonesa e a pronúncia de palavras estrangeiras

Conforme descrito por Shibatani (2005 [1990]), os primeiros registros escritos da língua japonesa datam do início do século VIII e utilizavam caracteres chineses. Ainda hoje, esses caracteres, chamados *kanji*, são usados para escrever as palavras. Por exemplo, o *kanji* 山 é lido como *yama* e significa ‘montanha’. Na segunda metade do século VIII, há registros de que os caracteres chineses eram utilizados levando-se em consideração sua pronúncia. A mesma palavra *yama* aparece escrita com um caractere com som de *ya* (夜 ‘noite’) e outro com som de *ma* (麻 ‘cânhamo’): 夜麻. Nesse caso, como podemos observar, o significado não era levado em consideração, mas apenas seu som. Isso deu origem algum tempo depois aos silabários utilizados para escrita na língua japonesa: o *hiragana*, atualmente utilizado para escrever funções gramaticais e o *katakana*, usualmente utilizado para palavras estrangeiras e expressões onomatopeicas.

Além do *kanji*, do *hiragana* e do *katakana*, o japonês também possui um quarto alfabeto chamado de *rōmaji* ‘letras romanas’. Os primeiros registros escritos em *rōmaji* datam do século XVI, quando missionários portugueses escreveram livros utilizando o alfabeto latino para descrever a língua japonesa com base na pronúncia portuguesa. Em 1867, o missionário americano James Curtis Hepburn desenvolveu um Glossário Japonês-Inglês e propôs um novo padrão de romanização, com base na pronúncia da língua inglesa. Outros padrões foram propostos e, como descreve Carr (1939), o governo japonês oficializou em 1937 o sistema *kunreishiki*. No entanto, durante a ocupação do Japão pós-guerra, voltou-se a utilizar o sistema Hepburn e até hoje é o mais comum para placas, avisos, informações e publicações para estrangeiros, apesar de não ser o oficial. Neste trabalho, inclusive, optou-se pelo sistema Hepburn para a escrita das palavras japonesas em alfabeto latino.

O Quadro 3.7 mostra os caracteres japoneses, sendo o primeiro a representação em *hiragana*, seguido do *katakana* e do *rōmaji*. Optou-se por manter a ordem das vogais no alfabeto japonês (a, i, u, e, o) e consonantais (k, s, t, n, h, m, y, r, w, g, z, d, b, p), conforme consta no *Dicionário básico japonês-português* (FUNDAÇÃO JAPÃO, 2002).

Quadro 3.7 – Silabário da língua japonesa

あ ア a	い イ i	う ウ u	え エ e	お オ o
か カ ka	き キ ki	く ク ku	け ケ ke	こ コ ko
さ サ sa	し シ shi	す ス su	せ セ se	そ ソ so
た タ ta	ち チ chi	つ ツ tsu	て テ te	と ト to
な ナ na	に ニ ni	ぬ ヌ nu	ね ネ ne	の ノ no
は ハ ha	ひ ヒ hi	ふ フ fu	へ ヘ he	ほ ホ ho
ま マ ma	み ミ mi	む ム mu	め メ me	も モ mo
や ヤ ya		ゆ ユ yu		よ ヨ yo
ら ラ ra	り リ ri	る ル ru	れ レ re	ろ ロ ro
わ ワ wa				を ヲ wo
ん ン n				
が ガ ga	ぎ ギ gi	ぐ グ gu	げ ゲ ge	ご ゴ go
ざ ザ za	じ ジ ji	ず ズ zu	ぜ ゼ ze	ぞ ゾ zo
だ ダ da	ぢ デ ji	づ ズ zu	で デ de	ど ド do
ば バ ba	び ビ bi	ぶ ブ bu	べ ベ be	ぼ ボ bo
ぱ パ pa	ぴ ピ pi	ぷ プ pu	ぺ ペ pe	ぽ ポ po

No Quadro 3.8, são apresentados os casos de *yōon*, quando há contração dos sons de dois fonogramas que formam uma única sílaba.

Quadro 3.8 – Silabário da língua japonesa - parte 2

きゃ キヤ kya	きゅ キュ kyu	きょ キョ kyo
しゃ シヤ sha	しゅ シュ shu	しょ ショ sho
ちゃ チャ cha	ちゅ チュ chu	ちょ チョ cho
にゃ ニヤ nya	にゅ ニュ nyu	にょ ニョ nyo
ひゃ ヒヤ hya	ひゅ ヒュ hyu	ひょ ヒョ hyo
みゃ ミヤ mya	みゅ ミュ myu	みょ ミョ myo
りゃ リヤ rya	りゅ リュ ryu	りょ リョ ryo
ぎゃ ギヤ gya	ぎゅ ギュ gyu	ぎょ ギョ gyo
じゃ ジャ ja	じゅ ジュ ju	じょ ジョ jo
びゃ ビヤ bya	びゅ ビュ byu	びょ ビョ byo

Hinds (1986, p. 423) diz que, como o japonês é uma língua basicamente CVCV – com exceção das consoantes geminadas –, qualquer palavra estrangeira que contenha consoantes em posição de ataque complexo ou coda silábica será pronunciada com a inserção de uma vogal, como se observa em (12):

- (12) kimchi (coreano) > kimuchi
 street (inglês) > sutoriito
 old miss (inglês) > oorudomisu

Esse fenômeno pode ser explicado pela ausência de caracteres na língua que representem uma consoante isolada – com exceção de *n*. Por isso, o prato coreano *kimchi* foi introduzido em japonês como キムチ *kimuchi*. Assim como *street* ‘rua’, grafado como ストリート *sutoriito*, e *old miss* ‘solteirona’ オールドミス *oorudomisu*.

Para Trubetzkoy (1969, p. 63), devido a essa inserção vocálica, assim como a comutação de /r/ e /l/, torna-se muito difícil entender um japonês tentando falar uma língua estrangeira. Apenas após longa prática, o falante japonês pode melhorar essa pronúncia. No entanto, frequentemente, vai ao extremo oposto e, num caso de hipercorreção, acaba suprimindo vogais etimológicas das palavras. Por isso, Trubetzkoy afirma que, para os falantes japoneses, consoantes seguidas de /u/ e consoantes sem vogal são simplesmente variantes opcionais de uma sequência de fonemas.

Em relação a estruturas silábicas não permitidas na fonologia da língua japonesa, Itô e Mester (1995) mostram que, na incorporação de empréstimos de palavras do inglês, os japoneses recorrem não apenas à inserção vocálica, como em ‘festival’ [fe.su.ti.ba.ru], mas também ao apagamento consonantal, normalmente substituído por alongamento vocálico, como em ‘party’ [paa.tii].

A língua japonesa também foi influenciada pela língua portuguesa. Em algum momento entre 1542 e 1543 – a data é incerta – os primeiros portugueses chegaram ao Japão, dizendo também ser os primeiros europeus a estabelecerem contato com os japoneses. Além das trocas comerciais, que duraram até a metade do século XVII, houve missões jesuítas que, além da religião, levaram aos japoneses novas peças de vestuário, instrumentos musicais, espécies vegetais e animais (CATZ, 1991; KISH, 1949). Com isso, várias palavras portuguesas foram

incorporadas à língua japonesa e adaptadas ao seu sistema fonológico. A palavra *carta* foi introduzida na língua japonesa com o sentido de ‘carta de baralho’, sendo pronunciada [karuta]. Observamos que a sílaba inicial CVC /kar/ foi dividida em duas sílabas CV [ka.ru] por meio da epêntese da vogal /u/.

O mesmo processo de epêntese acontece com outras palavras como *frasco* que passou a [fu.ra.su.ko], onde a sílaba CCVC [fras] foi separada em três sílabas CV. Assim como ocorre em ‘cruz’ [ku.ru.su].

É interessante observar os casos em que uma consoante não existe no sistema fonológico japonês. Por exemplo, *vidro* tornou-se [bi.do.ro]. Como vimos, em japonês não há a consoante labiodental /v/, havendo, portanto, um processo de oclusivização, mas mantendo-se o traço labial. Assim como *veludo* tornou-se [bi.ro.do]. Também observamos que a vogal epentética escolhida foi /o/ e não /u/ como nos casos anteriores. Isso acontece, provavelmente, porque /du/ em japonês é pronunciado [ɖu]. Dessa forma, o falante opta por manter a oclusiva alveolar vozeada e o traço posterior da vogal, ainda que esta sofra um abaixamento. Assim como pode acontecer com /tu/ passando a /to/ para que não se pronuncie [tsu].

Outro exemplo é a palavra *Brasil*, cuja estrutura silábica é CCV.CVC. Em japonês, mais uma vez tornou-se CV.CV.CV.CV [bu.ra.ɖʑi.ru]. A regra de alofonia da língua japonesa é aplicada mais uma vez: /zi/ sofre palatalização resultando [ɖʑi]. Além disso, observamos que a consoante final /l/, apesar de em muitas regiões do Brasil sofrer semivocalização, mantém seu estatuto consonantal e, como não existe em japonês, produz-se outra líquida alveolar, no caso, o /r/.

Itô e Mester (1995) mostram que a incorporação de palavras estrangeiras nem sempre segue as regras fonológicas da língua japonesa. Por exemplo, existe na língua uma restrição a um único /p/, consoante que, em japonês, aparece apenas de forma geminada, como nas palavras *nippon* ou *kappa*. No entanto, é possível encontrar /p/ em palavras estrangeiras incorporadas à língua japonesa, como no caso de *paper* ‘papel’ pronunciado como [pee.paa]. Além disso, não acontecem em japonês obstruintes geminadas vozeadas (*bb, *dd, *gg, *zz), com exceção de empréstimos, como *dog* ‘cachorro’ [doggu] e *bed* ‘cama’ [beddo]. Além disso, em empréstimos recentes é encontrada a pronúncia [ti] sem palatalização, como em *party* ‘festa’ [paatii] (*[paatʃii]).

4 METODOLOGIA

O *corpus* para esta pesquisa foi coletado na escola Allegra Idiomas, localizada na cidade de São Paulo e voltada para o público japonês. Foi feita uma gravação com sete informantes do gênero feminino nascidas no Japão. Todas eram estudantes de português na época da gravação e as entrevistas foram realizadas na própria sala de aula. Não houve qualquer pré-seleção em relação a gênero, idade, profissão e tempo de residência no Brasil. Uma gravação chegou a ser feita com um informante do gênero masculino, mas, por ele ter morado nos Estados Unidos por 10 anos e ser casado com uma estadunidense, optou-se por descartar os dados devido à acentuada influência da língua inglesa. É importante destacar que o ensino de inglês faz parte do currículo escolar japonês. Contudo, o conhecimento de outros idiomas só foi considerado quando os informantes declararam possuir, no mínimo, conhecimento intermediário da língua.

Os informantes da pesquisa serão identificados por meio de números de 1 a 7 organizados a partir da variável “tempo de residência no Brasil”, sendo a informante 1 a que está há menos tempo e a informante 7 a que reside há mais tempo no país.

Quadro 4.1 – Dados dos informantes

informante	tempo de residência no Brasil	idade	profissão	outros idiomas
1	11 meses	35	professora de japonês	Mandarim
2	3 anos	37	dona de casa	Inglês
3	3 anos	29	produtora de TV	-
4	3 anos	38	dona de casa	-
5	3 anos	39	dona de casa	-
6	6 anos	33	Arquiteta	-
7	23 anos	54	tradutora	inglês

O tempo de residência no Brasil equivale ao início do estudo da língua portuguesa para a maioria. Apenas duas informantes declararam ter estudado português no Japão e, mesmo assim, por cerca de 1 a 2 meses apenas. Por isso, no Quadro 4.1, não se criou uma coluna a

parte para discriminar esse dado. Em relação à profissão, todas as donas de casa vieram acompanhando seus maridos, que vieram para o Brasil a trabalho.

No estágio prévio desta pesquisa, foi feita, com alguns dos informantes, leitura de palavras e frases que continham sílabas CCV ou CVC. Posteriormente, essa ideia foi descartada, pois alguns dos desvios poderiam ter sido causados por influência da leitura (NOMURA, 2012). Por exemplo, a palavra *pacto* é apenas grafada de forma que aparenta ter uma consoante em coda, porém sua pronúncia em português é [pa.ki.tu], ou seja, perfeitamente realizável por um falante japonês pois contém três sílabas CV. A pronúncia encontrada, no entanto, foi [pa.ku.to], com epêntese da vogal /u/, assim como nos outros casos de sílabas CVC. O mesmo aconteceu com outras palavras como *ritmo* [hi. tʃi.mu] e *advogado* [a. dʒi.vo.ga.du], pronunciadas como [hi.to.mo] e [a.do.vo.ga.do]. Não há, na pronúncia, nenhuma sílaba com consoante em coda. No entanto, ao observar a palavra escrita, o falante japonês poderia ter tido a impressão de que se tratava de uma sílaba com consoante em coda e aplicado os mesmos processos fonológicos que aplicaria nesses casos. Observa-se nesses dois últimos casos que o falante japonês optou pela inserção da vogal /o/ em vez de /u/ por não haver, na fonologia do japonês, as combinações [tu] e [du], como já foi exposto. Além disso, o tempo de gravação alongado demonstrou haver maior monitoramento por parte dos informantes quando se trata de um teste de leitura.

Outro teste feito com parte dos informantes foi o de conversa espontânea. No entanto, essa forma se revelou contraproducente, por ser muito difícil encontrar os contextos silábicos desejados para a pesquisa.

Por fim, optou-se por uma pesquisa com ambiente semicontrolado. Os falantes foram apresentados a situações ilustradas e deveriam contar a história utilizando os nomes dos personagens que lhes eram ditos. Foram criados 20 nomes com as consoantes /r/ e /s/ em posição de coda e /r/ e /l/ na segunda posição do ataque complexo. Para cada um desses quatro contextos, houve variação quanto à posição da sílaba na palavra e à tonicidade.

Inicialmente, pensou-se em testar também palavras com a consoante /l/ em posição de coda. Considerando-se a pronúncia utilizada na cidade de São Paulo, uma palavra como ‘calda’ é pronunciada ['kaw.dɐ]. No entanto, essa mesma palavra pode ser grafada como ‘cauda’ com diferença de significado. Por se tratar de um estudo sem a exposição da palavra escrita e com palavras inventadas, não seria possível garantir que a sílaba CVC fosse interpretada como tal e não como CVG, a não ser que se pronunciasse como [ɫ]. Por isso, optou-se por restringir a posição de coda às consoantes /r/ e /s/.

Para as sílabas CVC, foi utilizada a sequência /ka/ ocupando as duas primeiras posições silábicas. Essa opção foi feita para restringir a quantidade de variáveis que podem influenciar na pronúncia da sílaba. Inevitavelmente houve variação nas consoantes iniciais das sílabas seguintes mas, como veremos adiante, esse fato não interferiu nos resultados de maneira significativa.

Nas palavras com sílabas com ataque complexo do tipo CCV, utilizou-se a consoante /k/ na primeira posição silábica e a vogal /a/.

Essas palavras serviram como nomes próprios para os personagens apresentados. O informante era exposto a uma sequência de figuras sem palavras e ele deveria criar uma história. Foram escolhidas oito situações retiradas do livro utilizado no ensino de português para estrangeiros *Muito Prazer: fale o português do Brasil* (FERNANDES; FERREIRA; RAMOS, 2008). No início de cada sequência de figuras, foi informado o nome de cada personagem, por exemplo, “o homem de azul se chama Caspo”. Entre as instruções, também se pediu para evitar o uso de pronomes pessoais como “ele” ou “dele”, preferindo-se o uso dos nomes. Não foi permitido que o informante escrevesse o nome que havia ouvido ou tivesse contato de alguma forma com o nome escrito. No entanto, eles puderam solicitar a repetição do nome a qualquer momento. Cada personagem recebeu apenas um nome com exceção de uma mulher nomeada Clada Cúcar. O nome Gocasda, que representaria a sílaba CVs em posição tônica medial, acabou não sendo utilizado no momento de associar os nomes aos personagens.

Quadro 4.2 – Nomes criados com estrutura silábica CVC

	/kas/	/kar/
pretônica	Caspone	Carfeira
tônica inicial	Caspo	Carto
tônica medial	Gocasda*	Mucarda
tônica final	Gocás	Mucar
postônica	Nizácas	Cúcar

Quadro 4.3 – Nomes criados com estrutura silábica CCV

	/kla/	/kra/
pretônica	Clabide	Cradi
tônica inicial	Clada	Crado
tônica medial	Raclata	Pocrato
tônica final	Xiclá	Pocrá
postônica	Toniciá	Ricra

As produções orais foram gravadas por meio de computador portátil com o programa *Audacity v. 2.0.1* e microfone externo acoplado. As gravações tiveram duração média de 12 minutos. Após as gravações, foi feita uma transcrição fonética. Essa transcrição passou por mais duas revisões antes da análise.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados os dados coletados na pesquisa, seguidos da respectiva análise. Como se trata de uma pesquisa qualitativa, os dados dos informantes serão apresentados individualmente, por meio de quadros e tabelas. Primeiramente, serão apresentados os casos das sílabas com consoante em posição de coda – CVs /kas/ e CVr /kar/. Depois, as sílabas com consoantes em posição de ataque complexo – CrV /kra/ e CIV /kla/.

Considerando-se as adaptações fonológicas da língua japonesa para a pronúncia de palavras estrangeiras, é possível esperar basicamente dois fenômenos: inserção vocálica, como na palavra coreana *kimchi*, que se tornou *kimuchi* em japonês, e apagamento, como na palavra inglesa *March*, que se tornou *maachi* em japonês – neste caso, apesar do apagamento da consoante /r/, a vogal /a/ foi alongada para manter o número de moras. Os desvios serão, então, classificados de acordo com a estratégia utilizada pelo falante: *inserção*, quando for inserida uma vogal, e *apagamento*, quando um dos segmentos da sílaba não for pronunciado. A pronúncia adequada da sílaba será considerada *acerto*, mesmo que a palavra não esteja correta em sua totalidade. Por exemplo, o nome *Caspone* pronunciado como /kas'tori/ será classificado como *acerto*, pois o que se está analisando neste trabalho é a produção da sílaba /kas/, que, neste caso, foi pronunciada corretamente. Como a prioridade do trabalho é analisar a manutenção das estruturas silábicas, os casos de comutação entre /r/ e /l/ sem inserção vocálica serão classificados como *acertos*, pois o falante conseguiu manter a estrutura. Por exemplo, /kra/ pronunciado como /kla/ receberá, para fins deste trabalho, a classificação *acerto*. Os casos de semivocalização, como /kar/ pronunciado como [kaw] ou /kra/ pronunciado como [kwa] também serão classificados como *acerto*, pois a estrutura silábica continua com as posições de coda ou de segunda posição de ataque silábico ocupadas.

A maioria dos nomes foi pronunciada de formas diversas pelo mesmo informante. Essas realizações serão ordenadas nas tabelas em ordem decrescente do número de ocorrências. Após a apresentação dos quadros com os dados encontrados, serão apresentadas uma breve análise e uma tabela com a porcentagem de ocorrências. Por fim, os dados encontrados para cada falante serão comparados por meio de gráficos a fim de se observarem possíveis pontos em comum na aquisição das estruturas silábicas.

5.1 OCORRÊNCIAS POR INFORMANTES

5.1.1 Informante 1

Quadro 5.1. Informante 1 – Realizações da sílaba /kas/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Caspone	pretônica	kas'ponɪ	4	acerto
		kasu'pornɪ	3	inserção
		kasu'ponɪ	2	inserção
		kas'torɪ	1	acerto
		kas'porunɪ	1	acerto
Caspo	tônica inicial	'kasupo	7	inserção
		'kasuko	2	inserção
Gocás	tônica final	go'kas	2	acerto
		'gokas	1	acerto
		go'kasu	1	inserção
Nizácas	postônica	ni'zakasu	10	inserção
		ni'zakas	1	acerto
		te'zakasu	1	inserção

Como se observa no Quadro 5.1, o nome *Caspone* foi pronunciado como /kasu'poni/ e /kasu'porni/, no qual houve inserção da consoante /r/ na sílaba tônica /po/. Esse caso não faz parte da análise deste trabalho, mas é interessante constatar que houve inclusive a epêntese de uma vogal /u/ após essa sílaba com a produção /kas'poruni/. Esta pronúncia foi classificada como *acerto*, pois a sílaba em questão /kas/ foi produzida corretamente. No nome *Caspo*, não houve nenhum caso de *acerto*. Em 100% das realizações houve a inserção da vogal /u/ nas pronúncias /'kasupo/ e /'kasuko/. O nome *Gocás* apresentou número maior de acertos, mas também foi pronunciado como /go'kasu/. Por fim, *Nizácas* foi pronunciado como /ni'zakas/ apenas uma vez, sendo nos outros casos pronunciado com a paragoge de /u/ resultando em /ni'zakasu/ e uma vez como /te'zakasu/ com troca da sílaba inicial. Como este último caso ocorreu apenas uma vez, é possível entender como um lapso, um erro não-sistemático nas palavras de Corder (1967). É possível constatar que a informante 1 utilizou o recurso de inserção da vogal /u/ em todos os nomes, tanto no interior quanto no final da palavra, também sem distinção entre posições átonas e tônicas, ou seja, a epêntese ou paragoge de /u/ na

pronúncia dessa informante é um erro sistemático em que o recurso é utilizado para que a sílaba CVC seja dividida em duas sílabas CV.

Quadro 5.2. Informante 1 – Realizações da sílaba /kar/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Carfeira	pretônica	kar'fejra	9	acerto
Carto	tônica inicial	'karuto	3	inserção
		'karto	2	acerto
		'karko	1	acerto
		'kawko	1	acerto
Mucarda	tônica medial	mu'karda	2	acerto
		mu'karuda	2	inserção
		mu'karta	1	acerto
		mu'karudu	1	inserção
		mu'karu	1	inserção
Mucar	tônica final	mu'kar	4	acerto
		mu'kaw	1	acerto
Cúcar	postônica	'kuka	10	apagamento

Em todas as ocorrências, o nome *Carfeira* foi realizado corretamente como /kar'fejra/. *Carto* foi realizado corretamente como /'karto/ e a variante /'karko/, mas também apresentou a pronúncia com epêntese /'karuto/ e um caso de semivocalização da consoante /r/ que se tornou a semivogal /w/ em /'kawko/. Por ter sido registrado apenas um caso de semivocalização, pode ser um erro não-sistemático. *Mucarda* foi pronunciado corretamente como /mu'karda/ apenas duas vezes e também houve um registro com o desvozeamento da sílaba final /mu'karta/. Os outros fenômenos encontrados foram de inserção /mu'karuda/, /mu'karudu/ e /mu'karu/. No último caso, houve apagamento da sílaba final /da/. *Mucar* foi pronunciado corretamente como /mu'kar/ e uma vez com a semivocalização do /r/ final em /mu'kaw/, assim como ocorreu com /'kawko/. Por fim, *Cúcar*, com a sílaba /kar/ em posição átona final, foi a única palavra que registrou apagamento e além disso foi o recurso utilizado em 100% das ocorrências, como /'kuka/.

Quadro 5.3. Informante 1 – Realizações da sílaba /kra/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Cradi	pretônica	ku'redʒi	3	inserção
		ku'radʒi	2	inserção
		kura'dʒi	2	inserção
		ku'ladʒi	2	inserção
		kulaw'dʒi	1	inserção
		kurawdʒi	1	inserção
Crado	tônica inicial	ku'rado	8	inserção
		'klado	2	acerto
		ku'rada	2	inserção
		'krado	1	acerto
		ku'rawdo	1	inserção
		'kado	1	apagamento
Pocrato	tônica medial	poku'rato	3	inserção
		po'krato	2	acerto
		poku'rito	1	inserção
Pocrá	tônica final	'pukura	9	inserção
Ricra	postônica	'hikura	2	inserção

O nome *Cradi* apresentou epêntese de /u/ em todas as ocorrências. Esse recurso foi utilizado para que a sílaba inicial CCV se tornasse duas sílabas CV. Foram registradas seis pronúncias diferentes para esse nome com variações de tonicidade, pois o nome – originalmente uma oxítona – foi pronunciado como paroxítono em /ku'redʒi/, /ku'radʒi/ e /ku'ladʒi/. Também houve a inserção de uma semivogal /w/ em /kuraw'dʒi/ e em sua variante /kulaw'dʒi/. *Crado* foi pronunciado em mais de 80% das vezes com a inserção de /u/ como /ku'rado/ e com a variação /ku'rada/. Foi registrado apenas um acerto com /'krado/ e também se encontrou a pronúncia /'klado/. Apesar da troca de /r/ por /l/, foi classificado como *acerto*, pois a estrutura CCV se manteve. Especificamente neste trabalho, não será feita uma análise sobre a ocorrência dessas variações. Houve ainda caso de inserção da semivogal /w/ em /ku'rawdo/, assim como já havia sido registrado com /kuraw'dʒi/. Por fim, foi encontrado um caso de apagamento da consoante /r/ em /'kado/. *Pocrato* foi produzido corretamente como /po'krato/ duas vezes. Nas outras quatro ocorrências, houve inserção de /u/ tanto em /poku'rato/ quanto na variação /poku'rito/. O nome *Pocrá* foi pronunciado todas as vezes como /'pukura/. Além da inserção de /u/ após a primeira consoante do ataque silábico /k/, houve deslocamento da tonicidade, fazendo a palavra oxítona se tornar proparoxítona. O nome *Ricra* também teve inserção de /u/ e a pronúncia proparoxítona. Contudo, a tonicidade se manteve na sílaba /hi/.

Quadro 5.4. Informante 1 – Realizações da sílaba /kla/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Clabide	pretônica	kura'bidʒi	3	inserção
		kra'bidʒi	1	acerto
		kura'bizi	1	inserção
Clada	tônica inicial	ku'rada	12	inserção
		ku'rawda	2	inserção
		'kwada	1	acerto
Raclata	tônica medial	haku'rata	6	inserção
		ha'klata	1	acerto
		haku'rato	1	inserção
Xiclá	tônica final	'sikara	6	inserção
		'sikura	4	inserção
		'ʃikwa	3	acerto
		'ʃikla	1	acerto
		'ʃikara	1	inserção
Tonicla	postônica	to'nikura	5	inserção
		to'nikula	2	inserção
		to'nikuri	1	inserção
		'trikura	1	inserção
		tro'nikura	1	inserção

Clabide não foi pronunciado como /kla'bidʒi/ nenhuma vez. A pronúncia mais próxima foi de /kra'bidʒi/ apenas uma vez. Os outros casos foram de inserção: /kura'bidʒi/ e /kura'bizi/. Nesse último caso, houve a fricativização de /dʒi/ para /zi/. *Clada* apresentou apenas um acerto realizado com a semivogal /w/ em /kwada/. A inserção foi utilizada na maioria das vezes com a forma /ku'rada/ e /ku'rawda/. Houve um registro de /'kwada/ com a troca de /l/ por /w/. Esse fenômeno não foi observado nas sílabas com /r/ na segunda posição do ataque complexo. O nome *Raclata* foi pronunciado uma vez como /ha'klata/. Nas demais vezes, foi realizado com epêntese: /haku'rata/ e /haku'rato/. *Xiclá* não foi pronunciado nenhuma vez como oxítônica. Houve deslocamento do acento para a sílaba inicial da palavra, tornando-a paroxítona e proparoxítona dependendo do número de sílabas. Apenas uma vez houve a pronúncia com CCV: /'ʃikla/. Houve inserção de /a/ em /'sikara/ e /'ʃikara/ – possivelmente por aproximação com a palavra *xícara* – e de /u/ em /'sikura/. Houve ainda, assim como com *Clada*, a semivocalização de /l/, que passou a /w/ em /'ʃikwa/. Como se pode observar, houve alternância entre /ʃi/ e /si/. *Tonicla* apresentou epêntese em todas as realizações: /to'nikura/, /to'nikula/, /to'nikuri/, /'trikura/ e /tro'nikura/. Nesses últimos dois, houve um curioso caso de inserção de

/r/ em ataque complexo na sílaba inicial, enquanto o ataque complexo da sílaba final – /kla/ – foi dividido em duas sílabas – /kura/.

O Gráfico 5.1 mostra as estratégias utilizadas pela informante 1 para produção das sílabas CVC e CCV.

Gráfico 5.1 – Estratégias utilizadas pela informante 1 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV

Como pode ser observado, a quantidade de acertos foi maior para a sílaba /kar/ do que para a sílaba /kas/ e ambas as sílabas com estrutura CVC tiveram maior índice de acerto do que as sílabas CCV. No caso destas, /kla/ apresentou um nível de acertos levemente maior do que /kra/. Enquanto a sílaba /kas/ apresentou exclusivamente o processo de inserção, /kar/ teve inserção e apagamento na mesma proporção. As duas sílabas CCV tiveram alto índice de inserção como estratégia para a pronúncia. Se excluirmos da contagem as pronúncias que tiveram apenas uma ocorrência – estando corretas ou não –, a sílaba /kra/ deixaria de registrar apagamento e passaria a ter um índice de acertos proporcionalmente maior do que a sílaba /kla/.

Considerando o nível de acertos, é possível dizer que, para esta informante, a ordem de facilidade de pronúncia é: /kar/ > /kas/ > /kla/ > /kra/. Ou /kra/ > /kla/ se, como foi dito, excluirmos as pronúncias que registraram apenas uma ocorrência. De qualquer forma, é clara a facilidade maior de CVC em relação às sílabas CCV.

5.1.2 Informante 2

Quadro 5.5. Informante 2 – Realizações da sílaba /kas/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Caspone	pretônica	kas'poni	9	acerto
		kasu'poni	2	inserção
		kasu'poɲo	2	inserção
		kas'poɲa	1	acerto
Caspo	tônica inicial	'kaspo	9	acerto
Gocás	tônica final	go'kas	6	acerto
		gu'kas	2	acerto
		'gokas	1	acerto
Nizácas	postônica	ni'zakas	14	acerto
		ni'zakos	1	acerto
		ni'zako	1	apagamento

No caso da informante 2, o nome *Caspone* foi o único que sofreu epêntese, sendo realizado tanto como /kasu'poni/ quanto como /kasu'poɲo/. Neste caso, a sílaba final /ni/ se tornou a palatal /ɲ/ e houve acréscimo da vogal /o/. Essa palatalização também ocorreu na pronúncia /kas'poɲa/ com o acréscimo de /a/. Os dois nomes que apresentam a sílaba /kas/ em posição tônica e são dissílabos, *Caspo* e *Gocás*, foram pronunciados corretamente. No caso de *Gocás*, houve variação na sílaba inicial, pronunciada como /gu/ em vez de /go/, e um caso de deslocamento da sílaba tônica, que passou da sílaba final para a inicial, tornando-se /'gokas/. O nome *Nizácas* foi pronunciado corretamente na maioria das vezes, com apenas uma ocorrência de /ni'zakos/ com a troca de /a/ por /o/ e uma de apagamento do /s/ final em /ni'zako/. Apesar da mudança vocálica, a pronúncia /ni'zakos/ foi classificada como *acerto*, pois a estrutura silábica se manteve.

Quadro 5.6. Informante 2 – Realizações da sílaba /kar/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Carfeira	pretônica	kar'fejra	8	acerto
		karu'fejra	2	inserção
		ka'fejra	1	apagamento
		kar'cera	1	acerto
		ka'fej	1	apagamento

Carto	tônica inicial	'karto	9	acerto
Mucarda	tônica medial	mu'karda	5	acerto
Mucar	tônica final	mu'kar	3	acerto
Cúcar	postônica	'kukar	12	acerto

Carfeira foi o único nome que apresentou pronúncias variadas. Foi pronunciado corretamente como /kar'fejra/ em pouco mais de 60% das vezes. Houve uma variação como /kar'cera/, mantendo a sílaba /kar/, mas trocando /fej/ por /ce/, onde se registram a troca de /f/ pela palatal /c/ e a monotongação de /ej/ passando a /e/. Utilizaram-se a inserção em /karu'fejra/ e o apagamento em /ka'fejra/ e /ka'fej/, com o apagamento também da sílaba final /ra/. Todos os outros nomes foram pronunciados corretamente.

Quadro 5.7. Informante 2 – Realizações da sílaba /kra/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Cradi	pretônica	kura'dʒi	4	inserção
		ku'rabi	2	inserção
		kure'dʒi	1	inserção
Crado	tônica inicial	ku'rado	8	inserção
		'klado	1	acerto
		'krawdo	1	acerto/inserção
		pu'rado	1	inserção
Pocrato	tônica medial	poku'rato	6	inserção
Pocrá	tônica final	'pokura	7	inserção
		'pokra	1	acerto
		'pukura	1	inserção
Ricra	postônica	'hikra	4	acerto
		'hikura	4	inserção
		hiku'rata	1	inserção

Todas as ocorrências de *Cradi* foram com a inserção da vogal /u/. A maior ocorrência foi de /kura'dʒi/, pronúncia que também apresentou uma troca da vogal /a/ por /e/ no caso de /kure'dʒi/. Outro caso encontrado foi o da pronúncia /ku'rabi/, em que além da troca de /dʒi/ pela bilabial /bi/, houve deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba. O nome *Crado*, na maior parte das vezes, também foi pronunciado com epêntese com a forma /ku'rado/. Houve um caso de /'klado/, classificado como *acerto* e outro de /'krawdo/, com inserção da semivogal

/w/ no final da sílaba /kra/. Além disso, houve um caso de troca da velar /k/ inicial por uma bilabial surda /p/ com a inserção de /u/, tornando-se /pu'rado/. *Pocrato*, em todas as ocorrências, foi pronunciado como /poku'rato/, com a epêntese de /u/. *Pocrá* apresentou inserção em /'pokura/ e /'pukura/ e um caso de acerto com /'pokra/. Em todas essas realizações, houve deslocamento da tonicidade da palavra da última para a primeira sílaba, tornando-as proparoxítonas ou paroxítona no último caso. O nome *Ricra* apresentou inserção em /'hikura/, mas também a pronúncia correta /'hikra/. Também houve uma ocorrência de /hiku'rata/, onde, além da inserção de /u/, adicionou-se a sílaba /ta/ no final, possivelmente por confusão com o nome *Raclata*, que já havia sido apresentado.

Quadro 5.8. Informante 2 – Realizações da sílaba /kla/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Clabide	pretônica	kura'bidʒi	3	inserção
		kura'bizi	2	inserção
Clada	tônica inicial	ku'rada	12	inserção
		'kwada	2	acerto
Raclata	tônica medial	haku'rata	7	inserção
Xiclá	tônica final	'ʃikura	5	inserção
		'sikura	2	inserção
		'ʃika	2	apagamento
		'ʃikra	1	acerto
		'sika	1	apagamento
Tonicla	postônica	to'nikura	11	inserção
		to'nikuro	2	inserção
		to'niku	1	apagamento

O nome *Clabide* foi pronunciado em todas as vezes com a inserção de /u/ e o rotacismo de /l/: [kura'bidʒi] e [kura'bizi]. A única variação foi a sílaba final pronunciada como a africada /dʒi/ ou a fricativa /zi/. *Clada* foi pronunciada com os mesmos fenômenos de inserção e rotacismo encontrados em *Clabide*, tornando-se [ku'rada]. Também se registrou a semivocalização de /l/, tornando-se /'kwada/. *Raclata* foi pronunciada em todas as ocorrências como [haku'rata], novamente os mesmos fenômenos ocorridos nos nomes anteriores. *Xiclá* apresentou diversas realizações. ['ʃikra] foi o único caso em que a sílaba se manteve com a estrutura CCV. Houve inserção em ['ʃikura] e ['sikura] e apagamento em ['ʃika] e ['sika]. Como se pode observar, tanto no caso de inserção quanto de apagamento, a consoante inicial variou

entre a palatal [j] e a alveolar [s]. *Tonica* foi pronunciado com os mesmos recursos de inserção e rotacismo encontrados nos nomes anteriores – [to'nikura] e [to'nikuro]. Houve um caso de [to'niku], no qual a sílaba /kla/ foi pronunciada como /ku/, ou seja, ocorreu o apagamento da segunda posição do ataque complexo.

Gráfico 5.2 – Estratégias utilizadas pela informante 2 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV

No Gráfico 5.2, é possível observar que as duas estruturas CVC tiveram um índice de acertos proporcionalmente inverso às sílabas CCV. A sílaba /kar/ teve um índice de acerto levemente maior que a sílaba /kas/. Ambas registraram alguns casos de inserção e apagamento. No caso das sílabas com ataque complexo, /kra/ teve mais acertos e menos inserções que /kla/, sendo que esta última ainda apresentou mais casos de apagamentos do que de acertos. O apagamento de /s/ na sílaba /kas/ não é expressivo, pois ocorreu apenas uma vez, podendo se considerar um erro não-sistemático. A ordem de facilidade para a pronúncia desta informante é: /kar/ > /kas/ > /kra/ > /kla/.

5.1.3 Informante 3

Quadro 5.9. Informante 3 – Realizações da sílaba /kas/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Caspone	pretônica	kas'poni	5	acerto
Caspo	tônica inicial	'kaspo	5	acerto
Gocás	tônica final	go'kas	4	acerto
Nizácas	postônica	ni'zakas	12	acerto

A informante 3 pronunciou corretamente os quatro nomes com a sílaba /kas/.

Quadro 5.10. Informante 3 – Realizações da sílaba /kar/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Carfeira	pretônica	ka'fejra	3	apagamento
Carto	tônica inicial	'karto	5	acerto
Mucarda	tônica medial	mu'karda	4	acerto
Mucar	tônica final	mu'kar	2	acerto
Cúcar	postônica	'kuka	8	apagamento

Todos os nomes com /kar/ em posição tônica – /'karto/, /mu'karda/ e /mu'kar/ – foram pronunciados corretamente. Nos outros, o recurso utilizado foi o de apagamento, que tornou a sílaba CVC uma sílaba CV em /ka'fejra/ e /'kuka/.

Quadro 5.11. Informante 3 – Realizações da sílaba /kra/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Cradi	pretônica	kra'dʒi	3	acerto
		kla'dʒi	1	acerto
		kura'dʒi	1	inserção
Crado	tônica inicial	ku'ladu	4	inserção
		'kladu	1	acerto
		'klawdu	1	acerto
		ku'radu	1	inserção

		ku'lawdu	1	inserção
		ku'lawder	1	inserção
Pocrato	tônica medial	po'kratu	2	acerto
		po'klato	1	acerto
		poku'lato	1	inserção
		poku'ratu	1	inserção
Pocrá	tônica final	poku'ra	4	inserção
Ricra	postônica	'hikura	2	inserção
		'hikra	1	acerto

Diferentemente das sílabas CVC, que não apresentaram pronúncias diferentes para um mesmo nome, as sílabas CCV tiveram variações. O nome *Cradi* apresentou apenas um caso de inserção. Nas demais vezes, foi pronunciado corretamente como /kra'dʒi/ e uma vez com a variação /kla'dʒi/. *Crado* apresentou diversas realizações. Apenas /ku'ladu/ ocorreu mais de uma vez. Todos os outros casos ocorreram apenas uma vez. /'kladu/ e /'klawdu/ mantiveram a sílaba /kla/ com /l/ no lugar de /r/. /ku'radu/, /ku'lawdu/ e /ku'lawder/ apresentaram epêntese de /u/ e, nos dois últimos casos, acréscimo de /w/. Com *Pocrato*, a única ocorrência que se repetiu foi /po'kratu/. Nas outras, houve a manutenção da sílaba CVC em /po'klato/ e inserção em /poku'lato/ e /poku'ratu/. *Pocrá* foi pronunciado com inserção em todos os casos: /poku'ra/. *Ricra* apresentou um caso de acerto – /'hikra/ e os demais casos com inserção – /'hikura/.

Quadro 5.12. Informante 3 – Realizações da sílaba /kla/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Clabide	pretônica	kra'bidʒi	2	acerto
		ka'bidʒi	2	apagamento
		kura'bidʒi	1	inserção
Clada	tônica inicial	ku'rada	4	inserção
		'kulada	2	inserção
		'klada	1	acerto
		ku'lara	1	inserção
Raclata	tônica medial	haku'lata	2	inserção
		haku'rata	2	inserção
		ha'klata	1	acerto
		haku'ra	1	inserção
Xiclá	tônica final	ʃi'kla	4	acerto
		ʃi'kle	1	acerto
		ʃiku'la	1	inserção

Tonicla	postônica	to'nikula	4	inserção
		to'nikla	1	acerto

A informante 3 pronunciou o nome *Clabide* mantendo a estrutura CCV em /kra'bidʒi/, com apagamento da consoante /l/ em /ka'bidʒi/ e com inserção de /u/ em /kura'bidʒi/. *Clada* foi pronunciada uma vez corretamente – /'klada/. Nos demais casos, houve inserção de /u/ com variação entre /ku'rada/, /ku'lada/ e /ku'lara/. *Raclata* também foi pronunciado corretamente apenas uma vez – /ha'klata/. Nos demais, houve inserção em /haku'lata/, /haku'rata/ e /haku'ra/. *Xiclá* foi o único nome pronunciado corretamente – /ʃi'kla/ – na maioria das vezes. Houve um caso de /ʃi'kle/, que pode ser considerado um lapso, e um caso com inserção sem o rotacismo visto anteriormente – /ʃiku'la/. *Tonicla* foi realizado uma vez corretamente – /to'nikla/ – e nos demais casos com a inserção de /u/ – /to'nikula/.

Gráfico 5.3 – Estratégias utilizadas pela informante 3 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV

No caso das sílabas CCV, a informante 3 teve uma única pronúncia para cada nome. Isso explica o índice relativamente alto de apagamento em /kar/, pois os nomes com essa sílaba em posição átona – Carfeira e Cúcar – foram pronunciados com esse processo em 100% das ocorrências. Mais uma vez, o índice de acertos foi maior nas sílabas CVC do que nas sílabas CCV. No caso destas, houve grande variedade de pronúncias diferentes para um mesmo nome,

mas mesmo que excluamos as pronúncias que ocorreram apenas uma vez, as proporções das estratégias utilizadas se mantêm com pouca variação. No caso de CCV, o recurso mais utilizado foi o de inserção vocálica, que não ocorreu nenhuma vez nas sílabas CVC. Para esta informante, a ordem de facilidade é /kas/ > /kar/ > /kra/ > /kla/.

5.1.4 Informante 4

Quadro 5.13. Informante 4 – Realizações da sílaba /kas/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Caspone	pretônica	kas'poni	16	acerto
		kasu'porni	2	inserção
		maskaru'poni	2	acerto
		kas'koni	1	acerto
		'kaspo	1	acerto
		es'poni	1	acerto
		kas'poruni	1	acerto
Caspo	tônica inicial	'kasupo	5	inserção
		'kaspo	3	acerto
		'kasko	1	acerto
		'kasupa	1	inserção
Gocás	tônica final	go'kas	2	acerto
		'gokas	2	acerto
		go'kasu	1	inserção
		do'kasu	1	inserção
		du'kasu	1	inserção
Nizácas	postônica	ni'zakas	10	acerto
		ni'zakasu	1	inserção
		ni'zaka	1	apagamento

A informante 4 apresentou ampla variedade de realizações. O nome *Caspone* foi relizado corretamente como /kas'poni/ em mais da metade das vezes e apresentou as variações /kas'koni/, /'kaspo/ e /kas'poruni/ com a pronúncia correta da sílaba /kas/. A inserção foi utilizada uma vez na pronúncia /kasu'porni/, na qual também ocorreu a inserção da consoante /r/ na sílaba tônica /po/. Foram também registradas as pronúncias /maskaru'poni/, que se assemelha ao nome do queijo *maskarpone* com inserção de /u/ na sílaba /kar/, e /es'poni/, na qual houve o apagamento da consoante inicial. Como ambas mantiveram a pronúncia do /s/ em

coda, foram classificadas como *acerto*. O nome *Caspo* foi pronunciado na maioria das vezes com a inserção de /u/ após o /s/, com a pronúncia /'kasupo/ e uma variação como /'kasupa/. Nas demais vezes, pronunciou-se corretamente /'kaspo/ e com uma alteração da consoante inicial da sílaba seguinte, como /'kasko/. *Gocás* apresentou a pronúncia correta /go'kas/ e com deslocamento da tonicidade da última para a primeira sílaba, como /'gokas/. As demais foram realizadas com inserção de /u/ após /s/, apresentando variação na sílaba inicial, entre /go/, /do/ e /du/. Por fim, *Nizácas* foi quase sempre pronunciado corretamente. Houve uma ocorrência de inserção de /u/ após o /s/ em coda – /ni'zakasu/ – e uma ocorrência de apagamento – /ni'zaka/. Esta foi a única ocorrência de apagamento de /s/ em coda e, por ter ocorrido apenas uma vez, é possível considerar um erro não-sistemático

Quadro 5.14. Informante 4 – Realizações da sílaba /kar/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Carfeira	pretônica	ka'fejra	13	apagamento
Carto	tônica inicial	'kawto	9	acerto
		'karto	4	acerto
		'kawdo	1	acerto
Mucarda	tônica medial	mu'karuda	9	inserção
		mu'karda	1	acerto
Mucar	tônica final	mu'karu	2	inserção
		mu'ka	1	apagamento
Cúcar	postônica	'kuka	13	apagamento
		'kuku	3	apagamento

Todas as ocorrências de *Carfeira* foram com o uso de apagamento do /r/ em posição de coda, tornando-se /ka'fejra/. Assim como na outra palavra com /kar/ em posição átona – *Cúcar* –, que foi pronunciada como /'kuka/ e com a variante /'kuku/. Em *Carto*, o recurso mais utilizado foi o de semivocalização de /r/, que se tornou /w/ em /'kawto/ e em /'kawdo/, em que se registra também o vozeamento da consoante /t/. Também se registrou a ocorrência correta de /'karto/ quatro vezes. *Mucarda* foi pronunciada corretamente como /mu'karda/ apenas uma vez. Em todas as outras ocorrências, utilizou-se a epêntese de /u/ em /mu'karuda/. *Mucar* não foi pronunciado corretamente nenhuma vez. Em duas ocorrências, houve epêntese /mu'karu/ e, em uma, o apagamento /mu'ka/.

Quadro 5.15. Informante 4 – Realizações da sílaba /kra/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Cradi	pretônica	ku'radʒi	6	inserção
		kura'dʒi	1	inserção
		ku'ladʒi	1	inserção
Crado	tônica inicial	'klado	6	acerto
		ku'lado	5	inserção
		ku'rado	2	inserção
		'krado	1	acerto
Pocrato	tônica medial	poku'rato	8	inserção
		po'krato	1	acerto
Pocrá	tônica final	poku'ra	7	inserção
		'pukura	2	inserção
Ricra	postônica	'hikura	5	inserção

Cradi foi realizado em todos os casos com epêntese. Na maioria das vezes como /ku'radʒi/, ou seja, com o deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba, e apenas uma vez como /kura'dʒi/ e sua variante /ku'ladʒi/. *Crado* foi pronunciado na maioria das vezes como /'klado/ ou /ku'lado/ e nas demais como /'krado/ e /ku'rado/. *Pocrato* foi realizado apenas uma vez como /po'krato/. Em todas as outras ocorrências, pronunciou-se com a epêntese em /poku'rato/. *Pocrá* só foi realizado com epêntese em /poku'ra/ e com o deslocamento do acento em /'pukura/. Por fim, *Ricra* também só foi pronunciado com epêntese em /'hikura/.

Quadro 5.16. Informante 4 – Realizações da sílaba /kla/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Clabide	pretônica	kura'bidʒi	4	inserção
Clada	tônica inicial	ku'lada	4	inserção
		ku'rada	4	inserção
		ku'rawda	4	inserção
		ku'raw	3	inserção
		'klada	1	acerto
Raclata	tônica medial	haku'rata	12	inserção
		ha'klata	1	acerto
Xiclá	tônica final	'jíkura	8	inserção
		'jíkula	1	inserção
Toncla	postônica	to'nikura	6	inserção

		to'nikula	5	inserção
		to'niku	1	apagamento

O nome *Clabide* apresentou apenas uma realização – /kura'bidʒi/ – com epêntese de /u/ e rotacismo de /l/. *Clada*, por sua vez, foi o nome que apresentou a maior variedade de realizações. Com exceção da correta /'klada/, que ocorreu apenas uma vez, todas as outras ocorrências foram com inserção. /ku'lada/ e /ku'rada/ além da inserção de /u/ apresentaram variação entre /l/ e /r/. O outro caso foi de /ku'rawda/ com a inserção de /w/ na sílaba tônica e /ku'raw/ com o mesmo processo, mas sem a sílaba final /da/. *Raclata* foi pronunciado apenas uma vez como /ha'klata/. Em todas as demais, foi pronunciado /haku'rata/, com inserção e rotacismo. *Xiclá* foi produzido apenas com inserção de /u/ e variação entre /l/ e /r/ – /'ʃikula/ e /'ʃikura/. *Tonicla* foi pronunciado com inserção em /to'nikura/ e /to'nikula/. Assim como com a informante 2, houve uma realização de /to'niku/, com a produção da primeira sílaba resultante da possível divisão de CCV em CV.CV e posterior apagamento da última sílaba.

Gráfico 5.4 – Estratégias utilizadas pela informante 4 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV

Como se observa no Gráfico 5.4, as sílabas CVC apresentaram maior índice de acertos do que as sílabas CCV. /kas/ apresentou maior índice de acertos e a segunda estratégia mais utilizada foi a de inserção vocálica. /kar/, por sua vez, apresentou quase 50% de casos de apagamento. Esse número expressivo é devido aos nomes com a sílaba /kar/ em posição átona

terem sido pronunciados exclusivamente com apagamento da consoante /r/. Além disso, outro nome, Mucar, também apresentou um caso de apagamento. Em seguida, aparecem os casos de inserção e, com menos casos, os acertos. Enquanto /kas/ apresenta mais de 60% de acerto, /kar/ apresenta pouco mais de 1/3, podendo indicar que a informante ainda tem dificuldade de pronunciar as sílabas com a consoante /r/ em coda. No caso das consoantes em ataque complexo, /kra/ apresentou mais acertos que /kla/ e a inserção vocálica foi a principal estratégia utilizada para a pronúncia dessa estrutura. O índice de acerto da sílaba /kla/ foi de apenas 3% e, se retirarmos da contagem as pronúncias que apareceram apenas uma vez, seria reduzido a 0. Para esta informante, a ordem de facilidade é /kas/ > /kar/ > /kra/ > /kla/.

5.1.5 Informante 5

Quadro 5.17. Informante 5 – Realizações da sílaba /kas/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Caspone	pretônica	kas'poni	10	acerto
		kasu'poni	4	inserção
		kasu'por	1	inserção
Caspo	tônica inicial			
		'kasupo	6	inserção
		'kaspo	5	acerto
		'kaska	2	acerto
Gocás	tônica final	'kasuka	1	inserção
		go'kasu	2	inserção
		go'kadʒi	1	inserção
Nizácas	postônica	go'kaʃi	1	inserção
		ni'zakas	5	acerto
		ni'zaka	2	apagamento

A informante 5 pronunciou o nome *Caspone* corretamente na maioria das vezes e utilizou a inserção /kasu'poni/ e /kasu'por/. Neste caso, em vez da sílaba átona final /ni/ foi realizado um /r/, tornando a sílaba tônica CVC. Contudo, a sílaba CVC /kas/ foi dividida em duas sílabas CV /ka.su/. Em relação ao nome *Caspo*, a maior ocorrência foi de /'kasupo/ com epêntese de /u/. Também foi registrada a variação /'kasuka/. Os outros casos foram de acerto, com a pronúncia /'kaspo/ e a variação /'kaska/. Em relação ao nome *Gocás*, não foi registrado nenhum caso de acerto. Foi utilizada a inserção em /go'kasu/ e nos outros casos a consoante

final /s/ foi substituída pela africada /dʒ/ e pela palatal /j/ com inserção de /i/ em ambas. Tanto /dʒi/ quanto /ji/ fazem parte da fonologia da língua japonesa. O nome *Nizácas* foi o único que não apresentou nenhuma realização com inserção. A pronúncia correta /ni'zakas/ foi realizada na maior parte das vezes e em duas ocorrências recorreu-se ao apagamento da consoante final, tornando a sílaba CVC uma sílaba CV em /ni'zaka/.

Quadro 5.18. Informante 5 – Realizações da sílaba /kar/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Carfeira	pretônica	karu'fejra	4	inserção
		kar'fejra	1	acerto
		ka'fejra	1	apagamento
Carto	tônica inicial	'kartu	4	acerto
		'karutu	3	inserção
Mucarda	tônica medial	mu'karda	9	acerto
		mi'karda	2	acerto
		mu'kara	2	apagamento
Mucar	tônica final	mu'karu	3	inserção
Cúcar	postônica	'kuka	12	apagamento

Carfeira foi pronunciado como /karu'fejra/ com epêntese na maioria das vezes. Houve apenas um acerto e um caso de apagamento em /ka'fejra/. *Carto*, por sua vez, foi pronunciado corretamente como /'kartu/ em pouco mais de metade das vezes e, nas demais, como /'karutu/, com a realização da epêntese. *Mucarda* foi pronunciada corretamente como /mu'karda/ e com a variação da sílaba inicial em /mi'karda/. Não foi registrado nenhum caso de inserção, mas dois de apagamento em /mu'kara/, onde houve o apagamento da consoante /d/ e a sílaba /kar/ se juntou a vogal final /a/, tornando-se /kara/. O nome *Mucar* foi realizado com a inserção de /u/ todas as vezes como /mu'karu/, enquanto em *Cúcar*, optou-se pelo apagamento da consoante final, sendo realizado como /'kuka/.

Quadro 5.19. Informante 5 – Realizações da sílaba /kra/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Cradi	pretônica	ku'radʒi	4	inserção
Crado	tônica inicial	ku'rado	8	inserção
		ku'ra	2	inserção

Pocrato	tônica medial	poku'rato	2	inserção
		po'kato	2	apagamento
		por'kato	1	apagamento
Pocrá	tônica final	'pokura	3	inserção
		'pokra	1	acerto
		'pokas	1	apagamento
Ricra	postônica	'hikura	4	inserção

Cradi foi realizado em todos os casos como /ku'radʒi/, com epêntese. *Crado* foi realizado como /ku'rado/ e /ku'ra/ sem a sílaba final, mas mantendo a inserção de /u/. *Pocrato* foi realizado com inserção em /poku'rato/ e nas demais vezes com apagamento em /po'kato/ e /por'kato/. *Pocrá* apresentou em todas as realizações deslocamento do acento da última para a primeira sílaba. Foi realizado com inserção em /'pokura/ e com apagamento em /po'kato/. Também houve apagamento em /por'kato/ apesar da inserção de /r/ na coda da sílaba inicial. *Pocrá* apresentou deslocamento do acento da última para a primeira sílaba em todas as ocorrências. Tanto no caso de acerto – /'pokra/ –, quanto no de inserção – /'pokura/ – e apagamento – /'pokas/. No último caso, houve ainda a inserção de /s/ na coda da sílaba final. Por fim, *Ricra* foi realizado apenas como /'hikura/, com a epêntese de /u/.

Quadro 5.20. Informante 5 – Realizações da sílaba /kla/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Clabide	pretônica	kura'bidʒi	3	inserção
Clada	tônica inicial	ku'rada	11	inserção
		ku'rawda	1	inserção
Raclata	tônica medial	haku'rata	5	inserção
Xiclá	tônica final	'ʃikura	8	inserção
Tonicla	postônica	to'nikura	11	inserção
		to'nikula	1	inserção
		to'mikura	1	inserção

Esta informante não apresentou muitas variedades de pronúncia. *Clabide*, *Raclata* e *Xiclá* foram pronunciados com a inserção de /u/ e rotacismo de /l/ – /kura'bidʒi/, /haku'rata/ e /'ʃikura/. *Clada* também apresentou a pronúncia /ku'rada/ seguindo o mesmo fenômeno e a pronúncia /ku'rawda/ com inserção de /w/. *Tonicla* teve a pronúncia /to'nikura/, seguindo o

mesmo processo dos outros nomes, mas também apresentou as formas /to'nikula/ e /to'mikura/. Nenhum caso de acerto da sílaba CCV foi registrado.

Gráfico 5.5 – Estratégias utilizadas pela informante 5 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV

Em relação ao índice de acertos, o Gráfico 5.5 mostra que a produção da falante vai de quase 50% na sílaba /kas/, passando por /kar/ com pouco mais de 30%, por /kra/ com 4% e chegando a 0% em /kla/. A inserção vocálica foi a estratégia mais utilizada em todas as estruturas silábicas, sendo a única utilizada para a pronúncia da sílaba /kla/ em todos os contextos. Outra estratégia utilizada para a pronúncia das consoantes em coda foi o apagamento das consoantes /s/ e /r/. O recurso de apagamento também foi utilizado na sílaba /kra/ e foi mais frequente do que os casos de acertos, o que mostra a dificuldade que a informante apresenta para pronunciar duas consoantes na posição de ataque silábico. Para esta informante, a ordem de facilidade é /kas/ > /kar/ > /kra/ > /kla/.

5.1.6 Informante 6

Quadro 5.21. Informante 6 – Realizações da sílaba /kas/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Caspone	pretônica	kas'poni	2	acerto

		kasu'poni	2	inserção
		kasu'poño	2	inserção
Caspo	tônica inicial	'kasupo	5	inserção
		'kaspo	3	acerto
		'sasupo	1	inserção
		'saspo	1	acerto
Gocás	tônica final	go'kas	4	acerto
Nizácas	postônica	ni'zakas	6	acerto
		ni'zaka	5	apagamento

O nome *Caspo* foi pronunciado corretamente como /kas'poni/ em 1/3 das vezes. Nas outras ocorrências, foi utilizada a inserção em /kasu'poni/ e /kasu'poño/. Neste caso, assim como já havia ocorrido com a informante 2, a sílaba final /ni/ se tornou a palatal /ɲ/ e houve acréscimo da vogal /o/. Em *Caspo*, houve a realização de /'kaspo/ e /'kasupo/ com as variações /'saspo/ e /'sasupo/. *Gocás* foi realizado corretamente como /go'kas/ em todas as vezes e *Nizácas* variou entre o acerto /ni'zakas/ e o apagamento da consoante final em /ni'zaka/.

Quadro 5.22. Informante 6 – Realizações da sílaba /kar/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Carfeira	pretônica	kar'fejra	4	acerto
		karu'fejra	1	inserção
		kar'fejra	1	acerto
		ka'fejra	1	apagamento
		ga'fejra	1	apagamento
Carto	tônica inicial	'karto	4	acerto
		'karuto	1	inserção
		'kawtu	1	acerto
Mucarda	tônica medial	mu'karuda	3	inserção
		mu'karda	2	acerto
Mucar	tônica final	mu'ka	2	apagamento
		mu'kar	1	acerto
		'moka	1	apagamento
Cúcar	postônica	'kuka	10	apagamento
		'kako	3	apagamento
		'kukar	1	acerto

O nome *Carfeira* apresentou a pronúncia correta /kar'fejra/, mas também houve diversas outras variações com apenas uma ocorrência cada. A inserção de /u/ foi registrada em /karu'fejra/. Em /kar'fejra/, a pronúncia /kar/ se manteve, mas houve apagamento de /r/ na sílaba final. O apagamento foi registrado em /ka'fejra/ e /ga'fejra/, sendo esta última com o vozeamento da consoante inicial /k/. Como houve apenas uma ocorrência, podem ser considerados erros não-sistemáticos. *Carto* também foi realizado corretamente na maioria das vezes. Houve um caso de inserção em /'karuto/ e um caso de semivocalização de /r/, que tornou-se /'kawtu/. *Mucarda* teve a ocorrência de epêntese como /mu'karuda/ em pouco mais de metade das vezes e foi pronunciado corretamente nas demais vezes. *Mucar* apresentou um caso de acerto como /mu'kar/ e apagamento em todos os demais casos: /mu'ka/ e /'moka/. Neste último caso, houve a troca de /u/ por /o/ e deslocamento da sílaba tônica da última para a primeira sílaba. *Cúcar* foi pronunciado corretamente apenas uma vez. Nas demais vezes, houve apagamento em /'kuka/ e /'kako/.

Quadro 5.23. Informante 6 – Realizações da sílaba /kra/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Cradi	pretônica	kura'dʒi	5	inserção
Crado	tônica inicial	ku'rawdo	10	inserção
		ku'rado	4	inserção
		ku'lado	1	inserção
Pocrato	tônica medial	poku'rato	5	inserção
		po'krato	1	acerto
Pocrá	tônica final	poku'ra	3	inserção
		'pokra	2	acerto
		po'kra	1	acerto
		koku'ra	1	inserção
Ricra	postônica	'hikra	3	acerto
		'hika	3	apagamento
		hi'kra	1	acerto

Cradi foi somente realizado como /kura'dʒi/, com epêntese de /u/. *Crado* também foi realizado apenas com epêntese, mas houve variações. Além de /ku'rawdo/ e /ku'lado/, a maioria das vezes foi realizado como /ku'rawdo/, com inserção de /w/. *Pocrato* foi realizado uma vez como /po'krato/ e nas demais como /poku'rato/. *Pocrá* foi realizado apenas uma vez como /po'kra/. Houve um caso de deslocamento da sílaba tônica da última para a primeira em /'pokra/

e inserção em /poku'ra/ e em /koku'ra/, sendo que nesta houve a troca de /p/ por /k/ e como ocorreu apenas uma vez pode ser considerado um lapso. *Ricra* foi produzido em quase metade das vezes corretamente como /'hikra/. Houve um caso de deslocamento do acento da primeira para a última sílaba em /hi'kra/. Nas demais, houve apagamento – /'hika/ – e foi o único nome a não registrar nenhum caso de inserção.

Quadro 5.24. Informante 6 – Realizações da sílaba /kla/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Clabide	pretônica	kura'bidʒi	3	inserção
Clada	tônica inicial	ku'rada	8	inserção
		ku'rawda	3	inserção
Raclata	tônica medial	haku'rata	4	inserção
		ha'klata	1	acerto
Xiclá	tônica final	'ʃikura	5	inserção
		'sikura	4	inserção
		'ʃikra	1	acerto
Tonicla	postônica	to'nikura	3	inserção
		to'nikula	2	inserção
		to'nika	2	apagamento

O nome *Clabide* foi pronunciado todas as vezes com a inserção de /u/ e rotacismo de /l/ – /kura'bidʒi/. *Clada* também foi pronunciada como /ku'rada/ na maioria das vezes, variando com a inserção de uma semivogal /w/ após a sílaba tônica /ra/, tornando-se /ku'rawda/. *Raclata* apresentou apenas um caso de acerto como /ha'klata/. Nas demais, foi produzido como /haku'rata/. *Xiclá* não foi pronunciado nenhuma vez como oxítônica. O acento primário foi deslocado para a sílaba inicial. O nome foi produzido na maioria das vezes com inserção, tanto como /'ʃikura/ quanto como /'sikura/ com a despalatalização de /ʃ/. Outra ocorrência foi de /'ʃikra/, com a estrutura CCV mantida. *Tonicla* foi produzido como /to'nikura/ ou /to'nikula/ e duas vezes com o apagamento da consoante /l/, tornando-se /to'nika/.

Gráfico 5.6 – Estratégias utilizadas pela informante 6 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV

A informante 6 utilizou os recursos de inserção e apagamento em todas as estruturas silábicas aqui analisadas. Houve mais acertos nas consoantes em coda do que em ataque complexo. Com /s/ em coda, a estratégia mais utilizada foi a manutenção da pronúncia CVC, seguido de inserção e de apagamento. Com /r/ nessa posição, o número de acertos não foi tão expressivo – pouco mais de 40% –, quase o mesmo valor do uso de apagamento da consoante /r/, que ocorreu com a sílaba tanto em posição átona quanto tônica, como pode ser observado no Quadro 5.22. Na posição de ataque complexo, /kra/ teve mais acertos que /kla/. Se excluirmos da contagem as pronúncias que ocorreram apenas uma vez, /kla/ teria o nível de acertos reduzido a 0. O uso de inserção vocálica foi a estratégia mais utilizada para o caso das consoantes em posição de ataque complexo. A ordem de facilidade para a pronúncia desta informante é: /kas/ > /kar/ > /kra/ > /kla/.

5.1.7 Informante 7

Quadro 4.25. Informante 7 – Realizações da sílaba /kas/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Caspone	pretônica	kas'poni	6	acerto

Caspo	tônica inicial	'kaspo	4	acerto
		'kasupo	3	inserção
Gocás	tônica final	ko'kasu	2	inserção
		go'kas	1	acerto
		ko'kas	1	acerto
Nizácas	postônica	ni'zakas	4	acerto
		ni'zaka	2	apagamento

O nome *Caspo* foi realizado corretamente em todas as ocorrências pela informante 7. O nome *Caspo* variou entre /'kaspo/ e /'kasupo/, com inserção da vogal /u/. *Gocás* foi pronunciado corretamente como /go'kas/ apenas uma vez. Em outra ocorrência foi registrado o desvozeamento da consoante inicial, tornando-se /ko'kas/, mas mantendo a estrutura silábica de /kas/ e uma vez com a inserção de /u/, tornando-se /ko'kasu/. O nome *Nizácas* não apresentou nenhum caso de inserção, sendo pronunciado corretamente como /ni'zakas/ e com o apagamento da consoante final em /ni'zaka/.

Quadro 5.26. Informante 7 – Realizações da sílaba /kar/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Carfeira	pretônica	ka'fejra	5	apagamento
		ka'hera	2	apagamento
		ka'fera	2	apagamento
Carto	tônica inicial	'kartu	5	acerto
		'karutu	1	inserção
Mucarda	tônica medial	mu'karda	4	acerto
Mucar	tônica final	mu'kar	2	acerto
		mu'karu	1	inserção
Cúcar	postônica	'kuka	5	apagamento
		'kukar	2	acerto

O nome *Carfeira* foi realizado com apagamento de /r/ em 100% das ocorrências. Além de /ka'fejra/, também se registrou /ka'fera/, com monotongação de /ej/ e /ka'hera/ com a troca de /f/ pela glotal /h/. Como vimos, /fe/ não é um som do sistema fonológico da língua japonesa. *Carto* foi pronunciado corretamente como /'kartu/, mas se registrou uma ocorrência com epêntese em /'karutu/. Da mesma forma, o nome *Mucar* foi pronunciado corretamente como

/mu'kar/, mas houve um caso de inserção em /mu'karu/. *Mucarda* foi realizado corretamente todas as vezes como /mu'karda/. *Cúcar* foi realizado como /'kukar/, mas na maioria das vezes optou-se pelo apagamento da consoante /r/ em /'kuka/.

Quadro 5.27. Informante 7 – Realizações da sílaba /kra/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Cradi	pretônica	'kladʒi	2	acerto
		ku'radʒi	2	inserção
Crado	tônica inicial	'krawdo	5	acerto
		ku'rado	4	inserção
		'krado	1	acerto
		'klado	1	acerto
		ku'rawdo	1	inserção
Pocrato	tônica medial	poku'rato	7	inserção
Pocrá	tônica final	poku'ra	5	inserção
Ricra	postônica	'hikura	4	inserção

Cradi foi realizado duas vezes como /'kladʒi/, mantendo a estrutura CCV, e duas vezes como /ku'radʒi/, com epêntese. *Crado* foi o nome que apresentou maior diversidade de realizações. /'krado/ e /'klado/ ocorreram apenas uma vez cada. A maior ocorrência foi de /'krawdo/, onde se manteve o ataque /kr/, mas houve inserção de /w/ no final da sílaba, ou seja, produziu-se uma sílaba CCVG. Essa realização ocorreu uma vez com inserção também em /ku'rawdo/. Além disso, houve inserção de /u/ em /ku'rado/. *Pocrato*, *Pocrá* e *Ricra* foram realizados todas as vezes com a inserção de /u/: /poku'rato/, /poku'ra/ e /'hikura/.

Quadro 5.28. Informante 7 – Realizações da sílaba /kla/

nome	posição	pronúncia	n.	fenômeno
Clabide	pretônica	kura'bidʒi	3	inserção
		kla'bidʒi	1	acerto
		kra'bidʒi	1	acerto
Clada	tônica inicial	ku'rada	8	inserção
Raclata	tônica medial	haku'rata	4	inserção
Xiclá	tônica final	ʃiku'ra	9	inserção

Tonica	postônica	to'nikura	7	inserção
		to'nikra	2	acerto
		to'nika	2	apagamento

O nome *Clabide* foi produzido principalmente como /kura'bidʒi/, com inserção de /u/ e rotacismo de /l/. Houve um registro correto de /kla'bidʒi/ e da variante /kra'bidʒi/. *Clada*, *Raclata* e *Xiclá* foram todos pronunciados com epêntese de /u/ e rotacismo de /l/ – /ku'rada/, /haku'rata/ e /ʃiku'ra/. *Tonica* também apresentou esses fenômenos na maioria das vezes – /to'nikura/ –, mas também apresentou acerto com rotacismo – /to'nikra/ – e apagamento – /to'nika/.

Gráfico 5.7 – Estratégias utilizadas pela informante 7 para a pronúncia das sílabas CVC e CCV

A informante 7 teve mais casos de acertos nas sílabas CVC e mais casos de inserção nas sílabas CCV. Entre os desvios, /kas/ apresentou 23% de casos de inserção e 8% de apagamento, enquanto /kar/ teve apenas 10% de inserção e 34% de apagamento. O índice maior de apagamentos é devido ao nome *Carfeira* ter sido pronunciado exclusivamente com apagamento da consoante /r/ e *Cúcar* ter apresentado mais ocorrências de /'kuka/ que de /'kukar/. Se excluirmos da contagem as pronúncias que ocorreram apenas uma vez, /kar/ não teria nenhum caso de inserção. No caso da consoante em ataque complexo, /kra/ apresentou mais acertos que /kla/, mas ambos foram pronunciados predominantemente com inserção vocálica. /kla/ também

apresentou apagamento da consoante /l/ no nome *Tonicla*, enquanto /kra/ não registrou nenhum uso desse recurso. Para esta informante, a ordem de facilidade é /kas/ > /kar/ > /kra/ > /kla/.

5.2 COMPARAÇÃO DOS DADOS

Após a apresentação das ocorrências por informante, é interessante comparar os resultados a fim de se observar possíveis pontos em comum na pronúncia dos falantes japoneses.

Gráfico 5.8 – Estratégias utilizadas para a pronúncia da sílaba /kas/

No Gráfico 5.8, é possível observar que, com exceção da informante 1, os acertos na pronúncia da sílaba /kas/ foram maiores do que os desvios. Entre os erros, a maioria aconteceu devido à inserção vocálica após a coda e apenas alguns casos por apagamento. Podemos levantar a hipótese de influência da língua materna. A língua japonesa, como vimos, não tem *s* com valor de mora, então é necessária a inserção de uma vogal para se tornar uma mora.

Podemos observar o que acontece com os empréstimos que possuem /s/ em coda: *festival* é pronunciado na língua como /fesutibaru/ e *Miss* como /misu/. Em ambos os casos, a consoante /s/ na posição de coda silábica foi substituída pela mora /su/. No entanto, em uma fala mais apressada, a vogal /u/ é frequentemente suprimida. Como exemplifica Trubetzkoy (1969), /desu/ pode ser pronunciado como [des], assim como /gozaimasu/ como [gozaimas]. Esse processo, segundo Hinds (1986), também ocorre no interior da palavra, como /daisuki/ pronunciado como [daiski]. Por isso, pronunciar a consoante /s/ em coda não é uma dificuldade real de um falante japonês, pois é uma possibilidade de sua língua materna. Claro que, como se observa no gráfico, a influência da língua materna não é o único fator que explica os desvios de pronúncia. Se fosse, não seriam encontrados casos de apagamento. No entanto, não há dúvida de que a língua materna é um dos fatores que influencia na pronúncia da segunda língua, como veremos na análise dos gráficos seguintes.

Gráfico 5.9 – Estratégias utilizadas para a pronúncia da sílaba /kar/

Vemos no Gráfico 5.9 que o número de acertos na pronúncia da sílaba /kar/ ainda se destaca, apesar de em número menor que os encontrados para a sílaba /kas/. No caso da consoante /r/ em coda, chama a atenção o alto índice de apagamento, principalmente quando comparado com os casos de /s/ na mesma posição. Os casos de apagamento consonantal foram,

com exceção da informante 5, iguais ou maiores que os casos de inserção vocálica. Na pronúncia de palavras estrangeiras incorporadas à língua japonesa, é possível encontrar tanto a inserção quanto o apagamento, como *carta* /karuta/ e *party* /paatii/. Normalmente, quando há apagamento de /r/, a vogal é alongada para preencher a mora. Em relação aos nomes apresentados nesta pesquisa, o apagamento ocorreu principalmente nos nomes *Carfeira* e *Cúcar*, ambos com a sílaba /kar/ em posição átona. Como a pesquisa foi feita sem exposição à palavra escrita, é possível que as informantes não tenham percebido a presença da consoante /r/ nas sílabas átonas e por isso não tentaram pronunciá-la. Ou seja, a aproximante /r/ é menos percebida que a obstruinte /s/.

Gráfico 5.10 – Estratégias utilizadas para a pronúncia da sílaba /kra/

Destaca-se no Gráfico 5.10 o alto uso de inserção vocálica para a pronúncia da sílaba /kra/, diferentemente do que havia acontecido com as sílabas CVC vistas até agora. O máximo de acertos foi da informante 3 e, mesmo assim, ficou abaixo de 40%. O apagamento foi usado por apenas dois informantes e não ocorreu de forma tão expressiva. Observando as estruturas silábicas da fonologia da língua japonesa apresentadas no Quadro 3.6, é possível notar a presença de sílaba CVC, apesar de aparecer apenas em casos de consoantes geminadas, mas não a de CCV. Conforme demonstrado por Hinds (1986), é possível que, numa fala apressada, algumas vogais sejam apagadas entre duas consoantes não vozeadas, o que acabaria causando

o surgimento de ataques complexos, como em /kusuri/ > [ksuri]. No entanto, /r/ é uma consoante vozeada, o que não permitiria que esse processo ocorresse. Devido a isso, os falantes japoneses optaram na maioria das vezes por utilizar a inserção vocálica para desfazer o ataque complexo, ou seja, a sílaba CCV passa a ser CVCV. Nos poucos casos de apagamento, este sempre ocorreu na sílaba que ocupava a segunda posição de ataque, tornando a sílaba C₁C₂V uma sílaba C₁V. Isso mostra que o falante tem a consciência de que a consoante “intrusa” é C₂ e não C₁.

Gráfico 5.11 – Estratégias utilizadas para a pronúncia da sílaba /kla/

Assim como constatado com a sílaba /kra/, a inserção vocálica foi o processo predominante para a pronúncia da sílaba CCV. A quantidade de acertos de /kla/ foi menor do que em /kra/ e muitos casos classificados como *acerto* ocorreram com a pronúncia de /r/ e /w/ no lugar de /l/. Além das dificuldades já apresentadas anteriormente para a pronúncia de consoantes em ataque complexo, há ainda o fato de a consoante /l/ não existir fonologicamente na língua japonesa.

Os resultados encontrados mostram que a variável “tempo de residência no Brasil” não influenciou, dado que a informante 7 não foi necessariamente a que teve mais acertos, nem a informante 1 a que teve mais erros. Chama a atenção, no entanto, a alta quantidade de acertos da informante 3 em relação às outras informantes da pesquisa. Isso pode ter ocorrido por ser a

única informante casada com um brasileiro. Apesar de esta pesquisa não nos permitir confirmar o peso que essa variável tem, esse é um ponto que necessita de uma investigação que ateste sua relevância no processo de aprendizado de uma língua estrangeira.

Com base na facilidade que os falantes tiveram para pronunciar cada estrutura silábica, é possível constatar que, em geral, a ordem de aquisição para os falantes japoneses é CVC > CCV. Na posição de coda, /s/ > /r/ e, na segunda posição de ataque, /r/ > /l/.

A diferença encontrada entre a aquisição do ataque complexo e da rima complexa também pode dar evidências de que a estrutura silábica não é linear, como defendido por Clements e Keyser (1983) e Nespor e Vogel (1986). A dificuldade maior para a pronúncia da coda pode reforçar que a rima, diferente do ataque, possui um subnível, como defendido por Harris (1983) e Fudge (1987).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, feito com japoneses em processo de aprendizagem da língua portuguesa, buscou descrever e analisar por meio da Análise de Erros a pronúncia para duas estruturas silábicas inexistentes na língua japonesa: CVC e CCV. Antes de chegar à análise, foi preciso entender a relação da fonologia japonesa com sílabas e moras, inclusive em relação à forma escrita da língua.

A invenção dos nomes dos personagens da história foi produtiva porque não forçou as informantes a ficarem repetindo palavras descontextualizadas nem se correu o risco de haver influência da forma escrita, uma vez que os nomes foram criados exclusivamente para a pesquisa. Além disso, ter controle das palavras com as sílabas desejadas possibilitou melhor comparação entre os resultados encontrados para cada informante.

A análise feita neste trabalho mostrou como o conhecimento da língua materna do aprendiz auxilia na compreensão dos erros por ele cometidos. Mesmo que as informantes tenham diferentes características, como idade, profissão e tempo de residência no Brasil, foi possível observar pontos em comum em sua produção oral. De acordo com a análise, a facilidade é maior para pronunciar as sílabas CVC do que as CCV. Isso pode ocorrer porque a língua japonesa permite a estrutura CVC, apesar de ser apenas em palavras com consoantes geminadas, enquanto CCV não existe na língua. No caso da sílaba com coda, a obstruinte /s/, em geral, teve mais acertos que a aproximante /r/ e, no caso do ataque complexo, /r/ foi mais fácil de ser produzida que /l/, ocupando a segunda posição de ataque. Essa dificuldade maior ou menor pode ser entendida a partir de processos fonológicos que acontecem na L1, no caso, a língua japonesa.

Foi possível observar que todas as estratégias utilizadas tiveram como objetivo simplificar as sílabas CVC e CCV, tornando-as uma sílaba CV ou CVCV. Em relação aos erros encontrados para a sílaba /kas/, houve mais ocorrências de inserção de /u/, sendo pronunciada como /ka.su/. No caso de /kar/, o que mais ocorreu foi o inverso. A preferência foi pelo apagamento da consoante em coda /r/, pronunciando-se /ka/ em vez de /kar/, principalmente em posição átona. Isso pode estar relacionado com a percepção da pronúncia paulistana do pesquisador pelos informantes, uma vez que eles não foram expostos à palavra escrita. No caso das sílabas CCV, a principal estratégia para todos os informantes foi a epêntese de /u/ após a

primeira consoante de ataque, ou seja, a sílaba CCV tornou-se CVCV, tanto para /kra/ quanto para /kla/.

Apesar dessa constatação, isso não significa que os erros aconteceram conforme poderia ser previsto pela simples comparação entre L1 e L2 – como deveria ocorrer se o trabalho fosse feito de acordo com o que postula a Análise Contrastiva. Basta observar os casos de troca de /r/ por [l], que não é um fonema da língua japonesa, apesar de terem ocorrido em quantidade menor.

A dificuldade maior encontrada para a produção da rima complexa em relação ao ataque complexo também pode trazer evidências de que a rima realmente deve ter subníveis como núcleo e coda, diferente do ataque. A diferença entre os resultados aponta para diferentes níveis na estrutura silábica, não sendo apenas uma questão de posicionamento na sílaba.

Uma pesquisa com mais informantes é necessária para se investigar quais são os outros fatores além da língua materna que influenciam nos erros. As informantes estavam ordenadas de acordo com o tempo de residência no Brasil e não foi possível observar uma relação entre o número de acertos e essa variável. Esse não era o objetivo do trabalho, mas um estudo mais amplo pode verificar se existe ou não influência dessa variável na produção oral das informantes e quais são os outros fatores que podem influenciar no processo de aprendizagem/aquisição de L2.

Este trabalho deixou registrado alguns processos que ocorrem na aquisição da língua portuguesa por aprendizes japoneses. Esses dados podem ser utilizados para comparar essa ordem de aquisição de L2 com a aquisição de L1 ou com aprendizes que tenham outras línguas como língua materna. Pesquisas como a de Ribas (2004) apontam para a seguinte ordem de aquisição silábica da língua materna por crianças brasileiras: CV, V > CVV > CVC > CCV. Isso indica que processos de desenvolvimento podem estar coocorrendo com os de transferência e merece um estudo posterior.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Índices nacionais de desenvolvimento do ensino de português língua estrangeira. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. de; CUNHA, M. J. C. **Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas**. Brasília, DF: EdUnB; Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 39-45.

_____. **O ensino de português como língua não-materna**: concepções e contextos de ensino. Biblioteca Virtual do Museu da Língua Portuguesa. São Paulo: Museu da língua portuguesa, 14 mai. 2009. Disponível em: <http://museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2012.

ARAKAWA, A. T. M. **A monotongação do ditongo nasal átono na fala dos nisseis de Porto Alegre**. 2005. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Coordenadoria Geral de Imigração. **Relação das autorizações de trabalhos concedidas até 2012**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3C3A6BBF013C828E72AC0C49/1%20-%20Resumos%20Gerais%20%E2%80%93%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20das%20autoriza%C3%A7%C3%B5es%20de%20trabalhos%20concedidas%20at%C3%A9%202012.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

BRAZIL, D. **Pronunciation for Advanced Learners of English**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].

CARR, D. The New Official Romanization of Japanese. **Journal of the American Oriental Society**, v. 59, n. 1, p. 99-102, Mar. 1939. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/593948>>. Acesso em: 19 mar. 2012.

CATZ, R. Fernão Mendes Pinto and His Peregrinação. **Hispania**, v. 74, n. 3, p. 501-507, Sep. 1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/344173>>. Acesso em: 03 jul. 2012.

CAVALIERI, R. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHOMSKY, N. Linguistic theory and language learning. In: _____. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965. p. 47-59.

CHUN, J. A Survey of Research in Second Language Acquisition. **The Modern Language Journal**, v. 64, n. 3, p. 287-296, 1980. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/324494>>. Acesso em: 11 ago. 2012.

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. **CV phonology: a generative theory of syllable**. Cambridge: The MIT Press, 1983.

CORDER, S. P. The significance of learners' errors. **International review of applied linguistics**, v. 5, n. 4, p. 161-170, 1967.

_____. **Error Analysis and Interlanguage**. Oxford: Oxford University Press, 1982.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DOI, E. T. **A interferencia fonológica no português falado pelos japoneses na região de Campinas (S.P.)**. 1983. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983.

DURÃO, A. B. A. B. **Análisis de Errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués**. 2. ed. Londrina: Edue, 2004.

FELLET, J. Brasil se torna destino de novos imigrantes. **BBC Brasil**, Brasília, 26 jan. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120126_refugiados_brasil_afegao_jf.shtml>. Acesso em: 12 abr. 2012.

FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. **Muito prazer: fale o português do Brasil**. Barueri, SP: Disal, 2008.

FERREIRA NETTO, W. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

FREIRE, F. Especialistas: crescimento do Brasil atrairá novos imigrantes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 jan. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/especialistas-crescimento-do-brasil-atraira-novos-imigrantes-3646903>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

FUDGE, E. Branching structure within the syllable. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 23, n. 2, p. 359-377, Sep. 1987.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Dicionário básico japonês-português**. São Paulo: Aliança Cultura Brasil-Japão, 2002.

GOLDSMITH, J. A. The syllable. In: GOLDSMITH, J. A.; RIGGLE, J.; YU, A. C. L (orgs.). **The handbook of phonological theory**: second edition. Oxford: Blackwell, 2011. cap. 6. Disponível em: <<http://hum.uchicago.edu/~jagoldsm/Papers/syllables.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

GONÇALVES, S. C. L. **Aquisição do português como segunda língua: o caso das crianças Yuba**. 1997. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

HARRIS, J. W. **Syllable structure and stress in Spanish: A nonlinear analysis**. Cambridge, MA; London: MIT Press, 1983.

HIGGINSON, W. J. **The Haikai Handbook**. Tokyo: Kodansha International, 1985.

HINDS, J. **Japanese**: descriptive grammar. London and New York: Routledge, 1986.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: País tem declínio de fecundidade e migração e aumentos na escolarização, ocupação e posse de bens duráveis**. Rio de Janeiro, 16 nov. 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2018>. Acesso em: 12 abr. 2012.

ITÔ, J. **Syllable theory in prosodic phonology**. 1986. 228 f. Tese (Doutorado em Filosofia, PhD). University of Massachusetts, Cambridge, 1987.

ITÔ, J.; MESTER, R. A. Japanese phonology. In: GOLDSMITH, J. A. (org.). **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1995. p. 817-838.

JUBRAN, S. A. C. **Árabe e português**: fonologia contrastiva com aplicação de tecnologias informatizadas. São Paulo: Edusp/Fapesp/CEAr, 2004.

KAHN, D. **Syllable**: based generalizations in English Phonology. Tese (Doutorado, PhD). University of Massachusetts, Cambridge, 1976.

KISH, G. Some Aspects of the Missionary Cartography of Japan during the Sixteenth Century. **Imago Mundi**, v. 6, p. 39-47, 1949. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1149980>>. Acesso em: 03 jul. 2012.

LADO, R. **Linguistics across cultures**: applied linguistics for language teachers. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1957.

MIYAKI FUCHS, C. Y. **Interferências fonológicas nos falantes bilíngues do português e do japonês**: fatores socio e psicolinguísticos. 1996. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística da Língua Portuguesa). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

MORLEY, J. **Pronunciation pedagogy and theory**: new ways, new directions. Illinois: Pentagraph Print, 1994.

MCCAWLEY, J. D. The Accentuation of Japanese Noun Compounds. **The Journal-Newsletter of the Association of Teachers of Japanese**, v. 5, n. 1, p. 1-9, Apr. 1968. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/488780>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

_____. **The Phonological Component of a Grammar of Japanese**. The Hague: Mouton, 1968.

NESPOR, M.; VOGEL, I. The syllable and the foot. In: _____. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986. p. 61-108.

NOMURA, G. M. A influência da escrita na pronúncia do português falado por japoneses. In: SEMINÁRIO DO GEL, 60., 2012, São Paulo. **Programação...** São Paulo: GEL, 2012.

OLAVO, J. Brasil é terra natal para estrangeiros. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=989226&tit=Brasil-e-terra-natal-para-estrangeiros>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

OOSTENDORP, M. van. **Mora Theory**. Amsterdam, 22 Nov. 2005. Disponível em: <<http://www.vanoostendorp.nl/pdf/051122.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

OTAKA, H. **Phonetics and phonology of moras, feet and geminate consonants in Japanese**. Lanham: University Press of America, 2009.

QUEDNAU, L. R. O acento na evolução do latim clássico para o latim vulgar. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, v. 7, n. 1, p. 123-147, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3879>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

RIBAS, L. P. Sobre a aquisição do *onset* complexo. In: LAMPRECHT, R. R. (org.) **Aquisição fonológica do português**: perfil de desenvolvimento e subsídio para terapia. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004. p. 151-164.

SELKIRK, E. O. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. **The structure of phonological representations**. Dordrecht: Foris, 1982. v. 2. p. 337-383.

SHIBATANI, M. Japanese. In: COMRIE, B. (org.) **The world's major languages**. London: Routledge, 1987. p. 885-880.

_____. **The Languages of Japan**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005 [1990].

SPOLSKY, B. Contrastive Analysis, Error Analysis, Interlanguage, and other useful fads. **The Modern Language Journal**, v. 63, n. 5/6, p. 250-257, Sep. - Oct. 1979. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/324231>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

TRUBETZKOY, N. S. **Principles of Phonology**. Translated by Christiane A. M. Baltaxe. California: University of California Press, 1969.

VANCE, T. J. **An introduction to Japanese phonology**. Albany, NY: State University of New York Press, 1987.

WEISS, D. B. **Ensino do artigo em cursos de português para japoneses**. 1994. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

YAMAGUCHI, T. **Japanese linguistics**: an introduction. London: Continuum, 2007.

YOSHIDA, S. A Government-Based Analysis of the 'Mora' in Japanese. **Phonology**, Cambridge, v. 7, n. 2, p. 331-351, 1990. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4420020>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

ANEXOS

ANEXO A – Figuras utilizadas para a coleta de dados

Situação 1

- Noivo: Caspone
- Noiva: Tonicla
- Amiga: Mucarda

Fonte: FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. **Muito prazer:** fale o português do Brasil. Barueri, SP: Disal, 2008. p. 335-336.

Situação 2

- Homem: Crado
- Mulher: Xiclá

Fonte: FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. **Muito prazer:** fale o português do Brasil. Barueri, SP: Disal, 2008. p. 78.

Situação 3

- Homem de azul: Carto
- Homem de amarelo: Nizácas

Fonte: FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. **Muito prazer:** fale o português do Brasil. Barueri, SP: Disal, 2008. p. 78.

Situação 4

- Mulher: Clada Cúcar
- Homem: Caspo

Fonte: FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. **Muito prazer:** fale o português do Brasil. Barueri, SP: Disal, 2008. p. 198.

Situação 5

- Homem: Cradi
- Mulher: Clabide

Fonte: FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. **Muito prazer:** fale o português do Brasil. Barueri, SP: Disal, 2008. p. 323.

Situação 6

- Mãe: Raclata
- Filho: Pocrato

Fonte: FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. **Muito prazer:** fale o português do Brasil. Barueri, SP: Disal, 2008. p. 323.

Situação 7

- Mãe: Ricra
- Filho: Mucar

Fonte: FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. **Muito prazer:** fale o português do Brasil. Barueri, SP: Disal, 2008. p. 323.

Situação 8

- Mulher de verde: Carfeira
- Mulher de rosa: Pocrá
- Faxineira: Gocás

Fonte: FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. de L. S. B.; RAMOS, V. L. **Muito prazer:** fale o português do Brasil. Barueri, SP: Disal, 2008. p. 323.

ANEXO B – Informante 1: Transcrição fonética

Situação 1

kas'poni||to'nikuɾe||a:||noɾẽ^mbro||ka||kas^wponi||kas'poni||kas^wponi||esce'si||to'nikuɾe||kas'poni
o'nik^wɾe||to'nik^wɾe||mu'karu||kas'poni||to'nik^wɾe||mu'kar^wdu||kas^wponi||to'nikuɾi||a're||'trikuɾe||
mu'kar^wde||to'nik^wɾe||mu'karde||ε:kas'to:ɾi||i||nomi'deɾi||to'nik^wɾe||kaza:||ε:||ka'zow||e:j||i||de'pojs
dʒi'iso:'otɾe'dʒia||'otɾo'dʒia||fa'ro:||asi^ɿ||ε:||ew||ka'za:||ε:||kas^wka||kas'pɔɾ^wni||kas^wpɔɾni||e:||mosto:ɾ
para||mu'karde||mu'kar^wde||i:ε:||kas^wto'ra||ε:||es'to||es'ta||es'ta:be^m||'beⁿdo||'beⁿdo||ε:||esʃi'fotos^w||i
su||ka:||esce'si||kas^wpɔɾni||tro'nikuɾe:||mu||mu'kartɐ||

Situação 2

k^wrado||'sikuɾa||'ʃikwa||'ʃikla||ʃɜ||m||kɜ||ũto||'k^wra||'klado||'krawdo'ʃikare||'klado'sikare||m||'sika
ɾ||'ʃikw'a||'kado'ʃikwa||mezmu||mezmuɔ:||'klawdo'sikare||ε:||ε:||k^wrawdo||ε:||es'tavon'tadzɪdziko'
mer||i:||li'gow'para||'sik^aɾe||ε:||çeroʒɜⁿtar^w||ε:||komo||ε:||fa'loasim||ε:||'ʃik^wra||tɜmbɛj||çɛ'ɾo|ɛko'm
er||ide'pojz'dʒis^w||vo:||ε:||eris||ɛjkontraz^m||ε:||i||ε:||ε'ko||u'nɔmi'deliesce'si||k^wrado||k^wrado'kome:
||ε:||çero'kom||ε:||çero||kɛ^wko'me:ɾham'buɾ^w||majsu:||ε:||'sikrenoⁿ'kome||sikaɾe||sikaɾe'noⁿ||ε:||noⁿ
ceru||ko'miham'buɾɟi||entɜu||e:to'nɛ||k^wrado||k^wradoko||çero||çeko'mer^w||ispaɛʃi||majsu||ε:||sik
^wɾe||ɜ:||non'çer^wko'mer^wispa'jɛʃuɪtɜm'bej||in'tɜwde'pojs^wdʒiso||ε:||sik^wra||çero'ko'mer^wsa'lada||i||
k^wrada||m||ʃiɟaw||k^wrada||k^wrado||k^wrado||komew||ahu||k^wrado||ko'mi||ko'mew||sa'rada||kõw'ɛ
:ɾe'dʒa||ɛsik^wra||ɛdʒifi'siw||

Situação 3

kar^wto||ni'zakas^w'kar^wtoini'zakas^w||ni'zakas||kartoini'zakasudʒo'gɜw||tenis||dʒo'garɜw'tenisu||i||
ε:||ciakoⁿ'te'sew||e:||nomi'delihi'ka||karto||ni'zakas^wni'zakasu||es'ta:||naⁿdaro||es'takoⁿ||dordʒi||naⁿ
dake||higa||ba'higa||depoisdʒiiso||ε:||elɛ:||kar^wtoini'zakasu||ɛfoj||pra:||hestaw'raʃi||maisui:||esce's
i||ni'zakas^wni'zakas^wkoⁿ'dor'taes'takoⁿ'dor||dʒiba'higɛ||i:nonkonsenonkonse'ji||konse'jiw||ko'mer
^wnade||konanobeber^wnade||i:||ε:||de'pojs^wdʒi||ɛsa'ɪɾ||da'roʒɐ||roʒɐdʒa'naj||hesrestaw'ɾɜʃi||elisu||e
risdʒa'naj||eto||ik||ε:||k^wrado||kar^wto||i||te'zakasu||ε:||foje^m'boɾe||foɾɜ^m'boɾe||si^m||

Situação 4

k^wrade||k^wrada'kuka||k^wrawda'kuka||k^wrada'kukai||kas^wpo||k^wrada'kukai'kas^wpo||ε:||k^wrada'k
ukari'go'para:||m||kas^wpo||kas^wpo||i:||ekompro'misu||na||nahestaw'raⁿʃi||ε:||kas^wpo||dap^wra||da||d
a'para||ε:||ε:||para||ε:||k^wrada||k^wrada'kuka||pre'zeⁿʃi||i||ε:||pe||ε:||k^wrawda'kas^wka||pe'dziaw'gum
ɐ||be'bidɐ||k^wrada'kukape'dʒipar||ano:||aw'gumɐ||be'bidɐ||ε:||majs||ε:||ε:||o'je^mba'tew||i:||k^wrada||k
^wrada'kukai:||kas^wko||kas^wko:||ε:||ka'iw||ka'iw||be'bidas||re'vomo'ɾjade||ε:||ede'pojs||ε:||kw'ɜⁿdo||ε
:||ku'ada'kukai||kasupo||kas^wpo||ε:||ʃe'garɜⁿna'kazɐ||ε:||terefo'naɾɜ^m||i||k^wrada'kukabri'gar||ie:||ka
s^wpo||toma'baɾo||

Situação 5

k^ʷla'dʒɪ||k^ʷra'bidʒɪ||k^ʷlaw'dʒik^ʷra'bidʒɪ||k^ʷra'dʒi||k^ʷra'bizi||ε:||k^ʷraw'dʒɪ||komoci'falə||piⁿta||piⁿta
||pa'redʒɪ||komoε||piⁿtapa'redʒɪ||i:||ε||k^ʷradi||ʒ^mk^ʷradʒɪ||ε:||k^ʷredʒɪ||k^ʷredʒɪ||piⁿtaⁿdo||ʒ||k^ʷredʒɪ||
k^ʷla'dʒɪ||ε:||kwaⁿdok^ʷra'dʒipiⁿta:||ε||kra'bidʒɪ||k^ʷra'bidʒɪ||ε:||ent^ʷrar||ent^ʷrarʒⁿ||ʒ||en^trow||m||i||ε
:||faro||kumpri||kumpri'menta'para||kwa||k^ʷra:dʒɪ||isu||

Situação 6

ha'klatə||po'krato||hak^ʷratəpo'krato||hak^ʷratə||ε:||hak^ʷra:təbri'gar||abri'ga:||bri'gow||hak^ʷratəbr
i'gowp^ʷur^ʷce||ε:||ha:||hak^ʷrito||pok^ʷrato||pok^ʷratoⁿa'hume'nadə||ε:depojs||ε:||hak^ʷri||ʒ||hak
^ʷrito||pok^ʷrito||pok^ʷrato||ahu'mow||i:depojs||ano:||hak^ʷrato||hak^ʷratə||hak^ʷratəε:||fika||fikam
eɬɔɾu||

Situação 7

hik^ʷrə||mu'kar||hik^ʷrəε:||cozi'now||ume'bɔlə||i:||ε:||ko'rokar||boro'dentruɔda:||forno||kwar^ʷto'dʒan
aj||ε:||mu'kar||ε:||mu'kaw||per||ε:||iso||i:||hi'kar||hi'kar||mu'kar||mu'ka:r||farə||fa'row||ε:||fa'row||eto||
ceroko'me:r||

Situação 8

karfejɾə||puk^ʷrə||kafejɾə'puk^ʷrə||go'kas^ʷ||puk^ʷrə||ʧigaw||karfejɾə||kafejɾə||pofejtə||majsuməves||
ε:||karfejɾə||karfejɾə'puk^ʷrə||karfejɾə'puk^ʷrəi:||go'kas||karfejɾə'puk^ʷrəi'gokas||'puk^ʷrə||karfejɾəi'p
uk^ʷrə||ε:||komprow||komprarɜm||mujtaskojzas||ikwando||ε:||ʃe||ε:||kwɜⁿdovowtaram||puk^ʷrə||aru
'kasu||go'kas||rim'pow||ε:||hua||iproj'bido||ent^ʷrar||

ANEXO C – Informante 1: Transcrição ortográfica

Situação 1

- P O nome dele é Caspone.
 I1 Caspone.
 P O nome dela é Tonicla.
 I1 Tonicla.
 P O nome dela é Mucarda.
 I1 Ah, não lembro.
 P Então o nome dele é?
 I1 Ca (...)
 P Caspone.
 I1 Caspone.
 P Caspone.
 I1 Caspone.
 P O nome dela é?
 I1 Caspone (...) Esqueci.
 P Tonicla.
 I1 Tonicla. Caspone e Tonicla. Tonicla.
 P E...?
 I1 Mucarda. Caspone, Tonicla, Mucarda
 P Isso.
 I1 Caspone, Tonicla... are?
 P Tonicla.
 I1 Tonicla, Mucarda.
 P Isso. O que aconteceu?
 I1 É... Caspone e... nome dele?
 P Tonicla.
 I1 Tonicla casa... é... casou. E... e depois disso, outra dia, outro dia, falou assim. É... eu casar é... Casca.
 P Caspone
 I1 Caspone. Caspone mostrou para...
 P Mucarda.
 I1 Mucarda. Mucarda e... é... Castora é... estou... está ve...vendo. Vendo. É... Este fotos.
 Isso.
 P Tá bom. Então qual o nome dele?
 I1 Ca... Esqueci.
 P Caspone.
 I1 Caspone.
 P Tonicla.
 I1 Tonicla
 P Mu...
 I1 Mu... Mucarda.
 P Isso.

Situação 2

- P Agora o homem chama Crado.
- I1 Crado.
- P A mulher chama Xiclá.
- I1 Xicla.
- P Xiclá.
- I1 Xicla. Xicla. Cha... hm... Ca... hm...to...
- P Crado.
- I1 Crado.
- P Xiclá.
- I1 Crado, Xicla. Crado, Xicla. Hm? Xicla.
- P Xiclá.
- I1 Xiclá. Crado, Xicla. Mesmo?
- P Aham.
- I1 Mesmo...
- P É o mesmo homem e a mesma mulher.
- I1 Crado, Xicla. É. É...
- P O que aconteceu?
- I1 Crado... é... está vontade de comer e... ligou para Xicla. É... Quero jantar. É... Como... É... Falou assim. É... Xicla também quer... é... comer. E depois disso... é... eles encontraram... é... e... é... Co... o nome dele esqueci.
- P Crado.
- I1 Crado. Crado come... é... quer com... é... quer... quer comer hambúrguer, mas... é... Xicle não come...
- P Xiclá.
- I1 Xicla. Xicla não... é... não quer... comer hambúrguer. Então... eto, né...
- P Crado.
- I1 Crado. Crado co... quer... quer comer espaguete, mas... é... Xicla... ahm... não quer comer espaguete também. Então depois disso... é... Xicla quer comer salada. E... Clada. Hm? Chigau. Crada?
- P Crado.
- I1 Crado. Crado comeu... a ru... Crado comi... comeu... salada com ela ja.... é... Xicla.
- P Isso.
- I1 É difícil.

Situação 3

- P O homem de azul chama Carto.
- I1 Carto.
- P O homem de amarelo chama Nizácas.
- I1 Nizácas. Carto e Nizácas. Nizácas....Carto e Nizácas jogaram... tênis. Jogaram tênis e... é... que aconteceu? É... nome dele Rica?
- P Carto.
- I1 Carto.
- P Nizácas.
- I1 Nizácas. Nizácas está... nandaro... está com... dor de... nandake... riga... barriga. Depois disso... é... ele é...
- P Carto e Nizácas.

- I1 Carto e Nizácas... é... foi... pra... restaurante, mas... esqueci.
 P Nizácas.
 I1 Nizácas. Nizácas com dor tá, está com dor... de barriga. E não conse... não consegue... não conseguiu comer nada. Co... nano... beber nada. E... é... depois de... é... sair da loja... loja janai. Restaurante. Eles... Eles janai. Eto... Ik... é... Crado.
 P Carto.,
 I1 Carto e... Tezácas... é... foi embora. Foram embora. Sim.

Situação 4

- P O nome dela é Clada Cúcar.
 I1 Clada. Clada Cúcar.
 P É. E o nome dele é Caspo.
 I1 Clada Cúcar. Clada Cúcar e...
 P Caspo.
 I1 Caspo. Clada Cúcar e Caspo. É... Clada Cúcar ligou para... hm...
 P Caspo.
 I1 Caspo. Caspo. E... é... compromisso na... na restaurante. É... Caspo dá para... dá... dá para... é... é... para... é...
 P Clada Cúcar.
 I1 Clada. Clada Cúcar. Presente. E... é... pe... é... Clada Casca pedi alguma bebida.
 P Clada Cúcar.
 I1 Clada Cúcar pedi para.. ano... alguma bebida. É... mas... é... é... alguém bateu e... Clada...
 P Clada Cúcar.
 I1 Clada Cúccar e...
 P Caspo.
 I1 Casco. Caspo... é... caiu... caiu... bebidas... levou molhada. É... e depois... é... quando... é... Clada Cúcar e Caspo?
 P Uhum.
 I1 Caspo. É... chegaram na casa... é... telefonaram... e... Clada Cúcar brigar... e... Caspo toma banho.

Situação 5

- P O nome dele é Cradi.
 I1 Cradi.
 P O nome dela é Clabide.
 I1 Clabide. Cradi e Clabide.
 P É. Então como é o nome dele?
 I1 Cradi. Clabide... É... Cradi... como que fala?
 P Pintar.
 I1 Pinta... Pinta....
 P Parede.
 I1 Parede. Como é? Pinta parede. E... é... Cradi... ahm... Cradi... é... Credi... Credi... pintando... ahm... Credi...
 P Cradi.
 I1 Cradi. É... quando Cradi pinta... é... Clabide. Clabide... é... entrar... entraram... ahm...
 P Entrou.
 I1 Entrou... hm... e... é... falou cumpri... cumprimenta para... Cra... Cradi... Isso.

Situação 6

- P O nome dela é Raclata.
 I1 Raclata.
 P O nome dele é Pocrato.
 I1 Pocrato. Raclata, Pocrato.
 P É.
 I1 Raclata... é... Raclata... brigar... abriga... brigou... Raclata brigou porque... é... Ra...Racrito.
 P Pocrato.
 I1 Pocrato. Pocrato não arruma nada. É... depois... é... Racri... ahm... Racrito, Pocrato.
 P Pocrato.
 I1 Pocrato... arrumou. E depois... ano... Raclato...
 P Raclata.
 I1 Raclata. Raclata... é... fica... fica melhor.

Situação 7

- P O nome dela é Ricra
 I1 Ricra.
 P O nome dele é Mucra. Mucar. Desculpa.
 I1 Mucar.
 P Isso. Ricra e Mucar.
 I1 Ricra... é... cozinhou uma bola. E... é... Colocar bolo dentro da... forno. Carto janai.
 P Mucar.
 I1 Mucar. É... Mucar... per... é... isso. E... Ricar... Ricar?
 P Mucar.
 I1 Mucar. Mucar... fala... falou... é... falou.... eto... quero comer.

Situação 8

- P O nome dela é Carfeira.
 I1 Carfeira.
 P O nome dela é Pocrá.
 I1 Pocrá. Carfeira, Pocrá.
 P O nome dela é Gocás.
 I1 Gocás.
 P Qual que é o nome dela?
 I1 Pocrá. Chigau.
 P Carfeira.
 I1 Carfeira. Carfeira.
 P O nome dela?
 I1 Pofeita?
 P Não.
 I1 Mais uma vez. É...
 P Carfeira.
 I1 Carfeira.
 P Pocrá.
 I1 Carfeira, Pocrá. Carfeira, Pocrá e...

P Gocás.

I1 Gocás. Carfeira, Pocra e Gocás. Pocra... Carfeira e Pocra.... é... comprou... compraram... muitas coisas. E quando... é... che... é... quando voltaram... Pocra... a Lucas...

P Gocás.

I1 Gocás limpou... é... rua... e proibido... entrar.

ANEXO D – Informante 2: Transcrição fonética

Situação 1

kas'poni||kas'poni||to'niku||psoeskre'ver^w||epri'meravez'ewow'vi||to'nik^wra||to'nik^wro||kas^wponi
a're||kas'poni||ito'nik^wra||to'nik^wra||kas^wponi||to'nik^wra||mu'karda||kas'poni||to'nik^wro||mu'karda||
kas'ponito'nik^wramu'karda||kas'ponito'nikuramu'karda||kas'ponito'nikura||kas'ponito'nikurai||
mu'karumu'kamu'karda||ε:||ozi'eo'dziada:||dakomemo'rar^w||da:||do||dos||kas'poni||i:||to'nik^wra||3||
eris||s3wka'zados^w||i:||ozi'na:i'g^wreza'pértoda:||da:||kaza'deris||i'mujtaspe'soas||ko||mujtaspe'soas
es't3wkomemo'raⁿdo||kaza'meⁿto||okaza'meⁿto'deris||ε:||a'gɔra||epe'soas||pe'soas||ε:||pe'soas||m:||ε
||es't3wse:||du'raⁿdo'ko^m||a'ho's||o'dziase'jiⁿfi||ka||kas^w||kas'pona||kas^wpono||kas^wponoto'nik^wrai
mu'karda||s3:w||or^jaⁿdo||os||as'fɔtos||da:'dziada:||dziada:||kome'mora||na:||kazada:||to'nik^wra||eris||
s3w||ε:||aprovej'taⁿdo||eris||s3w||ε:||eris||s3wkoⁿfe'ris||koⁿfotos||deris||

Situação 2

ku'rado||fikura||k^wradoi'fika||fikura||fikura||fika||ε's3w'mezmamu'Λer||ku'radoi||fikra||ε:||klad
oes'tapeⁿsaⁿdo||ε:||k^wrado||a:||k^wradoes'tapeⁿsaⁿdo||ocevo:||ε:||oce:li:'vajkomer^wpra:||azaⁿtar||er
i'cer^wko'mer^w||a'pitsa||en't3weri||k^wrado||ri'go'para:||sika||ikoⁿvi'dow||paraⁿtar^w||nahestaw'r3ⁿɟ
i||k^wrado||εper^wguⁿtow||a:||ε:||ku'rado^wropos'tow||3^mbur'jeria||mas||sikura||n3:wgos'tow||eⁿt3
w'krawdo||pro'pos||tow||oispa'e'ɟi||ta^mbe^m||fik^wra||n3wgos'tow||e'sik^wra||cere^m||hor^jas||for^jas||ent3
w||os'dois||es't3wko'meⁿdo||as'for^jas||fik^wra||estakoⁿfe'ris||koⁿfor^jas||mas||p^wra:do||n3w||

Situação 3

karto||karto||i||ni'zakas||kartoini'zakas||kartoini'zakas||es't3wnaakade'mia||eris'v3wfa'zer||a||3o'ga
r^wo'tenis||naakade'mia||ka'zakos||ka'zakos||kartoini'zakos||ni'zakas||ni'zakas||a||ε||du'raⁿɟi'u'zogo||
doka||do'karto||oni'za||ko||es'tapeⁿs3ⁿdoaw'guma'kojza||a're||ni'zakas||ni'zakas||kartoini'zakas||i:||
de'pojs3o'garo'tenis||eris||for3w||o'bar||a'gɔra||kartoini'zakas||es't3w||es't3:w||be'beⁿdo||e'karto||cer
^w||a:||karto'cer^wir^w||o'fuha||afuhas'kariakoⁿni'zakas||mas'nizakas'n3w'cer^w||porce||ni'zakas'cer3o'g
ar||o'fufɟibɔw||eⁿt3w||ε:||eⁿt3w||ni'zakas||m||eⁿt3w||v3wsa'ir^w||dasakade'mia||ini'zakas'vaj3o'gar||o
'fufɟibɔw||

Situação 4

kaspo||k^wrada'kukar||kaspoik^wrada'kukar||eri||ε||kaspo||kaspo||kaspo||i:||k^wrada'kukar||k^wrada'k
ukar||k^wrada'kukar||ε:||kaspoik^wrada'kukar||es't3w||natere'foni||eris||oⁿdzi||eris||eris||a'gora||eris||
es't3w||na'bar||i:||aisce'siu'nɔmi||kaspo||kaspo^wrowsi||op^wre'zeⁿɟi'para:||a:||k^wrada'kukar||ε||k^wr
ada||k^wrada'ku||a||kw3ⁿdoak^wrada'kukar||ε:||es||es'taespe'r3ⁿdo||o:||kw3ⁿdoak^wrada'kukar||es'ta:||
es'tabe'beⁿdo||otro'ɔmeⁿ||otro'ɔmeⁿ||otro'ɔmeⁿ||fe'gowna'meza||k^wrada'kukarkome:'sow||abe'ber
^wko^m||eri||ε'kw3ⁿdo||eris||es'tabe'beⁿdo||o'otro'ɔmeⁿ||otro'ɔmeⁿ||n3w||ata||ata'ko||ata'kow||o'ɔmeⁿ||i:
be'bidas||for3^w||deha'mados||ε:||de'pojs||kwa:da'kukar||vor'towa'kaza||kwada'kukar||ri'gow'para:||
a:||k^wrado||kaspo||eri'za:||eri'zaes'tava||eⁿkaza||i||to'mava||bapo||

Situação 5

k^wre'dzi||k^wra'dzi||k^wra'dziik^wra'bidzi||k^wra'dziik^wra'bidzi||k^wra'dzi:k^wra'bidzi||s3wka'zados||ozi||k
u'rabi||esta||ε:||konseru||estakoⁿser'taⁿdo||a'kaza||k^wra'bizi||ε:||k^wra'bizi'esta||confir^wmaⁿdo||si:k^w
'rabi||esta||t^wraba'Λaⁿdo||

Situação 6

hak^wrata||hak^wratapok^wrato||haku'rata||poku'rato||ahak^wrata||e:||maj||do||poku'rato||as'tres||or
as||hak^wrata||d3isi'para:||poku'rato||ce:||ap^wrahu'mar||hopas||mas||ε:||k^wareⁿtaⁱsiⁿkumi'nⁱutosde'p
ojs||a're||nojⁱtua'soⁿ||noⁿε||ε:||as'tre'zoras||hak^wrata||d3isi'para:pok^wrato||parahu'mar||as'hopas||k^w
areⁿtaⁱsiⁿkumi'nⁱutosde'pojs||poku'rato3a:ahu'mow||as'hopas||en't3w||hak^wrata||estakoⁿfe'ris||

Situação 7

hikra||hik^wraimu'kar||hik^wra||emu'kar||hik^wra||estakozi'jaⁿdo||estafa'zeⁿdo'boro||i'hik^wra||estaesp
e'raⁿdo||o'boro'vaj||si:do||fejto||aw'radoda||sak^wrata||hikra||ε||mu'kar||estaespe'raⁿdo||o'boro||vaj's
ido||fejto||aw'radoda||hik^wrata||hikra||hikra||

Situação 8

kar'fejra||pokra||rukas||gu'kas||ka'fejra||puk^wra||kar'cera||ka||kar'fejra||kar'fejra||hikra||kar'fej||ka||
kar||kar'fejra||hik^wrai:||kar'fejra||pok^wra||kar'fejra'pok^wra:||go||go||gokas||go'kas||karu||kar^wfejra||
hik^wra||kar'fejra'pok^wra||ε:||kar^wfejrai'pok^wra||esta||fa'zeⁿdo'ko^mpras||a'n3w'n3w'n3w||ε:||ka||kar'
fejrai'pok^wra||for³m||aw'f3piⁿ||kwaⁿdo||ka'fej||kar'fejrai'pok^wra||vor'tar³m||eⁿ'kaza||d3i||g^wrupos||g
u'kas||go'kas||go'kas||m||ε:||noⁿε'kaza||ε:||go'kas'esta||ε:to:||ahu'm3ⁿdo||ahu'm3ⁿdo||naeⁿ'trada||da||
doaparta'meⁿto||a'pok^wra||koro'kow||a:p^wraka||i:||go'kas||go'kaskoro'ko||ap^wraka||i:||esta||ahu'm3ⁿ
do||aen'tradadaparta'meⁿto||

ANEXO E – Informante 2: Transcrição ortográfica

Situação 1

- P O nome dele é Caspone.
- I2 Caspone?
- P Caspone.
- I2 Caspone.
- P O nome dela é Tonicla.
- I2 Tonicla... Posso escrever?
- P Não.
- I2 É primeira vez eu ouvi.
- P Eu sei, porque eu que inventei.
- I2 Tonicla.
- P O nome dele?
- I2 Toniclo.
- P Não, Caspone.
- I2 Caspone. Are? Caspone e Tonicla. Tonicla. Caspone. Tonicla.
- P Isso. E o nome dela é Mucarda.
- I2 Mucarda. Caspone, Toniclo, Mucarda. Caspone, Tonicla, Mucarda. Caspone, Tonicla... Caspone, Tonicla e... Mucar... Mucar... Mucarda.
- P Isso. O que aconteceu?
- I2 É... Hoje é dia da... da comemorar... da.... do... dos... Caspone e... Tonicla. Ahm... Eles são casados e... hoje na igreja perto da... da... casa deles... e muitas pessoas co... muitas pessoas estão comemorando casamento... o casamento deles. É... Agora... é pessoas... pessoas... pessoas... hm... é... estão segurando com arroz. O dia seguinte... Ca... Cas... Casponha...
- P Caspone?
- I2 Casponho... Casponho, Tonicla e Mucarda... são... olhando os... as fotos da... dia da... dia da... comemora... na... casa da Tonicla. Eles são... é... aproveitando... Eles são... é... Eles são com feliz... com fotos deles.

Situação 2

- P O nome do homem é Crado.
- I2 Crado.
- P O nome da mulher é Xiclá.
- I2 Xicla.
- P Então o nome do homem é Crado.
- I2 Crado e Xica.
- P Xiclá.
- I2 Xicla. Xicla. Xica. É... são mesma mulher?
- P É a mesma.
- I2 Crado e... Xicla... é... Crado está pensando... é... Crado... ah... Crado está pensando... o que vou... é... o que ele vai comer para jantar. Ele quer comer a pizza. Então ele... ah... Crado ligou para Xicla e convidou para jantar. Na restaurante, Crado... perguntou a... é... Crado propostou hambúrguer, mas Xicla não gostou. Então Crado propostou o

espaguete. Também Xicla não gostou. E Xicla querem folhas? Folhas... Então, os dois estão comendo as folhas. Xicla está com feliz com folhas, mas Crado não.

Situação 3

- P O homem de azul chama Carto.
 I2 Carto.
 P O homem de amarelo chama Nizácas.
 I2 Carto e Nizácas.
 P Isso.
 I2 Carto e Nizácas. Carto e Nizácas estão na academia. Eles vão fazer a... jogar o tênis. Na academia, Casacos... Casacos?
 P Carto.
 I2 Carto e Nizácos.
 P Nizácas.
 I2 Nizácas. Ah... é... durante o jogo do Ca... do Carto, o Nizako está pensando alguma coisa.
 P Nizácas.
 I2 Are? Nizácas. Carto e Nizácas.
 P Isso.
 I2 E... depois jogar o tênis, eles foram o bar. Agora, Carto e Nizácas estão... hm... estão... bebendo. E Carto quer... ah... Carto quer ir o churra... a churrascaria com Nizácas, mas Nizácas não quer porque Nizácas quer jogar o futebol. Então, é... então... Nizácas... hm... então... vão sair da academia. E Nizácas vai jogar o futebol.

Situação 4

- P Esse homem chama Caspo.
 I2 Caspo.
 P Ela chama Clada Cúcar.
 I2 Clada Cúcar.
 P Isso.
 I2 Caspo e Clada Cúcar.
 P Isso.
 I2 Ele é Caspo?
 P Hm... não sei. Bom, vamos considerar que ele é o Caspo.
 I2 Caspo e...
 P Clada Cúcar.
 I2 Clada Cúcar, Clada Cúcar, Clada Cúcar. É... Caspo e Clada Cúcar estão... na telefone. Eles... onde... eles... agora, eles estão na bar. E... Ah, esqueci o nome.
 P Clada Cúcar. Caspo.
 I2 Caspo. Caspo trouxe o presente para... a... Clada Cúcar. É... Clada... Clada Cu... ah... quando a Clada Cúcar es... está esperando o... o... quando a Clada Cúcar está... está bebendo, outro homem, outro homem, outro homem chegou na mesa. Clada Cúcar começou a beber com ele... é... quando... eles... está bebendo... o outro homem... outro homem... não... ata... atacou... o homem e... bebidas foram... derramados. É... depois, Clada Cúcar... voltou a casa. Clada Cúcar ligou para a... Crado.
 P Caspo.
 I2 Caspo. Ele já... Ele já estava... em casa. E... tomava banho.

Situação 5

- P Agora são situações mais curtas. O nome dele é Cradi.
 I2 Credi.
 P Cradi.
 I2 Cradi.
 P O nome da mulher é Clabide.
 I2 Cradi e Clabide. Cradi e Clabide. Cradi e Clabide são casados. Hoje, Crabi está... é... conser... está consertando a casa. Clabide... é... Clabide está... confirmando se Crabi está... trabalhando.

Situação 6

- P A mãe chama Raclata.
 I2 Raclata.
 P O filho chama Pocrato.
 I2 Raclata, Pocrato.
 P Isso.
 I2 Raclata, Pocrato. A Raclata é mãe do Pocrato. As três horas, Raclata... disse para... Pocrato que... ah pra arrumar roupas. Mas... é... quarenta e cinco minutos depois... Are?
 P Pocrato? Raclata?
 I2 Não, situação. É... não é... é... às três horas, Raclata disse para Pocrato para arrumar as roupas. Quarenta e cinco depois, Pocrato já arrumou as roupas, então Raclata está com feliz.

Situação 7

- P O nome dela é Ricra.
 I2 Ricra.
 P O nome dele é Mucar.
 I2 Ricra e Mucar. Ricra e Mucar. Ricra está cozinhando... está fazendo bolo. E Ricra está esperando o bolo vai... sido... feito. Ao lado da... Saclata.
 P Ricra e Mucar,
 I2 Ricra.... é... Mucar... está esperando o bolo vai sido feito... ao lado da... Riclata.
 P Ricra.
 I2 Ricra, Ricra.

Situação 8

- P O nome dela é Carfeira.
 I2 Carfeira.
 P O nome dela é Pocrá.
 I2 Pocrá.
 P O nome dela é Gocás.
 I2 Lucas?
 P Gocás.
 I2 Gucás.
 P Carfeira.
 I2 Carfeira.
 P Pocrá.
 I2 Pocrá. Ca... Carqueira.

- P Carfeira.
- I2 Ca... Carfeira. Carfeira, Ricra. Carfei... Ca.. Car... Carfeira, Ricra e...
- P Onde tem Ricra? Não. Carfeira.
- I2 Carfeira.
- P Pocrá.
- I2 Pocrá. Carfeira, Pocrá.
- P Gocás.
- I2 Go... Go... Gocas.
- P Gocás.
- I2 Gocás. Car... Carfeira, Ricra.
- P Pocrá.
- I2 Carfeira, Pocrá... é... Car... Carfeira e Pocrá está fazendo compras. Ah, não, não, não. É... Ca... Carfeira e Pocrá foram ao shopping quando Carfei... Carfeira e Pocrá voltaram... em casa... de... Grupos.
- P Gocás.
- I2 Gucás.
- P Gocás.
- I2 Gocás. Gocás. Hm... É... não é casa. É... Gocás está... eto... arrumando... arrumando... na entrada... da... do apartamento. A Pocrá colocou a placa e...
- P Gocás.
- I2 Gocás. Gocás colocou a placa e... está arrumando... a entrada da apartamento.

ANEXO F – Informante 3: Transcrição fonética

Situação 1

to'nik^ule||kas'poni||to'nik^ule||mu'kardə||to'nikle||mu'kardə||kas'poni||ajnonconse'ji||kas'poni||ka'n
etə||to'nik^ule||kas'poni||mu'kardə||ədupri'mero||pri'mera'fotu||ais'tɔɾja||ɛ:||to'nik^ule||vajsika'za||na
i'grezə||ko:m||kas'poni||a'i||ɛrə||es'taesko'lando||uma:||m:||ude'zajn||da'kartədzikon'viʃi||dokon'vi
ʃi||ko^maa'migə||ɜ:||mu'kardə||

Situação 2

k^u'rado||ʃi'kla||ʃi'kla||iuɔmem||k^u'ladu||ʃi'kla'kladu||ʃi'kla||pergun'toproma'rido||k^u'ladu||o'ci||o'ci
u:||k^u'la||k^u'ladu||ce'ria||ko'menuʒⁿta||ɛ:||kw³'do:||k^u'lawdu||k^u'lawder||k^u'ladu||a||o'klawdo||le
m'bro||ci||a:||ko'muci'ʃamə'esako'midə||ɛ:||ara'zəpə||a'i'erisirem'bro||ci||viw||aj'komuci'era||la'zəpə
||nate've||a||ozia'nojʃi||ipe'dziw||ɛrafa'ze||para||ʃi'kle||ʃi'k^u'la||prafa'ze||

Situação 3

ni'zakas||ka||karto||ni'zakas||ni'zakas||ni'zakasi'karto||ta'indoprakade'mia||ɜ:||praʃi'ka'tenis||ewnu
n'tointen'dendu'elita||u'celitafa'zendu||ɜ:||o:||ni'zakas||ɛ:||inisi'ʒnʃi||erinon'sa||ao:||ni'zakas||nun'sab
ɾ||komusegu'rau||ha'keʃi||dzi'tenis||ɛ||majs||sə'son'esi'nɛ||a:'tudu||səni'zakas||ni'zakasu||ni'zakas||a
||karto||ofere'sewa:ser'vezəpru||ni'zakas||majs'elmon||tomaser^u'vezə||io:||majs||o'kartoinsis'ʃiʃw||c
i:||aser'vezə'mujtu'boə||ifi'ka||meʎoʎa'indakom||pi'kaɾə||uɛ||depojs||ɛ:||pur'cenu'meju'temser^u've
zə||de'pojsda'awrədzi'tenis||u:||ni'zakas||desi'dziw||pa'radʒipraʃi'ka'tenis||eripre'fe||a:o:||nizakas||p
re'fɛɾi||dʒo'gafuʃibɔɾ||karto

Situação 4

k^u'lade'kukə||kas^u'pu||k^u'ra||k^u'rade'kukə||ɛk^u'larə'kukə||klade'kukə||anoⁿ'ɛ'otrupe'soa||ɛmezma||a
||ku'rade'kukə||koⁿ'vi'do||o'ce||kas^u'po||paʎesa'iwnudʒaⁿ'ta||i:||o:||kas^u'puprepa'ro||u^m'pre'zentʃi||para
:||k^u'rade'kukə||perəs'u'preza||m||ɛ'mezməpe'soatam'bem||noⁿ'nɛ||esiɛgar'soⁿ'nɛ||m:||maiznoⁿ'||meju
da'fɛstə||omemba'tewnu'brasu||nu:||kas^u'po||i:||u'kas^u'podej'foka'i||u'bijnu||na'hopada||k^u'rade'kukə
||mezmu'tavau'zɜndu||a'hopa'prete||ak^u'lade'kukəfi'ko:||mujtub^u'rave||mas||u'kaspo||num||num'ta
vɛnɛpa'i||

Situação 5

kra'dʒi||kra'bidʒi||kra'dʒi||kra'bidʒi||kla'dʒi||tapiⁿ'tɜⁿdopa'redʒi||i^m'brɜⁿkə||i||ka'bidʒi||ka'bidʒi'dʒanaj||
||k^u'ra'bidʒi||ɛ:||fa'ma||o:||k^u'radʒi||kra'dʒi||parawmo'sa||

Situação 6

hak^u'latə||po'kratu||ha'klate||haku'ra||ɜ||haku'ratei||po'kratu||haku'rate||maⁿ'do||opo'k^u'lato||ahu'ma||
at^u'ravi'seru||ahu'ma'kamə||mas||opo'klato||noⁿ'cɛobede'se||i||uma'orəde'pojs||m:||hak^u'latə||koⁿ'se'j
iwkoⁿ'ven'se||o:||po'k^u'ratu||

Situação 7

'hikrɐ||mu'kar||hik^urɐ'tafa'zeⁿdu^m'boru||i||hik^u'ra||i||mu'kar||taobiser'vaⁿduo'boru||fi'kaproⁿtu||

Situação 8

ka'fejɐrɐ||poku'ra||go'kas||go'kas||ka'fejɐrɐ||poku'ra||go'kas||ka'fejɐrɐ||i:||poku'ra||estɜwfa'zeⁿduas'ko
^mpres||no'ʃɔpiⁿ||i:fora^mpruba'neru||poku'ra||ɜ:||go'kas||es'tavari^m'paⁿdo'ʃɜwduba'neru||

ANEXO G – Informante 3: Transcrição ortográfica

Situação 1

- P O nome do noivo é Caspone. O nome da mulher é Tonicla.
 I3 Tonicla?
 P É. Caspone.
 I3 Caspone.
 P Tonicla.
 I3 Tonicla.
 P E Mucarda. Mucarda é a amiga.
 I3 Mucarda.
 P É.
 I3 Tonicla, Mucarda.
 P O homem é Caspone.
 I3 Ai, não consegui... Caspone. Caneta?
 P Tonicla.
 I3 Tonicla. Caspone.
 P E Mucarda.
 I3 Mucarda.
 P O que aconteceu aí?
 I3 É do primeiro? Primeira foto?
 P A história...
 I3 A história? É... Tonicla vai se casar na igreja.
 P Vai casar com quem?
 I3 Com...
 P Caspone.
 I3 Caspone. Aí, ela está escolhendo uma... hm... o design da carta de convite... do convite... com a amiga... ahm...
 P Mucarda.
 I3 Mucarda.

Situação 2

- P O homem chama Crado.
 I3 Crado
 P E a mulher chama Xiclá.
 I3 Xiclá? Xiclá... e o homem?
 P Crado.
 I3 Crado. Xiclá, Crado. Xiclá perguntou pro marido Crado o que... o que o... Cra... Crado queria comer no jantar. É... quando o Crado, Crauder.
 P Crado.
 I3 Crado. Ah, o Crado lembrou que a... como que chama essa comida?
 P Lasanha.
 I3 A lasanha. Ah, ele se lembrou que viu... Ah, como que era?
 P Lasanha.
 I3 Lasanha na TV ah... hoje à noite. E pediu ela fazer... para... Xiclé.
 P Xiclá.

I3 Xiclá. Pra fazer.

Situação 3

P O homem de azul chama Carto. O homem de amarelo chama Nizácas.
 I3 Nizácas. Ca...
 P Carto.
 I3 Carto. Nizácas. Nizácas. Nizácas e Carto... tá indo pra academia... ahm... praticar tênis. Eu não to entendendo ele tá... o que ele tá fazendo. Ahm...
 P Ele tá com uma raquete de tênis.
 I3 O...
 P Nizácas.
 I3 Nizácas... é... iniciante. Ele não... ah, o Nizácas não sabe como segurar o raquete de tênis. É... Mais? Só não esse, né?
 P Tudo.
 I3 Ah, tudo. Só Nizácas. Nizácas. Nizácas... Ah, Carto ofereceu a cerveja pro... Nizácas, mas ele não toma cerveja. E o... mas o Carto insistiu que a cerveja é muito boa e fica melhor ainda com picanha. Ué? Depois? É... Por que no meio tem cerveja? Depois da aula de tênis, o... Nizácas decidiu parar de praticar tênis. Ele prefe... ah, o Nizácas prefere jogar futebol.
 P E quem prefere jogar tênis?
 I3 Carto.

Situação 4

P O nome da mulher é Clada Cúcar.
 I3 Clada Cúcar.
 P O nome do homem é Caspo.
 I3 Caspo. Cla... Clada Cúcar?
 P Uhum.
 I3 É Clara Cúcar.
 P Clada Cúcar.
 I3 Clada Cúcar... Ah, não é outra pessoa.
 P Não, é a mesma.
 I3 É a mesma. Ah... Clada Cúcar convidou... o que?
 P Caspo.
 I3 Caspo para sair no jantar e... o... Caspo preparou um presente para Clada Cúcar... pela surpresa. Hm? É mesma pessoa também?
 P Hm...
 I3 Não, esse é garçom, né? Hm... Mas no meio da festa, homem bateu no braço no... Caspo. E... o Caspo deixou cair o vinho na roupa da Clada Cúcar. Mesmo tava usando a roupa preta, a Clada Cúcar ficou muito brava, mas o Caspo não... não tava nem aí.

Situação 5

P O nome dele é Cradi.
 I3 Cradi.
 P E o nome dela é Clabide.

- I3 Clabide. Cradi. Clabide. Cradi tá pintando parede em branca e... Cabide? Cabide janai.
 P Clabide.
 I3 Clabide... é... chama o... Crádi.
 P Cradi.
 I3 Cradi para almoçar.

Situação 6

- P O nome dela é Raclata.
 I3 Raclata.
 P E Pocrato.
 I3 Pocrato. Raclata... Racla... ahm... Raclata e?
 P Pocrato.
 I3 Pocrato. Haclata mandou... o Pocrato... arrumar a travesseiro? Arrumar a cama, mas o Pocrato não quer obedecer. E... uma hora depois... hm... Raclata conseguiu convencer o... Pocrato.

Situação 7

- P Ricra.
 I3 Ricra.
 P Mucar.
 I3 Mucar?
 P Aham.
 I3 Ricra tá fazendo bolo. E... Ricra e?
 P Mucar.
 I3 Mucar tá observando... o bolo... ficar pronto.

Situação 8

- P Carfeira.
 I3 Carfeira?
 P É. Pocrá.
 I3 Pocrá.
 P E Gocás.
 I3 Gocás?
 P Gocás.
 I3 Gocás.
 P Carfeira, Pocrá e Gocás.
 I3 Carfeira, Pocrá, Gocás. Carfeira e... Pocrá? Estão fazendo as compras no shopping. E... foram pro banheiro. Pocrá?
 P Gocás.
 I3 Gocás... estava limpando chão do banheiro.

ANEXO H – Informante 4 – Transcrição fonética

Situação 1

kas'koni||kas'poni||kas'poni||m||kas'poni||ʃotoma'te||kas'poni'nɛ||aɛ||kas'poni||m||to'nik^wlɛ||to'nik^wlɛ||to'nikuɾɛ||es'poni||ɜ||to'nik^w||kas'poni||kas'poni:||to'nikuɾɛ||a'remowa'sureʃata||mu'karudɛ||mu'kardɛ||mu'kar^wdɛ||mu'kar^wdɛ||eto||nantoka'poni||kas'poni||kas'poni||kas'poni||to:'nikuɾɛ||awa'sureʃata||ɛ:||mu'kar^wdɛ||ʃotoma'te||nanda'ke||kas'poni||maskar^wponi||kas'poni||kas'poni||to:'nikuɾɛ||ɛko're||akon||era:||ɜ||mu'kar^wdɛ||mu'kadɛ||maskar^wponiɟa'najne||kas'por^wni:to'nikuɾa:||mu'kar^wdɛ||mu'kar^wdɛ||to'nikuɾa||kas^wponi||ka:||kas^wponi||ɜ||kas'poni||kas'poni'nɛ||to'nikuɾa||ma||m||a||mu||mɯs||mu'kar^wdɛ||ia:||ʃotomuzuka'ʃigus'tavosen'see||mu'kar^wdɛ||ʃoto||podziskre'veru||eto||mu'kar^wdɛɟanaku'te||kas'po||kas'poni||i||to'nikuɾa||eto||si:||ka'zara^m||ɛ||koⁿʃinu'ar^w||m||es||esʃi'foto||ɛ||mu'kar^wdɛito'nikuɾa||vira^m||ɛ:||kartas||

Situação 2

k^wlado||klado||klado||k^wlado||ʃik^wrɛ||ʃik^wrɛ||klado||ʃik^wrɛ||klado'ʃi||klado||k^wlado||ʃik^wrɛ||ʃik^wrɛ||ʃik^wlɛ||k^wrado||ʃik^wrɛ||krado'ʃik^wrɛ||m||a'ta'boⁿta'bo^m||ɛ:||eto||k^wlado||ɛ:||cero:||komer^w||la'zapɛ||ɛ:||klado||ɛ:||li'gow||para:||ʃikuɾɛ||ɛ:||k^wlado||a||convi:convi'dow||ɛ:||ʃik^wrɛ||parekomer^wla'zapɛ||k^om||k^wrado||konʃinu'ar^w||mesumope'soa||

Situação 3

karto||karto||kawto||ni'zakas||kawto||ni'zakas||kawtoni'zakas||pre'sizofa'rar^wa'tɛa'ci||ɛ:||k^wrado||k^urado||karto||kar'to||nidʒi||ni'zakas||kawtoni'zakas||kawtoni'zakas||kawtoni'zakas||m||haj||m'ʃoto ma'te||kaw'kawto||i:ni'zakas||dʒo'gar³m||tenis||ɛ:||de'po||de'pojsɟidʒo'gar'tenis||m||kawdo||ini'zakas||be'bera^m||ser^wvedʒɛ||k^wra||m||kawto||ɛ:||kawto||fa'lowce||ɛ:||vamos^wko'mer^wʃu'has^w||ʃuhas^wka'ri||ʃu'has^wko||mas^w||ni'zaka||ni'zakas||nɜw'cero||ɛra:||a'ɛɾɛɟanaj||ni'zakas^w||ɛ:||tem||kompro'mis o||ɛ:||paradʒo'gar^w||fuʃiɟorɯ||

Situação 4

ku'radɛ'kuka||ku'radɛ'kuka||k^wladɛ'kuka:||ɛk^wladɛ'kuka||pa||pa||kasupo||kas^wpo||k^wradɛ'kladɛ'kuka||m||kas^wpɛ||po||kas^wpo||k^wladɛ'kuka||kas^wko||kas^wpo||ku'radɛ'kuka||kas^wpo||k^wladɛ'kuka'kasko||m||kore:||m||a'tɛa'ci||m||wa'taʃino^menten'dʒio'ceakonte'sew||esʃiɛ'mezmo||agaso^m||aetonan da'ce||k^wraw'kuka||k^wraw'kuka||k^wrawda'kuka||ɛ:||koⁿvi'dow||konaⁿda'ce||kas^w||kaspo||kaspo||ɛ:||eto:||k^wrawda'kuku||eto||li'gow'ka||li'gow||kaspo||i:||konvi'dow||ce:||va'mosɯ:a'feste||ku'raw||k^w'rawdɛ||m||kuku||kuko||kuka:||de:||ɜ||dewp^wrezentʃi||para:||etokonanda'ce||kas^wpo||ɛ:||in'tɜ:w||ku'r awdɛ||ku||ku||ka||kuka||ɛ:||be||m||bebi||peɟiɯ||ga:so^m||eto:||be'bidɛ||

Situação 5

m||k^wladʒi||k^wradʒi||k^wra||k^wradʒi||k^wra||bidʒi||k^wra'bidʒi||k^wra'dʒik^wra'bidʒi||k^wra||m||k^wradʒi||k^wra||k^wradʒi||k^wradʒi||ɛ:||k^wradʒipin'tow||upa'redʒi||ɛ:||k^wra:||m||k^wra'bi||dʒi||viw||

Situação 6

haku'rate||hak^wrate||pok^wrato||haku'ratepok^wrato||hak^wrate||hak^wrate||pok^wrato||hak^wrate||k
o'renanio'ce'ε'iso||a||k^wra||m||nanda'ce||esce'si||ha'klate||haku'rate||hak^wrate||k^wra||pok^wrato||po
||po||pok^wrato||hak^wratepo'krato||ε:||hak^wrate||ε:||pe'dziw||pa||paku'ra||3||pok^wrato||ε:||toahu'mar
u||a'kama||ha||hak^wrate||i||m||hak^wrate||i||po||pok^wrato||pok^wrato||ε||ahumar3m||majsw||

Situação 7

'hik^wre||hikura||mu'kar^w||ε'hikuramu'ka||ε:||'hikura'vaj||fazer^w||ε||vo:||boro||are||hikura||ma||mu
k^wre||mu||mu'kar^w||a3u'dow||

Situação 8

ka'fejre||pok||m||poku'ra||ka'fejre||ka'fejre||poku'ra||ε||ʔfotoma'te||ka'fejre||po||poku'ra||ka'fejrepo
ku'ra||du||du'kas^w||gokas||ka'fejre||ka'fejre||pu'ku'ra||do'kas^w||go'kas^w||ka'fejre||ka'fejre||akomuʃ
ama||poku'ra||go'kas||go'kas||ka'fejre||ka'fejrei||etonanda'ce||hukure'dzanaj||ka'fejrei||poku'ra||ε:||
|fizeran'kompras||ε:||nanda'ce||pukura||pu||nanda||ka'he||ka||kar^wfe||ka'fejrei||po||poku'ra||ε:||asis
'ʔiram||ce'gokasu||fa'sinow||

ANEXO I – Informante 4: Transcrição ortográfica

Situação 1

- P O nome dele é Caspone.
 I4 Cascone?
 P Caspone.
 I4 Caspone. Caspone. Hm... Caspone. Chotto matte. Caspone, né?
 P Não pode escrever.
 I4 Ah, é? Caspone. Hm.
 P O nome dela é Tonicla.
 I4 Tonicla?
 P Tonicla.
 I4 Tonicla. Tonicla. Esponi? Ahm? Tonicu?
 P Caspone.
 I4 Caspone. Caspone, Tonicla.
 P Mucarda.
 I4 Are? Mo wasurechata.
 P Mucarda.
 I4 Mucarda. Mucarda. Mucarda. Eto... Nantokaponi.
 P Caspone.
 I4 Caspone. Caspone. Caspone. Tonicla. Ah, warechata. É...
 P Mucarda.
 I4 Mucarda. Chotto matte. Nan dake?
 P Caspone.
 I4 Caspone.... Mascarpone.... Caspone... Caspone... Tonicla. É kore?
 P Mucarda.
 I4 Ah, com... ela... ahm... Mucarda? Mucarda. Mascarpone janai, né?
 P Caspone.
 I4 Caspone, Tonicla. Mucarda?
 P Isso. Muito bem. O que aconteceu?
 I4 Mucarda.... Tonicla. Caspone. Ca... Caspone.
 P Caspone.
 I4 Ahm? Caspone? Caspone, né?
 P É.
 I4 Tonicla. Ma... Ma... Mu... Mus...
 P Mucarda.
 I4 Mucarda. Ia... Chotto muzukashi Gustavo sensei. Mucarda. Chotto... Pode escrever?
 P Não. O que aconteceu?
 I4 Eto... Mucarda janakute. Caspo...
 P Caspone.
 I4 Caspone e? Tonicla? Eto... Se casaram. É... continuar?
 P Hm? Este foto? É... Mucarda e Tonicla... viram... é... cartas.

Situação 2

- P O nome dele é Crado.
 I4 Crado? Crado. Crado.

- P Crado.
- I4 Crado.
- P O nome dela é Xiclá.
- I4 Xicla. Xicla. Clado. Xicla. Clado. Xi... Clado... Clado... Xicla...
- P Clado e Xiclá.
- I4 Xicla. Xicla.
- P Xiclá.
- I4 Crado. Xicla. Clado. Xicla. Hm.
- P O que aconteceu?
- I4 Ah, tá bom, tá bom. É... eto... Crado... é... quer... comer... lasanha. É... Clado... é... ligou para... Xicla. É... Clado... Ah. Convi... convidou... é... Xicla para comer lasanha com... Clado. Continuar? Mesmo pessoa?
- P Não, tá bom.

Situação 3

- P O homem de azul chama Carto.
- I4 Carto. Carto.
- P O homem de amarelo chama Nizácas.
- I4 Carto. Nizácas. Carto. Nizácas. Carto, Nizácas. Preciso falar até aqui?
- P Uhum.
- I4 É... Crado. Crado.
- P Carto.
- I4 Carto. Nidi...
- P Nizácas.
- I4 Nizácas. Carto. Nizácas. Carto. Nizácas. Carto. Nizácas. Hm... Hai. Hm. Chotto matte. Carto e Nizácas... jogaram tênis. É... Depo... Depois de jogar tênis. Hm... Carto e Nizácas beberam cerveja. Cra... Hm?
- P Carto.
- I4 Carto. É... Carto falou que... é... vamos comer churras... churrascaria... churrasco, mas Nizáca, Nizácas não quer. Ela... Ela janai. Nizácas... é... tem compromisso... é... para jogar futebol.

Situação 4

- P O nome dela é Clada Cúcar.
- I4 Clada Cúcar. Clada Cúcar.
- P Clada Cúcar.
- I4 Clada Cúcar.
- P O nome dele é Caspo.
- I4 É Clada Cúcar. Pa... Pa...
- P Caspo.
- I4 Caspo. Caspo. Clada... Clada Cúcar?
- P Isso.
- I4 Hm.... Caspa?
- P Caspo.
- I4 Po. Caspo. Clada Cúcar. Casco.
- P Caspo.
- I4 Caspo. Clada Cúcar. Caspo. Clada Cúcar. Casco. Hm... kore? Hm... até aqui?

- P Uhum.
- I4 Hm... watashi não entendi o que aconteceu. Este é mesmo?
- P Não, esse é o garçom.
- I4 Ah, garçom. Ah, eto nan dake. Clau Cúcar. Clau Cúcar.
- P Clada Cúcar.
- I4 Clada Cúcar... é... convidou... ko nan dake?
- P Caspo.
- I4 Cas... Caspo. Caspo. É... eto... Clada Cúcar... eto... ligou ka? Ligou Caspo e... convidou que... vamos à festa. Clau... Clada... Hm? Cucu? Cuco?
- P Cúcar.
- I4 Cúcar. De... Ahm... Deu presente para... Eto... ko nan dake?
- P Caspo.
- I4 Caspo. É... Então... Clada Cu... Cu... Ca... Cúcar... é... be... hm... bebi... pediu garçom... eto... bebida.

Situação 5

- P O nome dele é Cradi.
- I4 Hm? Cradi?
- P Cradi.
- I4 Cradi.
- P O nome da mulher é Clabide.
- I4 Hm? Cra... Cradi?
- P Aham.
- I4 Cra... Clabide?
- P Isso.
- I4 Cradi, Clabide. Cra... hm... Cradi. Cra... Cradi. Cradi... é... Cradi pintou o parede. É... Cla... Hm... Clabide viu.

Situação 6

- P O nome da mãe é Raclata.
- I4 Raclata. Raclata.
- P O nome do filho é Pocrato.
- I4 Pocrato? Raclata, Pocrato.
- P Isso.
- I4 Raclata. Raclata. Pocrato. Raclata. Kore nani? O que é isso? Ah. Cla... Hm... Nan dake? Esqueci.
- P Raclata.
- I4 Raclata. Raclata. Raclata. Cla.
- P Pocrato.
- I4 Pocrato. Po... Po... Pocrato?
- P Isso.
- I4 Raclata, Pocrato. É... Raclata... é... pediu Pa... Pakurá... Ahm...
- P Pocrato.
- I4 Pocrato. Eto... Arrumar a cama. Ra... Raclata e... hm... Raclata?
- P Isso.
- I4 E... Po...
- P Pocrato.
- I4 Pocrato. Pocrato... é... arrumaram. Mais?

P Não, tá bom.

Situação 7

P O nome dela é Ricra.

I4 Ricra.

P O nome dele é Mucar.

I4 Ricra. Mucar.

P Isso.

I4 É Ricra. Mucar.

P Isso.

I4 É... Ricra vai fazer... é... vo... bolo. Are? Ricra. Ma. Mucra?

P Mucar.

I4 Mu... Mucar ajudou.

Situação 8

P O nome dela é Carfeira.

I4 Carfeira.

P O nome dela é Pocrá.

I4 Poc... hm? Pocrá. Carfeira.

P Carfeira.

I4 Carfeira.

P Pocrá.

I4 Pocrá.

P Gocás.

I4 É? Chotto matte. Carfeira. Po... Pocrá? Carfeira, Pocrá. Du... Ducás?

P Gocás.

I4 Gocás. Carfeira? Carfeira. Pocrá. Docás.

P Gocás.

I4 Gocás. Carfeira. Carfeira... ah, como chama?

P Pocrá.

I4 Pocrá. Gocás.

P Isso.

I4 Carfeira. Carfeira e... eto... nan dake? Rúcula janai.

P Pocrá.

I4 Carfeira e Pocrá... é... fizeram compras... é... nan dake? Pocrá. Pu... nanda... Carre... Ca...

P Carfeira.

I4 Carfe... Carfeira e... Po...

P Pocrá.

I4 Pocrá... é... assistiram... que Gocás faxinou.

ANEXO J – Informante 5: Transcrição fonética

Situação 1

kas^wponi||kas^wponi||kas'poni||to'nik^wre||to'nik^wre||mu'karde||to'nik^wre||m||kas'poni||kas'ponito'n
ik^wre||kas'ponito'nik^wre||mu'karde||kas'poni||to'nikure||mu'karde||kas'poni||to'nikure||mu'karde||m
u'karde||kas'poni||to'nikure||mi'karde||mu'karde||mu'karde||kas'poni||to'nik^wre||mi'karde||mu'ka
rde||mu'karde||mu'karde||kas'poni||to'nik^wre||mu'karde||k³te'sew||ka'zo||kas^wpor||m||kas^wpon||i||
to'nik^wre||k³te'sew||depojs||ε:||foto||o'Λa:r^w||para||a'miga||naⁿda'ce||mujta'sedʒanaj||mu'karda||mu
'karda||mu'karda||to'mik^wre||kas'poni||kas'poni||

Situação 2

k^wrado||mu'kardo||k^wra||k^wradu||ʃik^wra||ʃik^wra||k^wrado||ʃik^wra||k^wrado||es'pozaʃik^wra||k^wrado||
m||kuawes'toria||m||k^wrado||ε:ko'mer^w||masa||de'pojs||riga||m||ʃik^wra||es'poza||ʃik^wra||k^wrado||ʃi
k^wra||m:||de'pojs||m||ε:||fo||for³m||ε:||hesto'r³nʃi||m||esko'Λer^w||ham||barjer||ow'masa||eto:||ε:||ko'm
emus||sa'rada||ε:||k^wradoi||eto'ne||ʃik^wra||a||k^wradoi||ʃik^wra||

Situação 3

kartu||ni'zakas||kama||kar^wtu||niza||ni'zaka||kar^wtu||ni||nizas||ni'zakas||kartu||ni||ni'zaka||ε:||kartuin
i'zakas||ε:||fo:r³m||ε:ɔgo'ga'tenis||ε:||de'pojs||ε:||de'pojs||ε:||kar^wto||i||ni'zakas||kartoini'zakas||ε:||fo:
r³m||ε:||fope'ria||fope'riadʒa'naj||hestawr³nʃi||ε:||fara:||ε:||fara:n³w||ka||m||

Situação 4

k^wrada'kuka||k^wrada'kuka||kas^wpo||k^wrawda'kuka||kas^wpo||k^wrada'kuka'kas^wpo||k^wrada'kuka'k
as^wpo||k^wrada'kuka'kaspo||ε:||k^wrada'kuka||i'kas^wpo||fala:||r³m||ε:tere'foni||kas^wka||m||kaska||ε:||ʃ
i'gaw||kaska||kaspo||k^wrada'kuka'kaspo||esʃi||kas^wpo||ε:||k^wrada'kuka||kaspo||ε:k^wrada'kuka||ε:||
dʒ³ta||m||wakara'naj||p^wrezeⁿʃi||m||pa'ra||ku'ra:da'kuka||dʒi:||kaspo||

Situação 5

k^wradʒi||k^wradʒi||k^wra'bidʒi||k^wradʒik^wra'bidʒi||k^wradʒi||es'ta||piⁿtar||ε:||k^wrabi||k^wra'bidʒi||ε:||foj
a:||o'Λa||o'Λada||iso||

Situação 6

hak^wrata||hak^wrata||pok^wrato||hak^wratapor'kato||hak^wrata||es'tako:^m||m:to||pok^wratoes'tako^m||
m:to||oku'ru||at^wra'zadu||es'tako^mat^wra'zado||ε:||por^wce:||po'kato||po'katu||no:||kataɖu'ceru||ahu'
mow||m||de'pojs||ε:||kua'reⁿta'i'siⁿkumi'nutos||ε:||ε:||p^wratoi||hak^wra||ta||eto||naka'nai||ahu'mar^w||

Situação 7

'hik^wra||hik^wramu'kar^w||hik^wra||hik^wra:||fa'ze:||boro||ε:||de'pojs||ε:||a'sa:du||dʒi'fogo||wakara'naj||
ε:to:||mu'karu||ɖʒuⁿtos||por^wce:||mu'karu||es'towko^mfomi||

Situação 8

kar^w'fejra||karu'fejra'pokra||3||kar'fejra||pok^wra||gokas^w||kar^w'fejra||kar^w'fejrai:||pokas||pok^wra||ε:
 ||vaj||ʃopi^ɲg^w||m:||kwaⁿdo||ʃu'ga:||noʃe'ga:||ʃe'ga^m||ε:||ri^m'par^w||eto||go'kadʒɪ||dʒiri^m'pado||ereva'dor
 udʒa'naj||m||ka'fejra||ri^m'pada||pok^wra||go'kas^w||go'kaʃi||

ANEXO K – Informante 5: Transcrição ortográfica

Situação 1

- P O nome do homem é Caspone.
 I5 Caspone. Caspone.
 P Não pode escrever.
 I5 Caspone.
 P O nome da mulher é Tonicla.
 I5 Tonicla. Tonicla.
 P O nome da amiga é Mucarda.
 I5 Mucarda. Tonicla. Hm?
 P Caspone.
 I5 Caspone. Caspone, Tonicla. Caspone, Tonicla.
 P Mucarda.
 I5 Mucarda. Caspone, Tonicla, Mucarda. Caspone, Tonicla, Mucarda. Mucarda. Caspone, Tonicla, Micarda.
 P Mucarda.
 I5 Mucarda. Mucarda. Caspone, Tonicla, Micarda.
 P Mucarda.
 I5 Mucarda. Mucarda. Mucarda. Caspone, Tonicla, Mucarda.
 P O que aconteceu?
 I5 Aconteceu?
 P Casou...
 I5 Casou...
 P Então... Caspone...
 I5 Caspone. Hm? Caspone e... Tonicla... aconteceu.
 P E depois?
 I5 Depois... é... foto. Olhar para... amiga... nan dake? Muitase janai.
 P Mucarda.
 I5 Mucarda. Mucarda. Tonicla...
 P Caspone.
 I5 Caspone?
 P Isso.
 I5 Caspone.

Situação 2

- P O nome do homem é Crado.
 I5 Crado.
 P O nome da mulher é Xiclá.
 I5 Mucardo?
 P Crado.
 I5 Cra... Crado.
 P E Xiclá.
 I5 Xicla. Xicla. Clado, Xicla. Clado. Esposa Xicla.
 P Aham.

- I5 Clado...
- P Qual é a história?
- I5 Hm? Qual história?
- P Isso.
- I5 Hm?
- P O que você vê aí?
- I5 Clado... é... comer... massa.
- P E depois?
- I5 Depois liga... hm...
- P Xiclá.
- I5 Xicla. Esposa... Xicla.
- P Clado.
- I5 Clado. Xicla.
- P Isso.
- I5 Hm...
- P E depois?
- I5 Depois... Hm? É... fo... foram... é... restaurante. Hm... escolher... hambúrguer ou massa.
- P Aham.
- I5 Eto... é... comemos salada.
- P Quem comeu salada?
- I5 É...
- P Clado...
- I5 Clado e... eto, né...
- P Xiclá.
- I5 Xicla. Ah... Clado e Xicla.

Situação 3

- P O nome do homem de azul é Carto.
- I5 Carto.
- P O homem de amarelo é Nizácas.
- I5 Nizácas.
- P Isso.
- I5 Cama...
- P Carto.
- I5 Carto. Niza.
- P Nizácas.
- I5 Carto.
- P Aham.
- I5 Ni... Nizas.
- P Nizácas.
- I5 Nizácas. Carto. Ni... Nizacas.
- P Isso. Qual é a história?
- I5 Ahm... Carto e Nizácas... é... foram... é... jogar tênis.
- P Aham.
- I5 É... depois... é... depois... é... Carto... e...
- P Nizácas.
- I5 Nizácas. Carto e Nizácas... é... foram... é... choperia. Choperia janai. Restaurante. É... falar... é... falaram... ca... hm...

Situação 4

- P O nome da mulher é Clada Cúcar.
- I5 Clada Cúcar. Clada Cúcar.
- P Isso. O nome do homem é Caspo.
- I5 Caspo. Clada Cúcar. Caspo.
- P Aham.
- I5 Clada Cúcar. Caspo. Clada Cúcar. Caspo.
- P Isso.
- I5 É... Clada Cúcar... e Caspo... falaram... é... telefone. Casca... Hm? Casca. Ahm? Chigau. Clada Cúcar. Casca.
- P Caspo.
- I5 Caspo. Clada Cúcar. Caspo. Este Caspo?
- P Isso.
- I5 É... Clada Cúcar. Caspo. É... Clada Cúcar... é... jantar... hm... wakaranai.
- P O que é isso?
- I5 Presente.
- P Isso.
- I5 Hm... para... Clada Cúcar?
- P Ahm.
- I5 De Caspo?
- P Isso.

Situação 5

- P O nome dele é Cradi.
- I5 Cradi. Cradi.
- P O nome da mulher é Clabide.
- I5 Clabide.
- P Isso.
- I5 Cradi. Clabide.
- P Isso.
- I5 Cradi... está... pintar... é... Clabi...
- P Clabide.
- I5 Clabide.
- P Aham.
- I5 É... foi a... olha... olhada.
- P Isso.
- I5 Isso?

Situação 6

- P Ela chama Raclata.
- I5 Raclata.
- P E o filho chama Pocrato.
- I5 Raclata...
- P Pocrato.
- I5 Pocrato. Raclata. Pocrato. Raclata... está com... hm... to... Pocrato está com... hm... to... okuru.

- P Atrasado?
 I5 Atrasado. Está com atrasado. É... porque...
 P Pocrato.
 I5 Pocrato. Pocrato não... katazukeru.
 P Arrumou.
 I5 Arrumou... hm...
 P Depois?
 I5 Depois... hm... quarenta e cinco minutos.
 P Aham.
 I5 É...
 P Pocrato. Raclata.
 I5 Pocrato e Raclata... eto... nakanai... arrumar.

Situação 7

- P O nome dela é Ricra.
 I5 Ricra.
 P O nome dele é Mucar
 I5 Ricra. Mucar. Ricra.
 P Isso.
 I5 Ricra... fazer... bolo.
 P Aham.
 I5 É... depois... é... assado... de fogo... wakaranai. Eto...
 P Mucar.
 I5 Mucar juntos... porque... Mucar estou com fome.

Situação 8

- P O nome dela é Carfeira.
 I5 Carfeira.
 P Pocrá.
 I5 Carfeira. Pocrá.
 P Gocás.
 I5 Ahm? Carfeira, Pocrá, Gocás. Carfeira. Carfeira e... Pocas.
 P Pocrá.
 I5 Pocrá. É... vai... shopping... hm... quando... chugar... não, chegar... chegam.
 P Aham.
 I5 É... limpar. Eto...
 P Gocás.
 I5 Gocás... de limpado... elevador janai?
 P Pode ser.
 I5 Hm...
 P Então qual o nome dela? Carfeira.
 I5 Carfeira. Limpada.
 P Pocrá.
 I5 Pocrá.
 P Gocás.
 I5 Gocás. Gocás.

ANEXO L – Informante 6: Transcrição fonética

Situação 1

kas^upo^uno||kas^uponi||posoeskre've||kas^uponi||si^m||to'nik^ure||kas'ponito'nik^ule||mu'kar^ude||o'hiv
ew||mu'karde||to'niku||mu'ceke||isce'si||kas'poni||to:nike||to'nik^ule||mu'ceke||mu'kar^ude||anoⁿkoⁿ
se'ji||ε:||to'nik^ure||tamos^utr³n^udoos'fotospa'ra:||mu'kar||de||mu'karde||i:a||os'fotos||soⁿ||kaza'meⁿto
:||do||to'nik^ure||i||ma'rido:da||to'nik^ure||ma'rido||kas^upo^uno||mu'karude||noⁿfoj'parakaza'meⁿto||pur
'ce:'era:||por'ce||mu||ceka'ra||fojvia'za:||para'otropa'is||

Situação 2

k^ulado|m||fik^ure|m||fikure||fik^ure||k^urado||fik^urek^urawdo||k^urawdo|m||i'desamu'Λε||a'εrepiⁿ
toka'beru||o'ceakoⁿte'sew||k^urado||k^urawdo||k^urado||k^urawdo||k^urado:||k^urawdo'tava:jis'fjⁿd
oterevi'zoⁿ||i:peⁿso:||ceaw'mos^u||ozi'ceawmo'sa:||la'zane||ide'pojs'eli:||k^urawdo||k^urawdori'go'p
are||sik^ure||a'i:||k^urawdori:sik^ura:||ko^mbi'no||awmo'sa||i:||k^urawdori:sik^ura'foj'pra:aw'gu^mhesto'r
zⁿfj||fikre||fik^ure||a'i:k^urawdoper^uguⁿto||se'race:a'cinohesto'r³fj'e'majs'gos^utudu'ci:||a||noⁿ||h³
burje||gos^utodji||sa'i'majsdji:ra'zane||o:'paste||sik^urehespoⁿdew||nuⁿsej||cici'ε'si'verdzi||a:||

Situação 3

karto||ni'zake||kar^utoni'zake||m||ε||i'zake||ni'zakas||kartoi:ni'zakas'ta:tre'n³do||t³wtrej'n³do||dzi't
enis||ini'zake||ni'zakas||tavapeⁿsandoaw'gume'kojze||i:||ka:||ruros||kartofa'mo:||ni'zakas||v³mu
e've:||u^mpoku||ni'zakas||a'no^mbri'gade||kawtu||aisce'si||ce'ria:||pi'k³ne||ni'zake'dzisci||no^mbri'gade||
|koⁿgas'trifj||iⁿto'a'zeⁿfjio||m||ozini'zakai:||ni'zakaimu'cace||ni'zakasi'kawme||karto||de'fa'otro'dzi
e||parebe'be||

Situação 4

k^urade'kuke||kuka:||ku'rade'kuke||kas^upo||ku'rade'kuke'kas^upo||so||ociakoⁿte'sew||k^urawde'ka
ko||kuke||k^urade'kuke||ri'go'para:||kas^upo||kaspo||i||k^ura:de'kakoi'kaspoko^mbi'no'para:||k^ura:d
e'kuke||saspo||kaspo||ko^mbi'no:||pasa'i||naba'rade||i'kas^uko||dewp^ure'zeⁿfj'para:||ka||k^urawde'ku
ke||ik^urade'kukepi'dziw||kak||uⁿkaci'tew||ide'pojs||k^urawde'kako||kuke||i'sas^upo||kas^upo||pi'dzi
wbi:jo||fjⁿto||iaw'gumepe'soa:||pu'fo||kas^upo||i:ka'iwve'vide||ia'nojfi||de'pojs||a'nojsiⁿ'kazep^uros
imu'djie||k^urade'kuke||koⁿto:||ci'hia'cimo'meⁿtufi'kava'b^uravu||para:||'kuke||

Situação 5

k^ura||dzi||k^ura'bidzi||k^ura'dzi||k^ura'bidzi||k^ura'dzitapiⁿtaⁿdo:||pa'redzi||dzi'kaze||k^ura'cipi||k^ura'bi
dzi'fa'mo||k^uradzi||parawmo'sa||haj||za'vo||k^uradzi'fa'loci'za'vo||

Situação 6

hak^urate||pok^urato||hak^urate||pi'dziw||ci||hak^urata'hume||haklate||k^urato||po'k^urato||hak^ura||ta
||pi'dziwci||pok^uratoa'huma:||kame||kamedo:||k^urato||po'k^urato||i:||de'pojzo:ume'ore||hak^uratoⁿ
si:'notaiⁿsin³do||komoahu'ma'kame||do:||ha||pok^urato||ipo'kratoapreⁿdew||

Situação 7

'hika||mu'ka:||hike||hikre||mokre||mu'ka:||hikre'moka||hikre||tafa'zeⁿdo:zi'boro||i:ha'ka||mu'kar||ta
o'ʌⁿdoci:||hika'ta:||coziⁿpaⁿdo||soci||hi'kratonoⁿkonse'ji||espe'ra:||

Situação 8

verdʒi||ama'rɛrupa'rɛsi||ka'fejre||kar^wfejre||pok^wra||pukra||po'kra||a:||kara'fejɛi||pok^wra||go'kas||k
a'ʒas||ka||kar'fejre||kok^wra||gafejre||go'kas||kara'feja||kar'feja||kar'fejre||goj'as||go'kas||poka'fejs||p
ok^wra||o'ciakoⁿte'sew'ewisce'si'tudu||kar'fejre||pokra||bo'kas||go'kas||kar'fejs||kar'fejɛi'pokas||fo
jko^mpra:||pok^wra||foraⁿko^mpra:||parana'taw||hako^mprapre'zeⁿʃis'parana'taw||i:||depojʃ:fɛgaraⁿk
aze||tavaproi'bidudʒi:||ʒⁿda:||dokohe'dorduapata'meⁿto||i:||kara'feira||kar'fejrai'pokra||pi'dziw||par
a||go:kas||deʃa'ri^mpa||ko'migus||

ANEXO M – Informante 6: Transcrição ortográfica

Situação 1

- P O nome do noivo é Caspone.
 I6 Casponho?
 P Caspone.
 I6 Caspone?
 P Isso.
 I6 Posso escrever?
 P Não.
 I6 Caspone?
 P Isso.
 I6 Sim.
 P O nome da noiva é Tonicla.
 I6 Tonicla?
 P É.
 I6 Caspone, Tonicla.
 P E o nome da amiga é Mucarda.
 I6 Mucarda? Horrível. Mucarda?
 P É.
 I6 Tónico... Moqueca... Esqueci.
 P Como é o nome? Caspone.
 I6 Caspone.
 P O nome dela.
 I5 Tonicla.
 P Tonicla.
 I6 Tonicla.
 P E o nome dela?
 I6 Moqueca.
 P Mucarda.
 I6 Mucarda. Ah, não consegui!
 P Consegue sim. O que aconteceu nessa figura?
 I6 É... Tonicla... ta mostrando os fotos para...
 P Mucarda.
 I6 Mucarda. Mucarda.
 P E? Fotos do quê?
 I6 E a... os fotos... são... casamento... do... Tonicla... e... marido da Tonicla...
 P Qual é o nome do marido?
 I6 Marido...
 P Caspone.
 I6 Casponho.
 P E a Mucarda foi no casamento?
 I6 Mucarda não foi para casamento.
 P Por quê?
 I6 Porque ela... porque Moqueca foi viajar... para outro país.

Situação 2

- P O homem chama Crado.
- I6 Crado?
- P É. A mulher chama Xiclá.
- I6 Xicla. Hm... Xicla...
- P Xiclá.
- I6 Xicla. Crado.
- P Uhum.
- I6 Xicla, Crado. Crado?
- P Uhum.
- I6 Hm... E dessa mulher?
- P É a mesma. É a Xiclá.
- I6 Ah, ela pintou cabelo?
- P Isso. O que aconteceu?
- I6 O que aconteceu?
- P É.
- I6 Crado... Crado? Crado? Crado... Crado... Hm... tava assistindo televisão... e pensou... quer almoçar... hoje quer almoçar... lasanha. E depois ele... Crado. Crado ligou para Xicla.
- P E aí?
- I6 Aí? Crado e Xicla combinou almoçar... e... Crado e Sicla foi pra algum restaurante.
- P O nome dela é Xiclá.
- I6 Xicla. Xicla. Aí Crado perguntou... será que aqui no restaurante é mais gostoso do que... ah, não.... hambúrguer. Gosto de... sair mais de lasanha? Ou pasta? Xicla respondeu... não sei. Que que é esse verde?
- P Salada.
- I6 Ah...

Situação 3

- P O homem de azul chama Carto.
- I6 Carto?
- P O homem de amarelo chama Nizácas.
- I6 Nizáca? Carto e Nizáca.
- P Nizácas.
- I6 É? Izaca?
- P Nizácas.
- I6 Nizácas.
- P Isso. E aí?
- I6 Carto e Nizácas tá treinando... tão treinando de tênis. E Nizáca... Nizácas tava pensando alguma coisa. E... Ca... ruos.
- P Carto.
- I6 Carto chamou... Nizácas. Vamos beber um pouco? Nizácas... Ah, não obrigada. Carto... Ah, esqueci. Queria picanha?
- P Uhum.
- I6 Nizácas disse que não, obrigada. Com gastrite. Então a gente o... hm? Hoje Nizáca e... Nizáca e Mucaca? Nizácas e Calma?
- P Carto.

I6 Carto. Deixa outro dia para beber.

Situação 4

P O nome dela é Clada Cúcar.
 I6 Clada Cúcar?
 P Cúcar.
 I6 Cúcar.
 P Como é o nome dela?
 I6 Clada Cúcar.
 P E o nome dele é Caspo.
 I6 Caspo?
 P Aham.
 I6 Clada Cúcar. Caspo. Só?
 P Uhum. O que aconteceu?
 I6 O que aconteceu. Clada Caco.
 P Cúcar;
 I6 Cúcar. Clada Cúcar ligou para...
 P Caspo.
 I6 Caspo. Caspo? E... Clada Caco e Caspo combinou para...
 P Clada Cúcar.
 I6 Clada Cúcar e Saspo.
 P Caspo.
 I6 Caspo. Combinou... pra sair... na balada. E Casco deu presente para... Ca...
 P Clada Cúcar.
 I6 Clada Cúcar. E Clada Cúcar pediu... cac... um coquetel. E depois... Clada Caco.
 P Cúcar.
 I6 Cúcar. E Saspo?
 P Caspo.
 I6 Caspo. Pediu vinho tinto. E alguma pessoa... puxou... Caspo. E caiu bebida. E à noite, depois... à noite em casa próximo dia...
 P Clada Cúcar.
 I6 Clada Cúcar... contou... que ria que momento ficava bravo para... Cúcar.

Situação 5

P Agora é mais rápido. O nome dele é Cradi.
 I6 Cradi.
 P E o nome dela é Clabide.
 I6 Clabide.
 P Então como é o nome dele?
 I6 Cradi. Clabide. Cradi tá pintando... parede de casa. Curaquipi.
 P Clabide.
 I6 Clabide chamou... Cradi para almoçar. Hai.
 P E o que ele falou para Clabide?
 I6 Já vou.
 P Quem falou?
 I6 Cradi falou que já vou.

Situação 6

- P O nome da mãe é Raclata.
 I6 Raclata.
 P O nome do filho é Pocrato.
 I6 Pocrato? Raclata... pediu que... Raclata arrumar...
 P Como é o nome dela?
 I6 Raclata.
 P E o nome dele?
 I6 Crato.
 P Pocrato.
 I6 Pocrato. Raclata pediu que...
 P Pocrato.
 I6 Pocrato arrumar... cama? Cama do Crato.
 P Pocrato.
 I6 Pocrato. E... depois uma hora, Raclata ensinou... tá ensinando como arrumar cama do... Há... Pocrato. E Pocrato aprendeu.

Situação 7

- P O nome da mãe é Ricra.
 I6 Rica.
 P O nome do filho é Mucar.
 I6 Mucar.
 P Qual é o nome da mãe?
 I6 Rica.
 P Ricra.
 I6 Ricra.
 P Nome do filho?
 I6 Mocra.
 P Mucar.
 I6 Mucar. Ricra, Mucar... Ricra tá fazendo de bolo. E Raca...
 P Mucar.
 I6 Mucar tá olhando que... Rica tá cozinhando. Só que. Ricrato não consegui esperar.

Situação 8

- P O nome da mulher de verde é...
 I6 Verde?
 P É. É verde. É amarelo?
 I6 Amarelo parece.
 P Não, é verde. O nome da mulher é Carfeira.
 I6 Carfeira.
 P Carfeira.
 I6 Carfeira.
 P O nome da mulher de rosa é Pocrá.
 I6 Pocrá. Pucra?
 P Pocrá.
 I6 Pocrá. Ah? Cara feia e...
 P Pocrá.

I6 Pocrá.
P O nome da faxineira é Gocás.
I6 Gocás.
P Qual é o nome dela?
I6 Caras...
P Carfeira.
I6 Ca... Carfeira. Cocurá. Gafeira.
P Gocás.
I6 Gocás. Cara feia.
P Carfeira.
I6 Carfeia.
P Carfeira.
I6 Carfeira. Goiás.
P Gocás.
I6 Gocás. Poker face.
P Pocrá.
I6 Pocrá.
P O que aconteceu?
I6 O que aconteceu? Eu esqueci tudo.
P O nome dela é Carfeira.
I6 Carfeira.
P Pocrá.
I6 Pocrá.
P Gocás.
I6 Bocás.
P Gocás.
I6 Gocás. Carfeis...
P Carfeira.
I6 Carfeira e Pocas... foi comprar...
P Pocrá.
I6 Pocrá... foram comprar... para natal.. ha... comprar presentes para natal. E depois... chegaram... casa, tava proibido de... andar... do corredor do apartamento. E... Carafeira.
P Carfeira.
I6 Carfeira e Pocrá pediu... para... Gocás... deixa limpa comigo.

ANEXO N – Informante 7: Transcrição fonética

Situação 1

kas'poni||nũɛʒo'ʒw||to'nikrɛicas'poni||dʒi'fisiwle^mbra||ew'dʒaisce'si||nojvɔ||to'nikɐ||kas'poni||to'ni
kɐ||to'nikurɐ||kas'poni:to'nikura:||aisce'si||mu'kardɐ||ta||ʒ:||to'nik^wrɛka'zokɔkas'poni||i:||de'pojzdo
kaza'mẽⁿto||a:a'migɛda:to'nik^wrɐ||ci'fɜmɐ||ci'ɛramezmɔ||mu'kardɐ'vejɔpara'kazɐ||para:to'nik^wrɛi
kas'poni||i:to'nik^wrɛmos'tro'foto||dɔkaza'mẽⁿto||purce:a'migɐ||isce'si||mu'kardɛnɔpo'dʒiɛkɔpare's
eawkaza'mẽⁿto||i:||ɛrɛmos'tro||nɔ||to'nikrɛmos'tro'varjasas'fotos||para:mu'kardɐ||ikazamẽⁿto||i:m
u'kardɐper^wguⁿtokomocifojkaza'meⁿto||i:to'nik^wrɛfa'roci||kaza'meⁿtofoj'mujtɔa'rɛgr||i:nasa'idɛ
daig^wreʒɐ||osa'migos^w||ʒo'garʒa'hojs||para:||deze'zaferi'fɪdadʒiparas'nojvos||

Situação 2

k^u'rado||fɪk^w'rai'klado||uhũ||pɔsokome'sa||tao:||esce'si'nɔmɪ||k^w'rado||i||fɪk^w'ra||'kradoi'fɪk^w'rasna
morados||fɪk^w'ra'ri'gopra'krawdo||apergun'tɜⁿdo||oʒecerjɜʒⁿ'ta'ʒuⁿto||i:k^w'radodʒisici:||'bamosʒⁿ
'ta'ʒuⁿtos||i'krawdɔtavace'reⁿdoko'me:la'zɛɐ||i:||fɪk^w'ra'vejɔparɐ'kazɛdɔk^w'rawdo||k^u'rado||i'fɪk^w
rapergun'toocice'rjako'me||parɐ'krawdo||i'erifa'rowci:||a^mbur'jeza||majsfɪk^w'ra'dʒisici:nɜwɛ'mujt
osaw'davew||vamosko'me'otra'kojzɐ||o'civo'sece'riako'me||a'fɪk^w'raperguⁿ'topara'krawdo||erifa'ro
cice'riako'me:espa'jɛtɐ||ʒafɪk^w'ra'dʒisiciaespa'jɛtɪta^m'be^mɛmujtoka'rɔriko||inɜwfazbe^mparakorpo||
i'ɛrɛsuze'rjw||ko'mesa'radɐ||eo'krawdɔnɜwfi'ko'mujtokoⁿ'teⁿfɪ||majsasej'toko'mesa'radɐ||

Situação 3

'kar^wto||'kartoini'zakas||ta||'kartoini'zakasʒwa'migos||elɪsempɪrɪvɜwparek^w'rubɪ||para:||dʒo'ga'teni
s||de'pojsdo:de'pojsdo'dʒogɔerɪzdesidʒirɜⁿ||to'maser^w'veʒɐ||erɪs'forɜ^mpara'bar||ikome'sato'ma:||k
ome'sarɜ^wato'maser^w'veʒɐ||ɜ:||esce'si'nɔmɪ||karto||kartosuze'riw||ko'mɛʃu'has^wko||so||soci:||ni'zak
a||ni'zakas||a'indɐ||a'indɐ'fɪɲaum'ʒogɔdʒifufɪ'bɔ:||i:'karto||coⁿ'vi'doparako'mɛʃu'has^wko||majs^wni'
zakadɛfɪ'dʒiʒo'ga||ni'zakasdɛfɪ'ʒiʒo'gafufɪ'bɔw||

Situação 4

ku'rada'kukar||'kas^wpo||maste^motro'ome^m||mezmo||pur'ceukordʒika'berɔɛdʒife'reⁿfɪ||ɛvɛr'dadʒɪ||
ku'racɪ||kas^wpo||i:||k^u'rada'kuka||i:||ɔme^m||k^u'rada'kukai'kaspo||ta||ak^u'rada'kukai'kaspo||sɜⁿnamo'r
ados||na'sesta'fɛra||ereskombinarɜ^m||inkon'traa'noi'fɪnuhesto'rɜⁿfɪ||a:||isce'si||k^u'rada'kuka:||hesɛ'
bewpre'zentfɪdo:'kaspo||i:||ɛrape'dʒiwu^m'kaku||koci'tɛwpara:||gar'so^m||ide'pojs^o'ɛleskome'sarɜⁿto'
ma'vɪno||majs^o||k^o'raka||ku'rada'kukar||dʒi'fɪ'dʒiwiẽ^m'borɐ'majs^o'sedo||ɛlafɪ'kob^o'rava||pur'ce:||kas
po||be'bew'mujto||i:'ɛla'foj||nɔⁿ||k^u'ra||k^u'rada'kuka'foje^m'bɔrɐ||i:'kas^opo'foja'trajs'dɛrɐ||

Situação 5

'kladʒikla'bidʒi||'kladʒikra'bidʒi||ta||k^o'radʒɪkome'sopiⁿ'taapa'redʒɪkɔ^w'fɪⁿtab^o'rɜⁿkɐ||ik^o'ra'dʒi'vejo
pra:||k^o'ra'bidʒɪ||k^o'ra'bidʒɪ'vejo'para've:||a'kor^odapa'redʒɪ||majs'ɛranoⁿgos'toab^o'rɜⁿkai'ɛrasuze'riw
piⁿ'takɔ'ot^o'ra'kor||

Situação 6

hak^uratə||pok^urato||hak^uratam³"do'fiʌo||organi'za||'kwar||a||hak^uratəm³"dopok^urato||ahu'mao'
kwarto'deri||majsnói'nisjo'erinõobede'sew||majsnói'nisjopok^uratonõobede'sewmɛj||majsa'mɛjk
onveⁿsewpok^urato||i:||pok^uratokome'soao^ogani'za||a'hopa'dɛra||a'hopadopok^urato||i:||aisce'ci'n
omi||hak^uratærozi'o||opok^urato||

Situação 7

mu'kar^uhik^ura||a:'hik^uradeʃi'dziwfa'zeu^mboru||mu'kar||azu'doa'hik^ura||o'borofi'kop^uroⁿto||a'hik^ur
a||koro'ko:||o'borono'for^ono||in'kw³to||muk^ura||mu'kar||es'taveⁿdo||

Situação 8

ka'fejɾɐ||t^urezno^mpɔsu||ka'fejɾɐ||pok^uraka'fejɾɐ||ko'kas^u||ka'fejɾɐpok^urako'kas^u||ka'ferɐ||i||ko'kas|
|fi'zɛɾ³||mujtas^uko^mpras^u||ka'feraipok^urafi'zɛɾ³mujtas^uko^mpras||i:||pok^uraika'hera||ce'riako^m
pra'majs||majs||ka'hera||go'kas||es'tavari^mp³dofo^m||inf^oreⁿʃido||da'ɾɔʒa||i:||kahe||ɜ||ka'fejɾɐipok^u
ra'ʃiɲaciespe'ra||ri^mpez

ANEXO O – Informante 7: Transcrição ortográfica

Situação 1

- P O nome do homem é Caspone.
 I7 Caspone. Não é João?
 P Não. O nome da noiva é Tonicla.
 I7 Tonicla e Caspone?
 P É.
 I7 Difícil lembrar...
 P E o nome da amiga é Mucarda.
 I7 Eu já esqueci.
 P Qual que é o nome do noivo?
 I7 Noivo... Tonicla.
 P Caspone.
 I7 Caspone.
 P O nome da noiva?
 I7 Tonicla.
 P Tonicla.
 I7 Tonicla. Caspone, Tonicla.
 P E a amiga?
 I7 Ah, esqueci.
 P Mucarda.
 I7 Mucarda.
 P Tá bom?
 I7 Tá.
 P O que aconteceu.
 I7 Ahm... Tonicla casou com Caspone. E... depois do casamento... a amiga da Tonicla.
 P Que chama?
 I7 Que chama... Que era mesmo?
 P Mucarda.
 I7 Mucarda veio para casa... para... Tonicla e Caspone. E Tonicla mostrou foto... do casamento. Porque amiga... esqueci.
 P Mucarda.
 I7 Mucarda não podia comparecer ao casamento. E... Ela mostrou... Não... Tonicla mostrou várias as fotos para... Mucarda?
 P Isso mesmo.
 I7 E casamento. E Mucarda perguntou como que foi casamento. E... Tonicla falou que... casamento foi muito alegre e na saída da igreja, os amigos... jogaram arroz... para... desejar felicidade para as noivos.

Situação 2

- P O nome do homem é Crado.
 I7 Crado.
 P O nome da mulher é Xiclá.
 I7 Xiclá e Crado.

- P É.
- I7 Uhum. Posso começar?
- P Pode.
- I7 Tá. O... esqueci nome.
- P Crado.
- I7 Crado e?
- P Xiclá.
- I7 Xiclá. Crado e Xiclá são namorados. Xiclá ligou pra Crado... ah... perguntando hoje queria jantar junto e Crado disse que vamos jantar juntos. E Crado tava querendo comer lasanha. E... Xiclá veio para casa do Crado.
- P Crado.
- I7 Crado. E Xiclá perguntou o que queria comer... para Crado. E ele falou que... hamburguesa. Mas Xiclá disse que não é muito saudável. Vamos comer outra coisa. O que você queria comer? A Xiclá perguntou para Crado. Ele falou que queria comer espaguete. A Xiclá disse que a espaguete também é muito calórico e não faz bem para corpo. E ela sugeriu comer salada. E o Crado não ficou muito contente, mas aceitou comer salada.

Situação 3

- P O homem de azul chama Carto.
- I7 Carto.
- P O homem de amarelo chama Nizácas.
- I7 Carto e Nizácas.
- P Isso.
- I7 Tá. Carto e Nizácas são amigos. Eles sempre vão para clube para... jogar tênis. Depois do,,, depois do jogo, eles decidiram... tomar cerveja. Eles foram para bar e começa a tomar... começaram a tomar cerveja. Ahm... Esqueci nome.
- P Carto e Nizácas.
- I7 Carto. Carto sugeriu comer churrasco. Só... só que...
- P Nizácas.
- I7 Nizáca.
- P Nizácas.
- I7 Nizácas ainda... ainda tinha um jogo de futebol. E Carto convidou para comer churrasco, mas Nizácas decidiu jogar... Nizácas decidiu jogar futebol.

Situação 4

- P O nome da mulher é Clada Cúcar. O nome do homem é Caspo. Qual é o nome da mulher?
- I7 Clada Cúcar.
- P E o nome do homem?
- I7 Caspo. Mas tem outro homem.
- P Não, é o mesmo.
- I7 Mesmo? Porque o cor de cabelo é diferente.
- P Aqui também muda um pouco a cor.
- I7 É verdade. Curaqui... Caspo. E?
- P Clada Cúcar.
- I7 Clada Cúcar. E? Homem?

- P É o mesmo. É o Caspo.
 I7 Clada Cúcar e Caspo.
 P É.
 I7 Tá. A Clada Cúcar e Caspo são namorados. Na sexta-feira, eles combinaram encontrar à noite no restaurante. A... esqueci.
 P Clada Cúcar.
 I7 Clada Cúcar... recebeu presente do Caspo. E ela pediu um cacu... coquetel para... garçom. E depois, eles começaram tomar vinho. Mas... Claca...
 P Clada Cúcar.
 I7 Clada Cúcar... decidiu ir embora mais cedo. Ela ficou brava... porque... Caspo... bebeu muito. E ela foi. Não. Cra...
 P Clada Cúcar.
 I7 Clada Cúcar foi embora. E... Caspo foi atrás dela.

Situação 5

- P O pintor chama Cradi. A mulher chama Clabide.
 I7 Crádi, Clabide. Crádi, Clabide.
 P Tá bom?
 I7 Tá. Crádi começou pintar a parede com tinta branca. E Cradi veio pra...
 P Clabide.
 I7 Clabide. Clabide veio para ver... a cor da parede, mas ela não gostou a branca e ela sugeriu pintar com outra cor.

Situação 6

- P A mãe chama Raclata.
 I7 Raclata.
 P E o filho chama Pocrato.
 I7 Pocrato. Raclata mandou filho... organizar... quar/
 P E o filho como chama?
 I7 Ah... Raclata mandou Pocrato... arrumar o quarto dele, mas no início, ele não obedeceu.
 P Ele?
 I7 Mas no início Pocrato não obedeceu mãe. Mas a mãe convenceu Pocrato. E... Pocrato começou a organizar... a roupa dela... a roupa do Pocrato. E... ah, esqueci nome.
 P Raclata.
 I7 Raclata elogiou o Pocrato.

Situação 7

- P A mãe chama Ricra. O filho chama Mucar.
 I7 Mucar, Ricra. A Ricra decidiu fazer um bolo.
 P Mucar...
 I7 Mucar ajudou a Ricra. O bolo ficou pronto. A Ricra colocou... o bolo no forno enquanto Mucra...
 P Mucar.
 I7 Mucar esta vendo.

Situação 8

- P A mulher de verde chama Carfeira.
- I7 Carfeira.
- P A mulher de rosa chama Pocrá. A faxineira chama Gocás.
- I7 Três não posso...
- P Carfeira.
- I7 Carfeira.
- P Pocrá.
- I7 Pocrá, Carfeira.
- P Gocás.
- I7 Gocás. Carfeira, Pocrá, Gocás. Carfeira e Gocás fizeram... muitas compras.
- P Pocrá. Gocás é a faxineira.
- I7 Carfeira e Pocrá fizeram muitas compras. E... Pocrá e Carfeira queria comprar mais, mas... Carfeira?
- P Gocás.
- I7 Gocás estava limpando chão... em frente do... da loja. E... Carre... ahm?
- P Carfeira.
- I7 Carfeira e Pocrá tinha que esperar limpeza.